

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

SET/OUT 1978

ANO LXXXII

Quatro séculos de pecuária



SEU GADO MERECE UM BOM VERMÍFUGO



RIPERCOL* L

LEVAMISOL
ANTELMÍNTICO DE AMPLO ESPECTRO E DUPLA AÇÃO



ALAVOURA

Órgão oficial da Sociedade
Nacional de Agricultura

A mais antiga revista agrícola
do Brasil

Circula desde 1897

ANO LXXXII

SET./OUT.

1978

"A LAVOURA" — Fonte de informações
da AGRIS — Sistema internacional de in-
formações para ciências agrícolas e tecnolo-
gia (FAO-IICA-CIDIA).



Diretor

Carlos Arthur Repsold
Engenheiro-Agrônomo

Crea 12.090-D
5.ª Região

Diretor

Redator-chefe

Rufino D'Almeida Guerra Filho
Registro Jornalista
Profissional n.º 3484

Assessor

Carlos Alberto P. Soares

Comissão Técnica

Luiz Guimarães Júnior
Charles F. Robbs
Jayme Lins de Almeida
Octavio Mello Alvarenga

Os artigos assinados são de inteira
responsabilidade de seus autores.

EXPEDIENTE

Redação e Administração:

AV. GENERAL JUSTO, 171 — 2.º andar
— ZC-39 — RJ

CAIXA POSTAL: 1245 — RIO — RJ

FONES: 242-2981 — 242-7950

Composição e impressão:

JET PRESS, uma divisão da Editora Lidador Ltda.

Rua Paulino Fernandes, 58

FONES: 266-7179 e 266-4105

Rio de Janeiro — RJ

Colaboradores da SNA

Geraldo Oliveira Lira	Chefe da Secretaria
Sylvia Maria da Franca	Bibliotecária-Chefe
Jacira Rocha de Araújo	Assistente de Secretaria

ALAVOURA

Quatro
séculos de
pecuária

NOSSA CAPA

*Carro-de-bois no
Pantanal de Mato
Grosso na época
das cheias (Foto de
Luiz Cláudio Marigo)*

mudança radical

Participando do ciclo de palestras promovido pelo Clube de Engenharia sobre os "Grandes Temas do Comércio Exterior", o economista Affonso Celso Pastore, professor da Universidade de São Paulo e superintendente da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior, afirmou que a política imposta à agricultura nos últimos anos está a exigir uma mudança radical, tanto para os produtos de consumo interno como para os de exportação. Caso contrário — ressaltou — as atividades do campo continuarão estagnadas e mesmo em retrocesso.

Na opinião de Pastore, a diminuição da produção dos principais produtos de consumo doméstico, especialmente feijão, arroz, cebola e outros não se deve a problemas climáticos mas essencialmente à baixa remuneração recebida pelos produtores. Acrescentou que apesar das aparências em contrário, também a agricultura voltada para a exportação não tem registrado avanços que lhe seriam naturais, já que os agricultores não têm condições de investir em tecnologia para aumentar sua produtividade.

Segundo Pastore, o Governo deveria acabar com todos os controles, deixando funcionar a lei do mercado. Seria uma decisão política amadurecida — frisou — pois implicaria até na extinção dos órgãos controladores e tabeladores como a Sunab e o CIP (Conselho Interministerial de Preços).

Reconhecendo que tal medida tem muitas implicações, sobretudo na elevação dos preços dos produtos alimentares, com a conseqüente alta do custo de vida e de pressão inflacionária, Pastore disse que isto seria contrabalançado, de início, por um subsídio deliberado aos gêneros alimentícios para a população de baixa renda, através da instituição de lojas (por que não cooperativas de consumo?) ou cupons distribuídos aos assalariados para a aquisição de alimentos subsidiados, citando o exemplo dos *food stamps* (cartões alimentares) utilizados em determinada época pelos Estados Unidos.

Para os produtos destinados à exportação, haveria uma nova orientação em termos de remuneração aos produtores, com a adoção de uma política cambial realista capaz de assegurar preços mais estimulantes para suas colheitas.

Paralelamente a essa mudança cambial, o Governo deveria baixar as alíquotas de importação, ou eliminar os atuais entraves à aquisição de mercadorias externas que oneram a atividade agrícola. O setor — conforme Pastore — é enormemente penalizado com essa política de restrição às importações, pois a maioria dos insumos são importados com taxas elevadas, que se refletem nos preços que lhes são oferecidos, sobretudo os fertilizantes, indispensáveis ao aumento da produtividade.

Simultaneamente a essas medidas, o Governo deveria eliminar de vez ou gradativamente os incentivos fiscais às exportações de produtos industrializados, tornados desnecessários ante uma política cambial mais realista e a uma orientação de maior prevalência às leis de mercado.

Como se vê, trata-se de um depoimento extremamente sério, que não poderá ser ignorado — às vésperas da transição administrativa do país — pelos que irão assumir os destinos da nação. Persistir nos erros e discriminações até aqui praticados contra a agricultura, será conduzir o Brasil para o imprevisível, embora o Ministro Simonsen ache que "as caras mudam, mas as idéias ficam".



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897 - RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI Nº 3549 DE 16/10/1918

END TELEG. VIRIBUSUNITIS
CAIXA POSTAL 1245

AVENIDA GENERAL JUSTO 171-2º

RIO DE JANEIRO - BRASIL

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente: GILBERTO CONFORTO
2.º Vice-Presidente: JOSÉ RESENDE PERES
3.º Vice-Presidente: GERALDO GOULART DA SILVEIRA
4.º Vice-Presidente: OTTO LYRA SCHRADER
1.º Secretário: CARLOS INFANTE VIEIRA
2.º Secretário: OCTÁVIO MELLO ALVARENGA
3.º Secretário: JOÃO BUCHAUL
1.º Tesoureiro: PAULO AGOSTINO NEIVA
2.º Tesoureiro: JOÃO DE SOUZA CARVALHO
3.º Tesoureiro: JOÃO CARLOS FAVERET PORTO

DIRETORIA TÉCNICA

Aldo Alves Peixoto
Almiro Gonçalves de Castro
Arthur Mendes de Castro Barbosa
Carlos Arthur Repsold
Fausto Aita Gai
Flávio da Costa Brito
Hélio Raposo
João Carlos de Souza Carvalho
José Antonio Christovão
Luiz Guimarães Júnior
Luiz Guimarães Neto
Paulo Augusto P. de Carvalho
Roque Barbosa
Rubem Fontes Marsillac
Rufino D'Almeida Guerra Filho

VITALÍCIOS

Geraldo Goulart da Silveira
Otto Frensel

COMISSÃO FISCAL

Efetivos

Amaro Cavalcanti
José Carlos Ferreira Campelo
Arnaldo Melo Leitão

Suplentes

José Teixeira Garcia
Adalberto da Silva Carneiro

Sócio Correspondente em
Portugal:

Prof. Domingos Rosado Victoria
Pires

Sócio Correspondente no
Canadá:

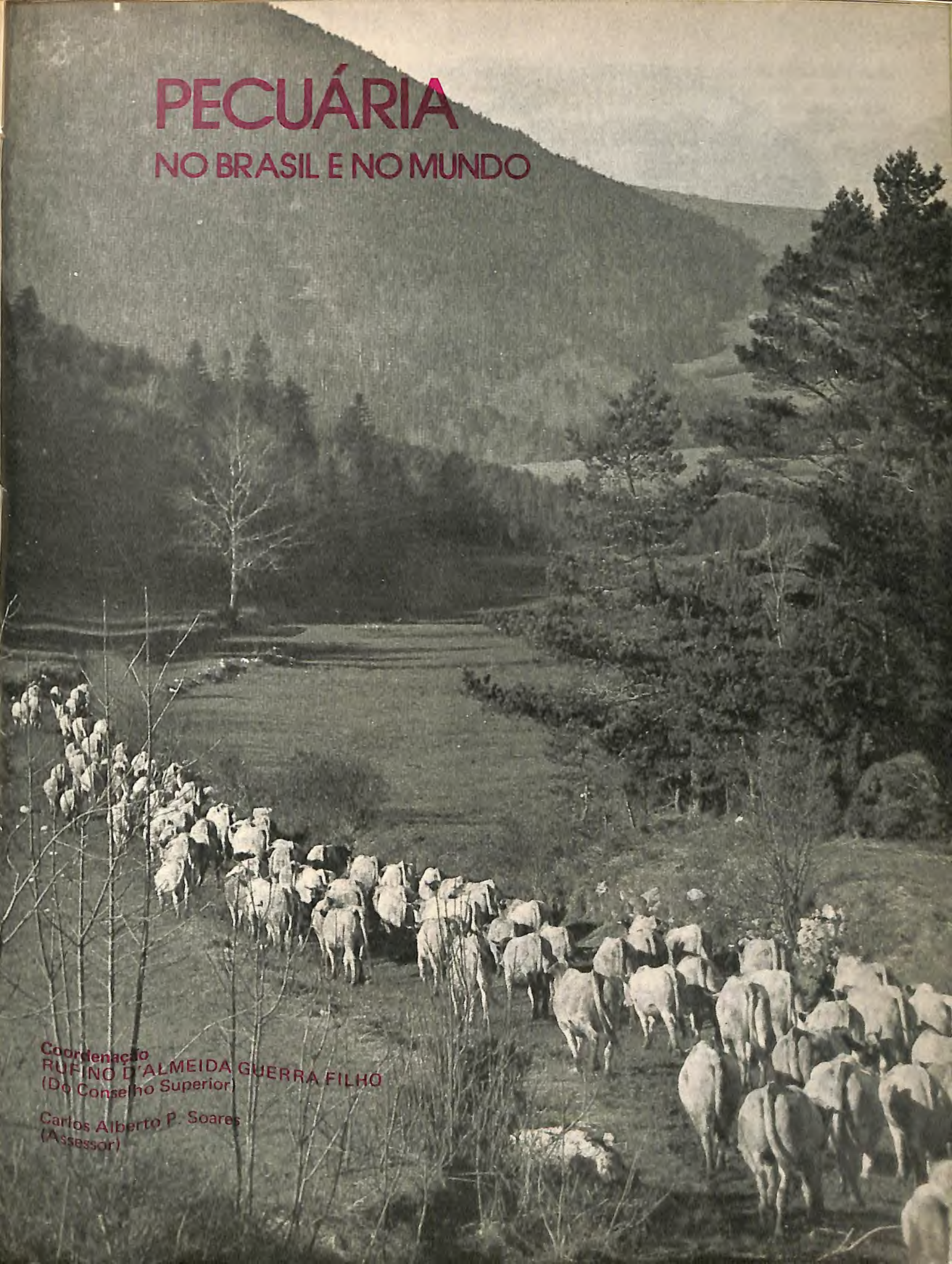
Dr. Francisco Soto Ravisé

CONSELHO SUPERIOR

CADEIRA	PATRONO	TITULAR
1	Ennes de Souza	Raphael da Silva Xavier
2	Moura Brasil	Fausto Aita Gai
3	Campos da Paz	Geraldo Goulart da Silveira
4	Barão de Capanema	Hélio Raposo
5	Antonino Fialho	Luiz Marques Poliano
6	Wenceslão Bello	Armênio da Rocha Miranda
7	Sylvio Rangel	João de Souza Carvalho
8	Pacheco Leão	João Buchaul
9	Lauro Müller	Carlos Arthur Repsold
10	Miguel Calmon	Edmundo Campelo Costa
11	Lyra Castro	Paulo Agostino Neiva
12	Augusto Ramos	Edgard Teixeira Leite
13	Simões Lopes	Luiz Simões Lopes
14	Eduardo Cotrim	
15	Pedro Osório	Luiz Fernando Cirne Lima
16	Trajano de Medeiros	
17	Paulino Cavalcanti	Luiz Guimarães Junior
18	Fernando Costa	Rufino D'Almeida Guerra Filho
19	Sergio de Carvalho	Jalmirez Guimarães Gomes
20	Gustavo Dutra	Oswaldo Ballarin
21	José A. Trindade	Carlos Infante Vieira
22	Ignácio Tosta	João Carlos Faveret Porto
23	José Saturnino Brito	Fábio Luz Filho
24	José Bonifácio	Octávio Mello Alvarenga
25	Luiz de Queiroz	José Resende Peres
26	Carlos Moreira	Charles Frederick Robbs
27	Alberto Sampaio	
28	Navarro de Andrade	Gilberto Conforto
29	Alberto Torres	Romolo Cavina
30	Sá Fortes	Otto Frensel
31	Theodoro Peckolt	Renato da Costa Lima
32	Ricardo de Carvalho	Otto Lyra Schrader
33	Barbosa Rodrigues	Carlos Helvídio A. dos Reis
34	Gonzaga de Campos	Amaro Cavalcanti
35	Américo Braga	
36	Epaminondas de Souza	Apolônio Sales
37	Mello Leitão	Armando David F. Lima
38	Aristides Caire	Milton Freitas de Souza
39	Vital Brasil	Flávio da Costa Britto
40	Getúlio Vargas	João Batista Lusardo

Sumário

Mudança radical	1
Brasil: quatro séculos de pecuária	4
Durval Garcia de Menezes: pecuarista e zootécnico	9
Brasil vai exportar zebu	14
Nossa experiência com a raça Chianina	15
Vermínose bovina	20
Nova técnica para combater câncer nos olhos	22
Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte	24
Itálva melhora seleção de Guzerá	26
O Canchim e sua utilização em cruzamentos	28
Mais de 50 países se beneficiam da tecnologia de inseminação artificial do Canadá	30
Raça bovina adaptável das montanhas galesas	35
Mosaico cooperativista	38
Mirante	42
Avicultura em foco	44
A moderna indústria avícola da Grã-Bretanha	46
Amendoim: inimigos da parte aérea	48
Livros e Publicações	52
O arroz no Estado do Rio de Janeiro	55
Baianos vão criar peixes nas antigas salinas da Margarida	57
A vez da agricultura	58
Notícias e informações do Brasil	60
Notícias e informações internacionais	63



PECUÁRIA

NO BRASIL E NO MUNDO

Coordenação
RUFINO D'ALMEIDA GUERRA FILHO
(Do Conselho Superior)

Carlos Alberto P. Soares
(Assessor)



BRASIL: quatro séculos de pecuária

Helio de Almeida Brum
(Especial para A LAVOURA)

A criação bovina no Brasil surgiu com a instalação dos primeiros engenhos, ligando em seguida o litoral ao sertão, ocupando a vasta extensão do território, dando suporte alimentar aos centros de mineração do interior, povoando os ermos e disseminando por todos os quadrantes o pastoreio e seu modesto, porém infatigável lidador, o vaqueiro.

Razão têm, pois, os nossos melhores historiadores econômicos em, ressaltando o seu papel, destacarem a sua contribuição na ocupação da terra e no povoamento do interior.

Capistrano de Abreu, em estudo pioneiro e ainda clássico, condensando e analisando a obra dos primeiros cronistas e estudiosos que o antecederam, mostrou em conceitos que ficaram o papel integrador das boiadas em suas longas marchas, através do São Francisco — o rio dos currais, expandindo na direção norte-sul o criatório vacum.

Simonsen, em outra obra básica para se compreender a formação social, que se constituiu no país e que nos assegurou e legou a grande área de hoje, bem destacou os fatores econômicos ligados à pecuária.

Calógeras, incisivo e sereno, lembrava sempre como o gado havia encontrado condições favoráveis de desenvolvimento, não só nos sertões nordestinos, como na sua expansão pelas Gerais.

Aurélio Porto, por fim, em conceitos lapidares, mostrou como o gado introduzido em São Vicente, em 1534, foi pelas missões jesuítas, pela geografia do gado, pela contribuição étnica do tape e pelo fluxo colonizador, que vinha de São Paulo, Laguna e Rio de Janeiro, o casco da pecuária riograndense.

Vasta herança de usos e costumes, feiras e cidades, toponimos, caminhos e estradas, legaram um acervo histórico, que se tornou patrimônio nacional.

O balizamento das fronteiras no sul e no longínquo oeste, também contou com a inestimável ajuda da pecuária.

O fato tangível e material a se destacar é que a criação de gado pelos liames que estabeleceu através dos amplos sertões e do seu peculiar tipo de atividade se constituiu por formar uma espécie de tecido cartilaginoso do vasto organismo nacio-

N.R. — O Dr. Helio de Almeida Brum é advogado e especialista em Economia Rural. Durante largo período desempenhou funções de direção e assessoria superior na Confederação Rural Brasileira, Serviço Social Rural, Instituto Brasileiro do Café, Ibra, Sunab e Confederação Nacional do Comércio. É diplomado pela Escola Superior de Guerra. A convite da SNA, pronunciou a palestra que A LAVOURA ora reproduz, durante a sessão especial de 30.08.78 do Conselho Superior da entidade.

nal. Tecido que o ligou e o integrou num só corpo, resistente ao tempo físico e aos obstáculos materiais antepostos pelos homens ou pela natureza.

Sendo o gado crioulo resultante de estoques raciais na maior parte ibéricos, ainda que na época holandesa houvesse contribuições dessa origem, houve a formação de algumas raças nacionais, por um processo de seleção natural e de sucessivas adaptações a diferentes condições de solo e clima.

Assim, dentre elas, convém citar o caracu, o môcho, o sertanejo, o china, o curraleiro, o franqueiro, o pantaneiro ou cuiabano.

Este era o gado existente no Brasil, na maior parte de seus centros criadores, destinando-se, conforme o uso, para trabalho (os bois de tração e carga), para corte e para o leite.

Só a partir de 1870, com maior frequência vieram a se amiar as importações de raças européias e asiáticas, umas destinadas a melhorar o gado de leite nacional (preocupação da nascente indústria de laticínios) e outras visando o melhor aproveitamento econômico da carne, pela engorda mais rápida ou mesmo qualidade do couro.

A este respeito, merece especial destaque a introdução em larga escala do gado zebu ("bos indicus"), enquanto o nosso é "bos taurus", a partir do último decênio do século passado. Foram seus introdutores criadores fluminenses, baianos, paulistas e mineiros, principalmente estes últimos que, com o denodo e a pertinácia de sua gente, constituíram no Triângulo Mineiro o núcleo de expansão das raças mais conhecidas como o GIR, o GUZERÁ, o NELORE, a variedade Indubrasil aqui fixada e ultimamente o Red Sindhi, de maior aptidão leiteira, além de alguns búfalos.

Só nas últimas décadas do século XIX, já no Brasil Império, a iniciativa particular começou a organizar-se para melhorar a qualidade e os rendimentos econômicos do rebanho nacional.

As importações de zebras se realizavam predominantemente para o Brasil Central, Rio de Janeiro e Bahia, enquanto para o Rio Grande do Sul se encaminhavam reprodutores das raças inglesas de corte, pela influência platina e condições favoráveis de solo e clima.

A experiência no Rio Grande do Sul, com ótimas pastagens naturais e excelência do meio ambiente — clima temperado, estações definidas e precipitação pluviométrica média anual de 1.500 mm, foi vitoriosa, levando a que aquele Estado multiplicasse consideravelmente seus efetivos pecuários.

O gado Hereford, notável pela sua capacidade de engorda e boa cobertura de carne no lombo, garupa, quartos trazeiros e paleta, tornou-se pela sua rusticidade, a raça de corte mais criada no Sul do País.

A Devon, Aberdeen, Angus, a Shorthorn ou Durhan, hoje um tanto abandonada, o francês Charolês e modernamente a Santa Gertrudis, variedade de origem americana, são as espécies mais representativas do rebanho sulino.

Nas demais regiões, principalmente no Sudeste e no Centro Oeste, o zebu se tornou o gado mais comum, ainda que existam rebanhos com tipos europeus ou taurinos, como os das raças Charolêsa, Red Polled e ultimamente os das raças italianas — Chianina, Marchigiana, Romagnola, bem como os mestiços destas correntes de sangue como os zebuínos ou mesmo as variedades nacionais cuja disseminação se processa. Estão neste caso para o corte o gado Canchim (Charolês x Zebu), notável pela rusticidade, resistência e ganho de peso, com carne magra, além de diversos outros cruzamentos industriais, partindo ora do gado europeu ora do gado indiano, em mestiçagens definidas, segundo os fins econômicos desejados.

O grande desenvolvimento obtido pela pecuária na época contemporânea, partindo daqueles primitivos rebanhos povoadores dos sertões se fez, como vimos, em regime puramente extensivo, quase em condições de indústria extrativa, cujos padrões não encontram mais possibilidade econômica de sobrevivência.

Assim, nota-se a preocupação geral por uma política racional de pecuária que leve em conta a realidade histórica de um processo produtivo, incrustado em quatro séculos de atividade e o extraordinário potencial do País — de extensão continental e passível de povoamento em todas as latitudes, com bovinos de diferentes origens e raças, pois existem todos os ambientes e condições naturais.

Estariam assim justificados os esforços e sacrifícios dos séculos passados, preservando um estoque de gado de clima tropical ou temperado, pronto a receber os frutos de um sistema mais moderno de tecnologia, que permita a elevação da capacidade de suporte das pastagens, o aumento do desfrute dos rebanhos e a redução da idade de abate dos novilhos — de maior utilidade econômica para os produ-

SÓ O CONTROLE LEITEIRO OFICIAL PODERÁ LHE DAR GARANTIA

Não basta o touro ser Guzerá, Gir ou Pitangueiras!
Se não forem de alta seleção leiteira... as filhas
poderão ser lindas, rústicas, mas de péssima produção.
Defenda seu rebanho. Escolha melhor o touro.

G(kg)	%	CRIADOR	Lact.	Dias	L(kg)	G(kg)	%
RAÇA GUZERÁ							
156,9	5,14	José Osorio de Azevedo Jr.	14	298	2.387	124,9	5,23
149,6	5,20	José Resende Peres	11	288	3.747	199,8	5,33
152,5	5,01	João Carlos Burguês de Abreu	6	226	2.870	135,4	4,72
103,4	4,64	Allyrio Jordão de Abreu	6	241	2.537	138,5	5,46
61,3	4,30	S.A. Cortume Carioca	1	134	1.214	58,9	4,85
RAÇA GIR							
99,5	4,12	Francisco F. Barreto	173	273	2.484	123,9	4,99
79,2	3,79	Gabriela de Oliveira Costa	79	291	2.606	130,0	4,99

As maiores médias de 1974
"Anuário dos Criadores"
Ano XVI - N.º 16 - pág. 124

Estância Kankrej — São Pedro dos Ferros — MG
Informações no Rio: Dr. J. R. Peres — 265-3654
Altas lactações sob controle oficial da ABC

tores e melhores condições de abastecimento aos consumidores.

A CONJUNTURA

Na visualização do quadro atual do estado da pecuária nacional é importante apurar-se como se apresenta distribuída e sua linha de tendência no crescimento.

Os últimos dados disponíveis são aqueles da *Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de 1975*, o primeiro que se efetua atendendo à nova legislação, que reduziu de 10 para 5 anos, o intervalo desses levantamentos. Fato por todos os títulos salutar na acompanhamento da economia.

A *Conjuntura Econômica*, em seu número 16 referente ao mês de junho, contém estudo especial sobre o assunto, de onde retiramos a Tabela abaixo:

Brasil — setor agropecuário — efetivo da pecuária — cabeças existentes — 1970 e 1975

Especificação	Brasil	Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Bovinos						
1970	78 562 250	1 706 177	13 805 921	26 845 044	18 953 024	17 252 084
1975	100 833 919	2 097 329	17 889 659	34 992 788	21 421 267	24 432 876
% de variação	28,35	22,93	29,58	30,35	13,02	41,62

Fonte: IBGE.

Os números então apurados davam à época, isto é, 1975, pois a coleta começou em abril de 1976, portanto há pouco mais de dois anos, um rebanho aproximado aos 101 milhões de cabeças. Considerando a cifra de 1970 (78.562.250) teria havido um crescimento de praticamente 28% em cinco anos, o que é índice bastante expressivo.

Das diferentes regiões produtoras sobressaíram o Centro-Oeste, com a elevação de 42%, Sudeste 30% e Nordeste 30%. Dos Estados que mais desenvolveram a sua pecuária no período, destacou-se Rondônia com 122% (surto de desenvolvimento também minerador e populacional), Acre 64%, Goiás 62% (expansão dos financiamentos pelo POLOCENTRO) e Espírito Santo 51%.

As possibilidades do País determinaram ainda que os mercados mundiais voltassem suas vistas para o Brasil, considerado um dos maiores potenciais de pecuária de corte. Esta perspectiva de grandes negócios no setor aumenta consideravelmente com o particular interesse do Banco Internacional de Reconstrução e Desen-

volvimento — BIRD, que está financiando o incremento da produção brasileira nas regiões mais favoráveis, tendo já fornecido recursos da ordem de 220 milhões de dólares para os chamados projetos I, II e III, em execução no Rio Grande do Sul (I); Mato Grosso, Paraná e São Paulo (II); Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais (III).

Também estão sendo investidos recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, por intermédio do CONDEPE (Conselho de Desenvolvimento da Pecuária), beneficiando, neste caso, pequenos criadores da Bahia (projeto IV), Espírito Santo (projeto V) e certas regiões de Minas Gerais (projeto VI).

Esses projetos visam a transformar o Brasil em um dos maiores e mais eficientes produtores de carne bovina do mundo, com vistas não somente ao abastecimento do mercado interno, mas também dos grandes centros consumidores da Europa e outros continentes.

Assim, a projeção do criatório deveria ter levado nos tempos modernos à melhor organização econômica de sua produção e

em consequência, dupla aptidão reforçada — no abastecimento interno e nas correntes de exportação.

Infelizmente, tal não se deu, por falta de uma política definida de pecuária, que por significar a programação econômica de um setor biológico, deve ter prazos e medidas acordes com os seus ciclos vitais. Lastimável que decisões esporádicas orientadas principalmente por medidas de ordem monetarista, hajam contribuído no passado e ainda no presente por ocasionar desestímulos e desorientação.

Esta situação foi agravada no interior nos últimos dois anos por considerável abate de matrizes, ocasionando desfalques atuais e futuros nos rebanhos destinados ao abastecimento.

Retrato fiel desta falha se traduz no quadro junto — "Importação de carnes de bovinos, segundo os países de procedência" — 1975/1978 (jan/abril).

Estas correntes de importação foram estendidas por medidas recentes para a Austrália, o Mercado Comum Europeu e até a Irlanda.

O "Prognóstico Precursor 78/79", elaborado pelo Grupo de Informação Agrícola (GIA), da FGV, mostra que o Brasil será obrigado a importar cada vez mais carne, ainda este ano, quando a conjuntura internacional é de preços ascendentes. Isto quer dizer, que internamente existe uma política de compressão dos preços de produtos pecuários, enquanto no exterior a realidade de mercado é inteiramente oposta.

A situação da escassez interna motivada pela perspectiva de preços crescente, a





impotência de estoques da COBAL, e os elevados preços do mercado internacional — são os fatores que delineiam um quadro conturbado para os próximos doze meses no mercado interno de carne bovina.

A composição dos interesses dos diversos segmentos na comercialização da carne bovina foi equacionada pelo Governo. Optou-se por dois fluxos distintos de comercialização. O primeiro, um produto oriundo do estoque governamental de carne (nacional ou importada) e dos frigoríficos, é realizado a preços tabelados pelos supermercados. O segundo, através dos açougues, a preços livres, tem o produto fornecido exclusivamente pelos frigoríficos, a preços também livres.

O objetivo seria permitir aos atacadistas compor um preço médio compatível com o mercado num mesmo passo que se conseguisse fornecer ao consumidor produto em níveis de venda adequados ao objetivo anti-inflacionário.

A recente medida de tabelamento de lucro dos açougues em 20%, ainda mais complicou o problema, pois como que numa reação em cadeia estes estão a exigir dos frigoríficos carne limpa, sem as perdas conseqüentes ao sebo e outros desperdícios.

O esquema é penoso de se manter, uma vez que as disponibilidades físicas de carne, tanto internas como externas, são insuficientes. Acresce que o Governo determinou a destinação exclusiva aos supermercados do Rio e de São Paulo de 90% do produto originário de importações e do estoque regulador.

Ora, como está a se ver, a confusão e as possibilidades de fracasso das medidas tomadas são muito grandes.

Uma análise objetiva da problemática pecuária demonstra que chegamos a este ponto preocupados com decisões episódicas, que atacassem pontos conjunturais do abastecimento de carne, deixando marginalizados os aspectos muito mais importantes de uma política estrutural. Isto porque a pecuária é naturalmente, segundo a concepção da zootecnia e da economia agrária, uma atividade biológica cíclica, que deve ser atacada por política definida num período mínimo de sete anos.

Este caráter cíclico possibilita maior confiabilidade nas previsões relativas ao comportamento futuro do mercado.

Conforme o estudo da FGV, o ano de 1977 marcou o fim do ciclo pecuário iniciado em 1969. Estamos hoje numa situação inversa daquela com expectativas de preços altos e demanda ascendente em todos os mercados.

Deste modo, impõe-se uma série de medidas corretivas, a curto e médio prazos, capazes de recompor a posição brasileira como fornecedor potencial de carnes aos mercados do mundo.

**IMPORTAÇÃO DE CARNES DE BOVINOS, SEGUNDO OS PAÍSES DE PROCEDÊNCIA
1975 — 1978 (jan/abril)**

Discriminação	Quantidade (toneladas)				Valor (US\$ 1000/FOB)			
	1975	1976	1977 *	1978 *	1975	1976	1977 *	1978 *
Carnes de bovinos, frescas ou refrigeradas, com osso	6.539	12.578	27.842	40.763	3.788	8.491	23.953	30.872
Uruguai	6.521	12.578	27.842	40.763	3.739	8.491	23.953	30.872
Angola	18	—	—	—	49	—	—	—
Carnes de bovinos, frescas ou refrigeradas, sem osso ou desossada	1	—	—	—	3	—	—	—
Argentina	1	—	—	—	3	—	—	—
Carnes de bovinos, congeladas c/osso	6.987	3.724	1.400	500	3.928	2.306	828	395
Uruguai	6.943	3.724	1.400	500	3.852	2.306	828	395
Argentina	37	—	—	—	65	—	—	—
Grécia	7	—	—	—	11	—	—	—
Carnes de bovinos, congeladas, sem osso ou desossada	10.446	6.345	4.080	2.620	6.776	4.666	3.864	2.138
Uruguai	10.232	4.422	1.450	2.620	6.468	3.276	1.421	2.138
Argentina	3	1.923	2.630	—	5	1.390	2.443	—
Grécia	211	—	—	—	303	—	—	—
Carnes de bovinos, salgadas ou em salmoura, secas ou defumadas (exclusive charque)	4	—	—	—	10	—	—	—
Uruguai	4	—	—	—	10	—	—	—
TOTAL	23.977	22.647	33.322	43.883	14.505	15.463	28.645	33.405

FONTE: Banco do Brasil — CACEX

* Importação autorizada nas guias pela CACEX; 1978 inclui jan/abril.

O que os olhos não vêem...



Sementes de colômbio com 40% de germinação, 20% de pureza e 8% de Valor Cultural.



Sementes de colômbio com 40% de germinação, 50% de pureza e 20% de Valor Cultural.

...o laboratório da Agrocerec separa.



Ao comprar sementes de forrageiras comuns, você compra muitas surpresas. Compra pedriscos, sujeira, sementes chochas e outras impurezas. Compra, também, a chance de futuras dores de cabeça ao ver o campo todo semeado, mas com muito pouca germinação... Um verdadeiro pasto de pragas ou ervas daninhas.

Quando as forrageiras são Agrocerec, entretanto, a situação é outra. Sementes de primeira linha, de origem garantida, analisadas em laboratórios próprios e beneficiadas. E é exatamente esse olho clínico de técnicos e equipamentos de precisão que leva qualidade e economia aos pecuaristas que decidem pela Agrocerec.

QUALIDADE porque nossos laboratórios são oficializados e garantem a pureza e a germinação de nossas sementes de forrageiras, comprovando até

mesmo a eliminação das impurezas que escapam a um detalhado exame a olho nu. E isso quer dizer altas porcentagens de germinação e excelente Valor Cultural.

ECONOMIA porque com sementes de Valor Cultural elevado gasta-se menos sementes por unidade de área, ou seja, menos dinheiro na compra, no transporte e no plantio.

O que os olhos não vêem o coração não sente, diz o velho provérbio. Mas o seu bolso e o seu rebanho podem sentir, e muito. Na hora de fazer o melhoramento das pastagens de sua propriedade, gane tempo e dinheiro: procure a Agrocerec.

AGROCERES

sementes e defensivos[®]

SÃO PAULO: Av. Vieira de Carvalho, 40 - 3º andar - Caixa Postal 30.723 - fones 222-8522 (PABX) e 223-3620/223-3912 (Vendas direto) - RIBEIRÃO PRETO (SP) Av. Coronel Quito Junqueira, 100 - Campos Elíseos - fone 34-5721 - BELO HORIZONTE (MG) Rua Rio Grande do Sul, 431 - fone 35-6281 - LONDRINA (PR) Av. Paraná, 453 - 12º andar - conj. 1201 - fone 22-4309 - RECIFE (PE) Rua do Benfica, 676 - Madalena - fone 27-4021

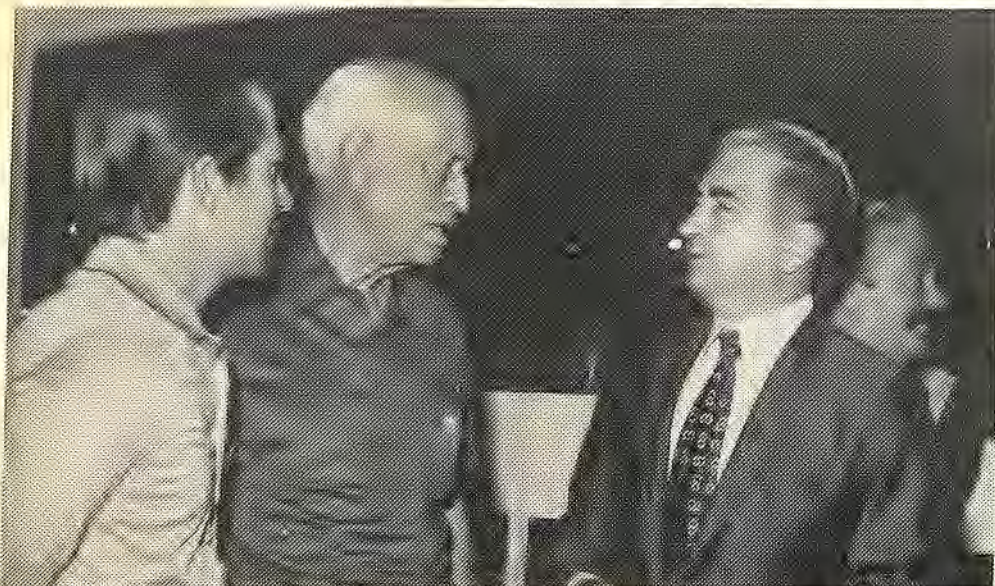


O então Governador da Guanabara, Carlos Lacerda, também foi conhecer a Fazenda Indiana, a maior realização de Durval.

**DURVAL GARCIA
DE MENEZES:
pecuarista
e zootécnico**



A obra de Durval continua. Seus filhos Paulo Ernesto e Nilza (nesta foto recebendo mais um troféu para a Indiana) assumiram, com a mesma dedicação do pai, a frente da Fazenda Indiana.



Durval Garcia de Menezes e seu filho Paulo Ernesto palestram sobre pecuária com Nestor Jost, presidente do Banco do Brasil, em Goiânia (1973).



Em visita à Fazenda Indiana, o Ministro da Agricultura da Índia impressionou-se com o plantel de Durval. Nessa foto, aparecem com o "Capricho da Indiana".

É muito recompensador para A LAVOURA contar um pouco da história de um homem que foi, sem dúvida, um marco no desenvolvimento da agropecuária brasileira: DURVAL GARCIA DE MENEZES. Um homem que soube atingir o ápice de sua carreira como técnico e como empresário.

Primeiros passos

DURVAL GARCIA DE MENEZES nasceu no Rio de Janeiro no dia 12 de junho de 1902, filho de Arthur Alfredo Garcia de Menezes e de Da. Guilhermina Isilda de Menezes.

Aqui mesmo estudou as primeiras letras, completando o curso de Engenheiro Agrônomo.

Nas numerosas missões e incumbências que lhe foram confiadas, deixou, sempre, traços inapagáveis de sua admirável formação moral, de seu caráter e de sua grande cultura técnica.

EM UBERABA — Uberaba foi objeto de especial desvelo de sua parte, a partir de 1938, quando ali esteve, já como chefe do Departamento Nacional de Fomento da Produção Animal. Convivendo intimamente com fazendeiros e pecuaristas daquela cidade, DURVAL GARCIA DE MENEZES aprendeu a estimá-los, dando aos seus esforços e às suas iniciativas aperfeiçoadoras nos rebanhos bovinos, o seu valor, além de intervir com a sua autoridade de técnico e com os seus conselhos oportunos, para a consecução de resultados mais felizes.

Foi, em grande parte, graças aos esforços de DURVAL GARCIA DE MENEZES que Uberaba deve a grande série de obras que lá foram realizadas pelo Governo federal. Em 1938, numa entrevista para o jornal vespertino *Lavoura e Comércio*, enumerava algumas obras pioneiras que ainda tinham que ser feitas em Uberaba: "O ilustre Ministro da Agricultura, Fernando Costa, compreendendo perfeitamente o valor das exposições regionais, para o incremento e melhoramento da pecuária, tomou a feliz iniciativa de providenciar a construção de um recinto para a realização das futuras exposições na cidade de Uberaba. Ela foi a escolhida não somente por ser o maior centro criador de gado bovino indiano, como, também, por ser o centro em que se congregam todos os criadores do Triângulo Mineiro como, ainda, por ser o ponto irradiador de onde deverão partir todos os ensinamentos referentes ao melhoramento do gado indiano, não só com referência a este, como também, com referência ao aperfeiçoamento do já tão afamado tipo Indubrasil.

Com essa feliz e alta visão, surgiu a idéia da instalação, em Uberaba, de um recinto construído de acordo com a técnica moderna, com todas as acomodações e instalações indispensáveis a certames

dessa natureza. O Ministro da Agricultura, com a colaboração preciosa da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro e do Prefeito municipal, obteve deste a doação de uma área de terra para a construção da feira.

A fim de dar imediato início às obras de construção desse recinto, foram solicitadas ao Departamento Nacional de Produção Animal, as providências relativas ao projeto dessa construção e o levantamento do local, para a construção de arquibancadas, pista de desfile, estábulos para 500 bovinos, cavalariças para 200 equídeos, pocilgas, aviários, seções de apicultura, pavilhão destinado às indústrias da pecuária, com todos os seus produtos e subprodutos de origem animal, produtos que servirão para demonstrar clara e precisamente o valor da pecuária brasileira no desenvolvimento geral de nossa economia."

Fazenda experimental

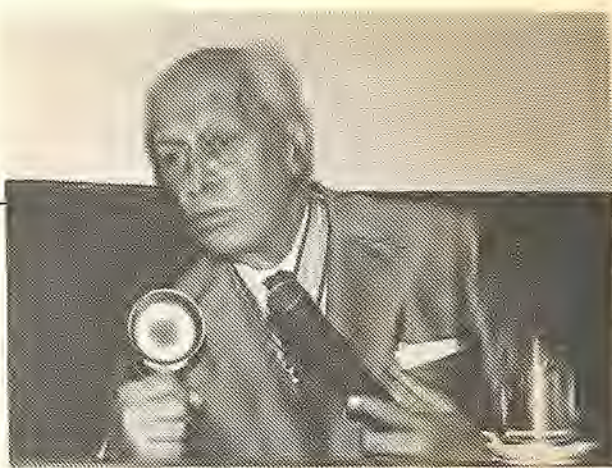
A Fazenda Experimental de Criação, instalada pelo governo brasileiro, em Uberaba, teve como objetivo principal, naquela ocasião, a criação e a seleção de gado bovino indiano, das raças Gir, Guzerá e Nelore e do tipo Indubrasil. Naquela época, graças aos serviços de apoio de DURVAL GARCIA DE MENEZES, a Fazenda Experimental de Criação já contava com os plantéis constituídos das raças acima citadas, cujo número se achava assim distribuído: Gir, 30 cabeças; Guzerá, 36 cabeças; Nelore, 44 cabeças; Indubrasil, 65 cabeças. Esses reprodutores foram adquiridos entre os exemplares melhores e mais puros, existentes em Uberaba e Conquista, e nos Estados do Rio, de Minas e Bahia.

DURVAL GARCIA DE MENEZES disse, naquela ocasião, que "o esforço empregado pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro na formação desses plantéis foi notório pois, graças ao espírito alevantado de seus sócios, pondo à disposição dos técnicos do governo nacional os seus melhores animais, numa compreensão verdadeira do valor que terá para todos a vitória antecipadamente certa das finalidades zootécnicas desse estabelecimento, conseguiu a Fazenda Experimental, em curto prazo, reunir uma famosa coleção de animais da mais perfeita estirpe, da mais alta linhagem."

Apelo aos pecuaristas: registro genealógico

Através do trabalho de DURVAL GARCIA, os primeiros frutos daquela atuação começaram a produzir grandes efeitos. Ele sentia que todo aquele seu esforço para a melhoria genética do gado brasileiro estava por tornar-se realidade. Foi quando lançou um apelo aos pecuaristas: "Lanço um veemente apelo aos amigos criadores de Zebu para que façam, sem demora, a inscrição de

seus animais no Registro Genealógico das Raças Bovinas Indianas de Uberaba, mantido pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, para que possamos, no mais curto prazo possível, contar com elementos genealógicos seguros para o melhoramento de nosso Zebu, de sangue tão generoso, de tanto valor no reerguimento de nossos rebanhos."



DURVAL GARCIA DE MENEZES

Dados biográficos

Nascido no dia 12 de junho de 1902, no Rio de Janeiro, diplomou-se em Engenharia Agrônômica em 1926. Nesse mesmo ano foi nomeado Ajudante-Agrônomo do Posto Zootécnico de Pinheiro. Posteriormente, foi transferido para a Fazenda Modelo de Santa Mônica (RJ), onde assumiu interinamente sua direção.

Foi nomeado, em 1933, Sub-Assistente da Diretoria de Fomento da Produção Animal, da Diretoria Geral de Indústria Animal do MA; no mesmo ano passou a Assistente Técnico da referida Diretoria.

Compôs, em 1934, a comissão encarregada de adquirir reprodutores na Europa e nos Estados Unidos. Nesse mesmo ano assumiu o cargo de assistente da cadeira de zootecnia da Escola Nacional de Agronomia, tendo sido homenageado por todas as turmas, nos diversos anos em que lecionou. Obteve o primeiro lugar nas provas escrita, oral e prática do concurso para catedrático da cadeira de zootecnia da E.N.A. Em 1926 foi designado professor do Curso de Agrônomos Regionais.

Em 1940 foi nomeado zootecnista junto à Comissão de Defesa da Economia Nacional e do Conselho Federal de Comércio Exterior, tendo chefiado, em 1943, o setor de carnes da Coordenação de Mobilização Econômica.

A partir de 1939, Durval Garcia de Menezes, como principal sócio da Fazenda Indiana Ltda., desenvolveu um cuidadoso trabalho de criação e seleção de gado. O plantel Nelore da Indiana é considerado, pelos especialistas, o melhor do Brasil.

Recebeu a medalha do Mérito Agrícola do setor de Pecuária.

Associado a diversas entidades de classe, foi membro dos Conselhos Superiores da Confederação Rural Brasileira e da Sociedade Nacional de Agricultura; sócio honorário da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro; membro do Conselho Nacional Consultivo da Agricultura e Presidente da Comissão de Pecuária de Corte da Confederação Rural Brasileira.

Apresentou diversas teses, proferiu várias conferências e palestras em inúmeros congressos pecuários. Organizou numerosas exposições de gado por todo o país, tendo sido, também, juiz em diversas outras exposições.

Dentre os trabalhos que editou, destacam-se: "O Zebu na pecuária nacional", "O Rei Zebu e Seus Aspectos Econômicos" e "O Zebu Riqueza Paulista".

Durval era casado com Da. Noêmia de Freitas Alves de Menezes, com quem teve dois filhos: Nilza e Paulo Ernesto. Faleceu no dia 22 de dezembro de 1977.

Viagem à Europa

Com o notório conhecimento de DURVAL GARCIA, ele foi designado para fazer parte da comissão de compra de reprodutores na Europa e nos Estados Unidos. Era a primeira vez, no Brasil, que se entregava tal incumbência a



O plantel Nelore da Indiana é considerado o melhor do Brasil. Nessa foto, Paulo Ernesto Menezes, sua mulher Da. Laís e o filho do casal recebem mais um troféu em Campos, das mãos de Rubem Venâncio Arêas.



Sendo agraciado com a Medalha do Mérito Agrícola.

uma comissão de técnicos. Desnecessário se faz salientar o alto gabarito dos membros da comissão de compras, não só no campo da prática da criação, como também na lida quotidiana do gado e do estudo e execução de planos zootécnicos concernentes à solução dos múltiplos problemas de pecuária, estreitamente ligados à economia nacional, como sejam: a produção e seu respectivo comércio de carnes, couros, banha, leite, peles e outros produtos e sub-produtos de origem animal.

DURVAL GARCIA disse naquela ocasião que o conhecimento dos assuntos pastoris demanda estudos de certa monta, principalmente da economia. "Tudo que tentarmos fazer, em matéria de zootecnia, deverá ser baseado no estudo econômico, não só de sua produção-qualidade, como também visando as exigências do mercado-consumo que em última análise deverá, indubitavelmente, orientar os produtores". "E, continua DURVAL GARCIA —, "até bem pouco tempo, o mercado inglês cotava melhor as carnes de maior gordura."

"No entanto, hoje, por ser de sua preferência as carnes menos gordas, procura-se na produção do boi de carne diminuir a quantidade de gordura. Assim, as diretrizes que orientarão os produtores em seu comércio, deverão ser lançadas pelos técnicos, estabelecimentos experimentais e demais organizações correlatas, inclusive a estatística, a fim de que possam lançar ao consumo aquilo que o mercado lhes exige."

"Como podemos observar, não adianta produzir barato e em quantidade, se não há cotação para esta mercadoria e se o produto procurado não é oferecido."

Zebu

Depois de adquirir reprodutores da Europa, DURVAL GARCIA DE MENEZES sentiu que deveríamos incentivar mais o nosso Zebu, tomando o firme propósito de conhecê-lo em todos os detalhes, em seus maiores centros de criação do Brasil. Na feliz e íntima convivência mantida com os criadores de Zebus de Minas, São Paulo e Estado do Rio, ele começou a admirar a excelência desse gado, tornando-se defensor de sua criação.

Em todas as fazendas que visitava, procurava sempre ouvir o criador, para formar um juízo do modo como era orientada sua exploração. Em Uberaba e cidades vizinhas, DURVAL GARCIA teve sua tarefa muito facilitada, devido justamente à Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, que pôs à disposição dele, todos os meios e recursos para que pudesse ter uma verdadeira idéia dos diferentes plantéis de Zebu e dos que o explora.

O Nelore: a grande vitória

A Fazenda Indiana possui um rebanho da raça Nelore de estirpe inigualável no Brasil. É que os conhecimentos de DURVAL GARCIA DE MENEZES, somados a uma perseverança indomável, ali foram aplicados desde 1939, quando a Granja Indiana foi adquirida pelo nosso biografado, em sociedade com Oswaldo e Renato Rocha Miranda.

Escrevendo sobre esse tipo da raça zebuina, o estudioso paulista Alberto Alves Santiago deixou alguns testemunhos sobre a importância da Fazenda Indiana no seu livro "O Nelore — Origem, Formação e Evolução do Rebanho" (Prêmio do Conselho do Fundo de Pesquisa e Fomento Zootécnico, do Departamento da Produção Animal do Estado de São Paulo, 1958).

Assinala o ilustre pesquisador que "A existência da Fazenda Indiana durante muitos anos sediada em Piraí, contribuiu para manter a hegemonia do Estado do Rio de Janeiro, no tocante à raça Nelore".

"Assumindo a direção da Fazenda Indiana, DURVAL GARCIA DE MENEZES cuidou de modificar a orientação seguida por seu antecessor, o dedicado Pedro Nunes. Encontrando excesso de animais — cerca de 900 cabeças, em área que não comportava tão grande rebanho, sua primeira ação foi proceder a rigorosa escolha nos lotes de reprodutores, destinando à venda considerável número de vacas e novilhos. Com essa providência, tinha em mira não só aliviar os pastos, mas principalmente permitir a fundação de novos centros de criação e seleção da raça Nelore, o que contribuiu decisivamente para sua expansão em diversos Estados. Seu programa de difusão da raça possibilitou a constituição de mais de quarenta núcleos, em todo o território nacional, num total de mil e cem fêmeas vendidas, em diversas épocas, reservando-se as melhores para a Fazenda, o que é perfeitamente compreensível tratando-se de estabelecimento de seleção."

Herdeiros à altura do Pai

Com o falecimento de DURVAL GARCIA DE MENEZES, em 22 de dezembro do ano passado, a Fazenda Indiana passou à direção de seus filhos, Paulo Ernesto Alves Menezes e Nilza Menezes Szechy que continuam a obra paterna, no sentido de manter, cada vez mais apurado, seu rebanho zebuino.

PRONUNCIAMENTO DE DURVAL

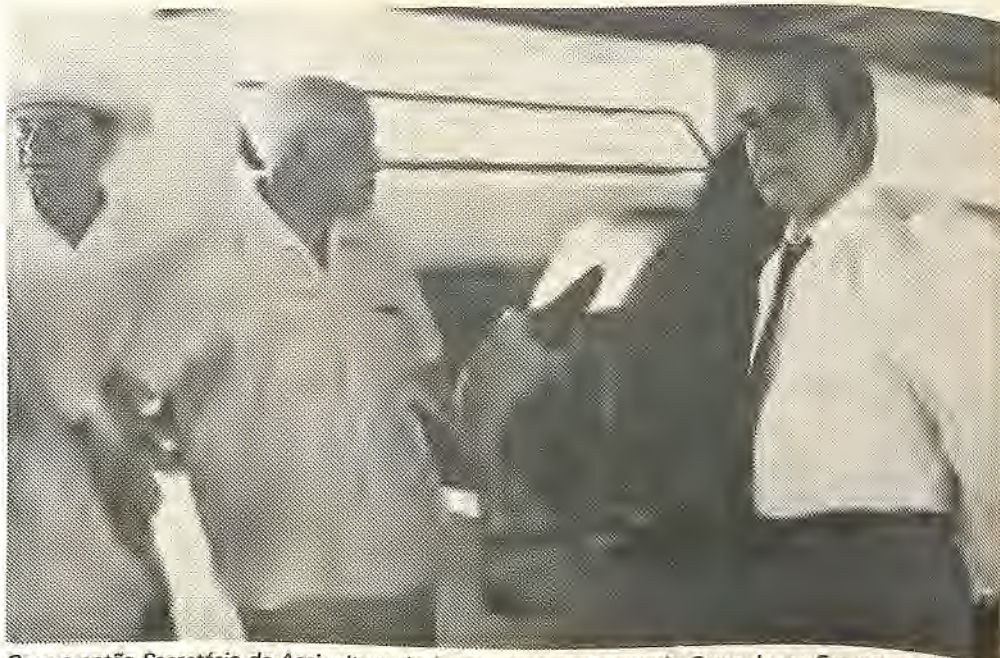
Agrônomos, veterinários e químicos agrícolas do Sul, do Centro, do Norte e de todo o Brasil, unam-se firmes, sinceramente aos criadores e fazendeiros de todos os recantos próximos ou longínquos do Brasil para, de mãos dadas, num só bloco, com o pensamento concentrado na grandeza e prosperidade de nossa Pátria, movimentarmos, com vigor indestrutível, a forma propulsora de nossa hegemonia econômica, que há de surgir, do âmago e da superfície da terra, em novas fontes de riqueza transformando as indústrias de origem do solo e as explorações agropecuárias em ouro, que virá proporcionar os meios para o bem estar da família brasileira e a defesa de nossas fronteiras.

Senhores, da terra viemos e a ela voltaremos; façamos também dela surgir, em trabalhos de amor e patriotismo, o tesouro prodigioso que a Providência Divina prodigamente reservou à Terra Brasileira.

Exploremo-la, fazendo da pecuária do nosso querido Brasil o baluarte de seu futuro, a pedra de toque de seu valor, a afirmação da sua capacidade econômica, a realização de suas possibilidades, a expressão maior de sua riqueza, a fim de que Ele engrandecido pelo trabalho de seus filhos possa aparecer em destaque, entre as demais nações, para orgulho nosso, como fator positivo de civilização".



A esposa (C), Da. Noêmia, a filha Nilza e um dos netos de Durval Garcia de Menezes, estiveram presentes à homenagem especial que o Conselho Superior da Sociedade Nacional de Agricultura prestou à sua memória.



Com o então Secretário de Agricultura do Rio de Janeiro, Edmundo Campelo, na Fazenda Indiana, Durval acaricia o "Onzel de Indiana".

BRASIL VAI EXPORTAR ZEBU PARA OS ESTADOS UNIDOS A PARTIR DE 79

A partir do próximo ano, o Brasil poderá exportar gado Zebu para os Estados Unidos, pois existe um grande número de pecuaristas norte-americanos, sobretudo os criadores da raça *brâmane*, interessados na importação de reprodutores e matrizes zebuínos brasileiros.

As proibições de entrada de gado brasileiro em território norte-americano vão deixar de existir no momento em que começar a funcionar o quarentenário de Fleming Key, na Flórida, onde os animais importados do Brasil passarão por uma rigorosa bateria de testes sanitários que durarão, em média, cinco semanas.

Estas informações foram prestadas em Uberaba pelo presidente da ABBA — American Brahman Breeders Association, Richard Forgason, que veio de Houston (Texas) especialmente para a posse da nova diretoria da ABCZ — Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, em julho passado.

Exportação de Zebu

No início da década de 20, foram exportados do Brasil para os Estados Unidos, via México, centenas de reprodutores e matrizes da raça Zebu. Lá este gado teve grande aceitação por parte dos criadores do Texas e Novo México, contribuindo para o desenvolvimento da raça *brâmane*, que é um cruzamento entre as raças européias e zebuínas, com predominância destas últimas.

No final da década de 20, entretanto, as importações de gado brasileiro foram proibidas pelo Governo americano, por causa da existência da febre aftosa em nosso país.

Desde então, nunca mais foi feita uma exportação direta do Brasil para os Estados Unidos. Apesar disso, os criadores de *brâmane* continuaram acompanhando a evolução das raças zebuínas brasileiras, que são consideradas atualmente, por especialistas, as melhores do

mundo para a pecuária nas regiões tropicais e subtropicais.

Nos últimos anos, dezenas de criadores norte-americanos estiveram no Brasil, so-

zinhos ou em delegações, para conhecer o rebanho Zebu de alta linhagem. E saíram daqui impressionados com a aptidão do Nelore, do Gir, do Guzerá e do Indubrasil para a produção de carne.

E se entusiasmarão especialmente com algumas características zootécnicas desenvolvidas através de seleções do nosso Zebu, que resultam em vantagens econômicas como fertilidade, precocidade, rusticidade, velocidade de ganho de peso, perfeita adaptação ao clima tropical, maior desenvolvimento ponderal e excelente aproveitamento frigorífico, com baixo teor de gordura.

As importações, entretanto, continuavam proibidas, até que o Governo dos Estados Unidos, atendendo a pedidos dos próprios pecuaristas locais, decidiu construir um quarentenário em Fleming Key. Através de negociações diretas entre os dois países, foram acertadas as provas sanitárias a que serão submetidos todos os animais comprados no Brasil por criadores norte-americanos.

Falando à imprensa especializada do Brasil, o criador Richard Forgason afirmou que as obras do quarentenário de Fleming Key, na Flórida, se encontram quase concluídas.

"Acreditamos que o quarentenário já poderá ser utilizado no primeiro semestre de 1979 — afirmou o presidente da ABBA. Por outro lado — prosseguiu — Brasil e Estados Unidos já estão de acordo em relação às provas sanitárias a que serão submetidos os reprodutores e matrizes comprados aqui por criadores norte-americanos. Isto significa que as importações de gado Zebu brasileiro já vão ser iniciadas no ano que vem, pois é grande o número de criadores interessados nessas operações".

Para Richard Forgason, "Todo país que tem um rebanho bovino considerável, em quantidade e qualidade, como é o caso do Brasil e dos Estados Unidos, precisa manter um intercâmbio comercial com os demais países, pois isso é um benefício para todos".



ABCZ TEM NOVO PRESIDENTE — O pecuarista Manoel Carlos Barbosa propôs, ao assumir a presidência da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, em Uberaba, a adoção de "um novo modelo econômico, no qual a agropecuária, como parte de um sistema destinado à produção de alimentos e divisas em alta escala, seja considerada meta absolutamente prioritária de Governo". Na foto, o novo presidente assina o termo de posse, sucedendo a Arnaldo Rosa Prata, visto ao fundo.

NOSSA EXPERIÊNCIA COM A RAÇA CHIANINA

Luiz Simões Lopes
Engenheiro-Agrônomo
(Especial para A LAVOURA)

N.R. — Palestra proferida durante o II Congresso Internacional da Raça Chianina, realizado em São Paulo, no período de 16 a 20 de agosto' 2. O autor, além de presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, preside o Conselho de Administração da Liquifarm Agropecuária Suíá-Missu.



Gullo, Grande Campeão da Raça, em 1976, na Exposição de S. Paulo, com 60 meses e 1580 quilos.

A crescente e constante pressão mundial, estabelecida pelo rápido crescimento populacional, em busca de alimentos para a humanidade, nos obriga, a todos nós, envolvidos no processo de produção agropecuária, a encontrar formas mais racionais, mais econômicas, mais rápidas de produzir os bens de consumo alimentar.

Nesse nosso imenso território brasileiro, com áreas extraordinárias para pastagens, o potencial para a produção de proteínas para a alimentação humana é inegavelmente surpreendente.

O clima brasileiro é o chamado tropical, com temperaturas altas, desfavoráveis

para a vida de raças bovinas altamente produtoras, oriundas de regiões de clima temperado, ameno.

Essas raças somente têm conseguido sobreviver adequadamente, adaptando-se e produzindo na mesma intensidade de seus países de origem, em regiões de clima semelhante ao seu. Como exemplo, poderiam ser citadas as raças Holandesa e Jersey, que nos Estados Unidos e Canadá, num *habitat* semelhante ao originariamente seu, conseguiram superar em produção seus ascendentes.

Entretanto, quando transportadas para outras regiões, como a nossa, de clima quente, de produção de pastagens, se bem

que abundantes, mas irregulares, não foram capazes de oferecer tão bom desempenho.

Apresentando baixa tolerância ao calor, alta suscetibilidade a agentes infecciosos e parasitários, os representantes dessas raças européias, degeneravam e desapareciam, revelando inaptidão para sobreviver nos trópicos, através de diminuídos índices de fertilidade e produtividade.

No ambiente tropical, somente um tipo de gado conseguiu suportar o clima, vivendo e reproduzindo-se normalmente: **O ZEBU.**

O Zebu, animal andejo, resistente, excelente transformador de forragens grosseiras, perfeitamente adaptado aos trópicos, é o boi que está garantindo a maior porção do volume de carne e leite consumido neste país.

Mas, se de um lado, o Zebu satisfaz plenamente o requisito de ser resistente, adaptado ao clima, de outro, é necessário que se promova o seu melhoramento, buscando-se conseguir animais melhores produtores.

Na verdade, esse melhoramento vem se processando através do trabalho de nossos criadores.

Porém, o processo é moroso, demasiado lento, desde que se trabalha na seleção de raças e não se sabe quantas gerações serão necessárias para se atingir os limites máximos de produção.

Se faz necessário, portanto, encontrar formas de melhoramento animal que acelerem os resultados finais desejados, quais sejam, dispor de animais produtores de carne, adaptados ao nosso meio e precoces, atingindo idades de abate no menor tempo possível.

Os conhecimentos técnicos atuais, indicam que a fórmula é aliar a rusticidade do Zebu com a precocidade do europeu, equilibrando-se de tal forma as partes que

se obtenha um animal resistente e, ao mesmo tempo, mais precoce que os pais zebuínos.

A maneira, sem dúvida, é a utilização dos cruzamentos, que oferecem resultados imediatos logo na primeira geração. Essa foi a opção de muitos criadores, entre os quais, nos incluímos.

Nós, da LIQUIFARM DO BRASIL, tínhamos que escolher a raça para cruzar com o nosso já magnífico Zebu, desde que o nosso objetivo era o de produção maciça de carne.

Os nossos projetos baseiam-se na exploração bovina, em uma grande área localizada na região de Barra do Garças, no Estado de Mato Grosso.

Nessa fazenda estamos implantando 110.000 hectares de pastagens, que suportarão 120.000 cabeças bovinas.

Já atingimos a meta dos 75.000 ha. formados em pastos, e 80.000 cabeças de gado. Todas as fases da operação de produção de carne aí são realizadas, quais sejam, a cria, a recria, engorda e posteriormente o abate, no Frigorífico Liquifarm, na própria fazenda.

A base de todo o gado é o Zebu, mais precisamente, a raça Nelore, constituída por excepcionais indivíduos, adaptados à região, e excelentes produtores.

Verificou-se, entretanto, que os produtos oriundos das 30.000 matrizes existentes na fazenda, que em breve serão 50.000, demoravam de 3,5 a 4 anos para serem abatidos, tempo excessivo para nós, que pretendíamos ter animais acabados, a parto, aos 30 meses, apresentando 450 kg de peso vivo.

Esse foi o motivo principal que determinou a decisão de se efetuar cruzamentos entre esse gado e raças européias.

Tomada a decisão, era preciso escolher o tipo de gado europeu cruzante, e a opção recaiu sobre as raças brancas italia-

nas, quais sejam a Chianina e a Marchigiana.

A escolha não foi feita ao acaso, de maneira empírica, ou ao sabor do gosto pessoal de quem quer que seja, mas sim, calcada em fatos concretos, substanciais.

Foram, por exemplo, decisivas as ponderações do nosso consultor, o eminente Prof. Telesforo Bonadonna, que nos mostrou as reais qualidades da raça Chianina, traduzidas pelo seu excepcional desenvolvimento ponderal, pelo magnífico rendimento de carcaça, pela espetacular fertilidade e pela sua semelhança com o nosso Nelore, indicada pela pele preta e pelagem branca, características que predispunham a maior tolerância ao calor.

No seu excelente trabalho, *bovino chianina no trópico*, o nosso Professor Dr. João Barisson Villares, confirma esses pontos, e suas conclusões finais após estudar durante cinco anos uma população de 2.237 bovinos, constituída por: 70 cabeças da raça Chianina; 35 cabeças da raça Guzerá; 552 cabeças da raça Nelore; 781 cabeças da raça Tabapuã; e 799 cabeças mestiços 1/2 Chianino x Zebu, foram as seguintes:

"Do ponto de vista de comportamento adaptativo, os bovinos Chianina revelaram notável habilidade de tolerância ao calor, comparável aos Zebuínos, nas condições tropicais do Estado de São Paulo, Brasil. As várias reações fisiológicas, usadas para avaliação da tolerância ao calor, não só se mantiveram dentro dos limites normais, como foram uniformes, coerentes e confirmativas, embora tais bovinos exóticos não estejam livres de experimentar modificações morfo-fisiológicas mensuráveis".

"Do ponto de vista do desempenho reprodutivo, os bovinos Chianina demonstraram apreciável eficiência, quer na população de origem importada, quer nos seus descendentes nacionais, quer nos seus mestiços de primeira geração, evidenciando habilidade de melhorar algumas características da vida reprodutiva do zebuíno."

"Do ponto de vista do desempenho produtivo no período de crescimento, os bovinos Chianina confirmaram a sua alta habilidade de ganhar peso também na zona tropical, sob diversos níveis de alimentação, embora experimentassem alguma perda de precocidade, em termos de peso por idade na geração de origem nacional, relativamente à de origem importada."

"Do ponto de vista do desempenho produtivo no período de terminação, os mestiços 1/2 Chianina-Zebu responderam auspiciosamente ao apascentamento em gramíneas forrageiras tropicais, seja na estação de chuvas estivais, seja na seca invernal, comparativamente aos zebuínos."

"Do ponto de vista do desempenho produtivo durante a vida, os 1/2 Chianina-Zebu conseguiram reduzir a idade de abate para a faixa de 30 a 33 meses, mantendo o peso vivo segundo as preferências do mercado, sob as condições vi-

ABIL

UM SIMBOLO

DE TRADIÇÃO

**AGRICULTURA
e JARDINAGEM**

**AVICULTURA
PECUÁRIA**

**DROGARIA
VETERINÁRIA**

(p/pequenos e grandes animais). A mais completa da cidade.

Distribuidora exclusiva dos Nutrientes

"PURINA"

ABIL AGRO COMERCIAL Ltda.

MATRIZ R. Buenos Aires, 87 — Tels. 252-7527, 232-2408
Cx. Postal 21 209

FILIAL R. Prof. Castilho, 151, Tel. 394-1068 — Campo Grande

gentes de exploração pastoril na linha do trópico no Brasil."

"Do ponto de vista do desempenho quantitativo de carcaça, os 1/2 Chianina-Zebu registraram a produção média de 0,251 quilos de carcaça fria por dia de vida, tido como resultado promissor para as atuais condições do ecossistema de pasto no país."

"Do ponto de vista do desempenho qualitativo de carcaça, os 1/2 Chianina-Zebu apresentaram rendimento frio em torno de 54,98%, considerado apenas regular ou mesmo baixo, mas compensado em parte pelo alto índice de musculosidade de carcaça de 4,7:1."

Ainda, segundo Villares, os mestiços Chianina-Nelore e Chianina Tabapuã, em regime exclusivo de pasto de Pangola e Jaraguá, apresentaram o seguinte desenvolvimento ponderal final:

- *mestiços Chianina Tabapuã:*
435 kg (peso vivo) aos 30,6 meses de idade
- *mestiços Chianina Nelore:*
462 kg (peso vivo) aos 32,3 meses de idade

Convencidos da excelência da raça, iniciamos nossas experiências, na fazenda Sta. Cecília, em Araçatuba, onde, nos vários centros experimentais, lá existentes, várias pesquisas foram levadas a termo, entre as quais:

1. Criação e seleção de animais importados das raças italianas

Desde o seu recebimento, passando pelas fases de premunicação contra anaplasmo e piroplasmose, até sua completa adaptação ao sistema de criação a campo, adotado na propriedade, esses animais foram submetidos a um rigoroso controle de peso, de resistência às enfermidades, de fertilidade e de adaptabilidade ao clima de temperatura bastante elevada do verão.

Os filhos dos animais importados, foram igualmente controlados, desde o nascimento e seu desempenho avaliado e comparado ao desenvolvimento dos animais importados médios.

Os produtos nascidos no Brasil, apresentaram resultados de desenvolvimento, fertilidade, muito próximos aos obtidos, com seus pais, na Itália.

2. Cruzamentos da raça Chianina, com a raça Zebuína

Preparando as bases para o rápido melhoramento do gado de corte pretendido para atender as expectativas do projeto de exploração pecuária, em escala industrial e desenvolvido na Suiá Missú, desenvolveram-se na Liquifarm, em Araçatuba, cruzamentos entre a raça Chianina e fêmeas da raça Zebuína, Nelore.

Os produtos desses cruzamentos foram avaliados, quando submetidos a provas de desenvolvimento e resistência, e seu de-

sempenho como produtor de carne foi testado em experiências de engorda a campo e em confinamento.

Alguns resultados, obtidos foram os seguintes:

Em condições exclusivas de pasto, os mestiços machos pesaram:

• ao nascer	34,3 kg
• na desmama	173 kg
• aos 12 meses	265 kg
• aos 2 anos	345 kg
• aos 2 anos e meio	430 kg

Em provas de confinamento, realizadas para se avaliar o potencial de ganho de peso dos cruzados, fechando-se os animais aos 16 meses de idade, com peso médio de 331 kg, após 150 dias (5 meses) de arraçamento, os pesos alcançados, foram de 493,7 kg aos 21,5 meses.

Esses mesmos animais, quando abatidos deram em média 60,1% de rendimento de carcaça, o que equivaleu a 290 kg de peso morto, ou 19 arrobas e 5 kg.

Utilizando-se, principalmente, a técnica da Inseminação Artificial, os cruzamentos dirigidos, e conscientemente praticados, determinam progressos, em termos de aumento de produtividade, superiores já na primeira geração, aos que se poderão conseguir com a criação de puros, através de gerações e gerações.

Nossa filosofia é obter, através dos cruzamentos, produtos tão resistentes ao clima amazônico como o são os zeus, e ao mesmo tempo, associado a essa resistência, produtos precoces e produtores de carnes de alta qualidade, como o são as raças melhoradas do Mediterrâneo.

Indubitavelmente, o que era no início,

expectativa, passa a ser realidade, pelos resultados que já obtivemos.

O prosseguimento das práticas de cruzamento, não nos assustam, como a alguns criadores, que temem os resultados advindos após a primeira geração.

Basicamente, o que nos interessa é produzir carne e para isso não devemos nos importar com os graus de sangue dos cruzados.

O que vale é a observação e a atenção para que se mantenha um equilíbrio perfeito entre a precocidade, representada pela Chianina, e a rusticidade do Zebu.

Assim, estamos pesquisando para saber até que ponto poderemos caminhar nos cruzamentos, sem afetar o comportamento desejado para bovinos nos trópicos.

Já sabemos por exemplo, que é benéfica a prática de se utilizar os machos 1/2 sangue Chianina/Nelore, como reprodutores, sobre fêmeas zebuínas, obtendo-se produtos 1/4 Chianina, 3/4 Zebu.

Esses animais, portadores de uma pequena parcela do patrimônio genético da raça Chianina, apresentaram "performances" superiores a seus pais zebuínos, e numa recente prova de Feed-Test observamos que os produtos 1/4 sangue europeu, após 150 dias de arraçamento, em sistema intensivo, pesaram no abate, 270 kg (18 arrobas) aos 23 meses.

Essa alternativa de utilização de machos FI como reprodutores, tem se prestado muito bem para as condições extensivas da Amazônia, onde não conseguimos efetuar inseminações em número maior que 5.000 fêmeas por ano, dada as dimensões do projeto.

Essa medida nos propicia a vantagem de acelerar o processo dos cruzamentos.



Nera, Reservada Campeã Novilha Maior, com 2 anos e meio e 750 quilos

Entretanto, não paramos aí. Buscamos agora, obter produtos 5/8 Chianina e 3/8 Zebu, que em última análise significa possuir animais que apresentam pouco mais de sangue europeu, que os próprios 1/2 sangue.

Verifique-se que os cruzamentos significam a fórmula ideal quando se pretende melhorar a produtividade de um rebanho e que se usados criteriosamente, de forma controlada, somente trarão benefícios para os criadores.

Considerada a maior das raças bovinas, há quem o chame de Gigante Branco, Gigante da Espécie e Herói dos Trópicos. Mas o nome verdadeiro é chianino, um boi de alta produção de carne magra, extremamente resistente e perfeitamente adaptado às condições do clima tropical. Sua origem é italiana, e quem o trouxe ao Brasil pela primeira vez foi o criador paulista Gionnandrea Matarazzo, em 1956. Recentemente, durante a realização do 9.º Congresso Internacional, no Hilton Hotel de São Paulo, e em exposições e leilões no Parque da Água Branca, o chianino foi o destaque entre criadores e especialistas de 10 países.

Atualmente, calcula-se em 1 milhão de cabeças o número de bovinos com sangue de chianino no país, ainda pouco em relação aos 90 milhões do total de nosso rebanho, do qual participam 12 raças. Estima-se que a raça se tenha originado no vale de Chiana, no centro de Toscana, Itália. É certo que seu potencial genético tem pelo menos 3 mil anos de consangüinidade. Já na Roma antiga o chianino era utilizado para puxar luxuosas carruagens e sua efígie aparecia em moedas de ouro. E, sem dúvida, um bovino cosmopolita: está presente nos rebanhos de 12 países, em quatro continentes, o que não conseguiram ainda as 150 raças taurinas européias e as 40 zebuínas da Índia.

Segundo Gionnandrea Matarazzo, introdutor da raça no Brasil e presidente da Associação Brasileira de Criadores de Chianino, o abastecimento de carnes no país enfrenta algumas dificuldades a curto prazo diante do crescimento acelerado da população e a limitação do rebanho, insuficiente para atender à demanda crescente.

Há uma defeituosa condução do mercado, a despeito dos esforços oficiais, com as autoridades lutando entre a inflação e os percalços da produção. Com isso, é imperioso que se adotem medidas urgentes para que no futuro o Brasil não passe a ocupar uma posição permanente e de destaque entre os países importadores.

Há que se considerar ainda, um ponto que não pode ser esquecido. O melhoramento genético simplesmente, não é suficiente para que os animais melhorem sua produtividade.

A exteriorização dessas qualidades só será possível em ambiente propício, adequado e, desde que, nada podemos fazer para amenizar nossas condições climáticas, é necessário que se proceda ao melhoramento das pastagens, que se defenda os animais contra as enfermidades, através

de práticas adequadas.

É preciso praticar um bom manejo, para que, enfim, possa ser proporcionado ao gado condições próprias para revelar sua real capacidade. A LIQUIFARM optou, para melhorar o seu gado, pelo cruzamento da raça Chianina com Zebu, pois acredita que a técnica e a ciência devem ser aplicadas com determinação, se quisermos cumprir os desígnios desse país, de levá-lo a se tornar o maior centro produtor de alimentos do mundo.

Na realidade, com as medidas de contenção inflacionária, os criadores brasileiros foram obrigados a abater considerável número de fêmeas, reduzindo assim o potencial de produção. A situação se agravou a partir de 1975 e levou a um descompasso entre o aumento do consumo e a produção, o que obrigou o Brasil a importar carne. Explica Gionnandrea Matarazzo:

— É indispensável aumentar o desfrute do rebanho brasileiro, acelerando seu rendimento. Isto exigirá muitas modificações nos sistemas tradicionais de produção e comercialização, como ocorreu em todos os países onde o desfrute é alto. Acho que a partir do momento em que se decida trabalhar realmente é que se compreenderá como e quanto a raça chianina poderá influir.

Gionnandrea Matarazzo trouxe as primeiras oito cabeças de chianino ao Brasil em 1956. Atualmente existem 626 animais importados — 142 machos e 484 fêmeas — segundo os registros da Associação Brasileira de Criadores de Chianino feitos em 1976. No total, são 19 mil chianinos no país, entre puros de origem e puros de cruzamento, mas cerca de 1 milhão de bovinos no Brasil têm o sangue da raça.

A grande vantagem do chianino, além de peso e porte sensivelmente maiores, é o ganho de peso-dia por cabeça. Enquanto um zebuino, por exemplo, tem um ganho médio diário de 500 gramas, o chianino já tem demonstrado capacidade de ganho ao redor de 700 gramas-dia nas mesmas condições de pastagens. Os mestiços chianino-zebu nascem com 30 ou 35 kg em média, atingindo aos oito meses peso médio de 220 kg. Com dois anos já estão com 450 kg e prontos para o abate. As fêmeas têm seu primeiro parto com 30 meses em média, enquanto para as demais raças o prazo é muito maior. Já os zebuínos e taurinos nascem com peso entre 25 e 30 kg e, ao atingirem oito meses, idade de desmame, estão no máximo com 170 kg. Para essas raças, o peso de abate, 500 kg, só chega com um mínimo de 40 meses.

O interesse pelo chianino no Brasil vem aumentando intensamente. Pode-se constatar o fato pela evolução da produção e comercialização de seu sêmen, o segundo mais comercializado, entre 11 raças de corte, de 1974 a 1977. O industrial Carlos Villares, diretor do grupo Villares — um dos maiores na indústria brasileira — e presidente da ABDIB, é um dos 50 empresários brasileiros entusiastas da raça chianina. Com sua mulher, Sylvania, responsável pela administração do projeto que está implantando, começou a criar exemplares da raça em 1971 como uma forma de aproveitar melhor os 20 hectares de sua fazenda em Itatiba, a uma hora da Capital paulista. A escolha do casal recaiu sobre o chianino porque, depois de várias pesquisas, Sylvania e Carlos Villares constataram que a raça era a que melhores perspectivas tinha diante da necessidade de se aumentar a oferta de carne no país.

Antes de comprar o primeiro exemplar, o chianino Juno, com o qual iniciou sua criação, Carlos Villares assistiu a mais de uma dezena de feiras e leilões e manteve contato com os principais pecuaristas de São Paulo. Em 1973, o casal já possuía cerca de 30 fêmeas de meio-sangue, cinco bezerras e três touros. Para 1979 está previsto o nascimento de 45 bezerros. Recentemente, Sylvania e Carlos, já colocados entre os três primeiros pecuaristas da raça chianina no país, inauguraram em Angatuba, São Paulo, um centro de mestiçagem. Carlos não concorda com a importação de 50 exemplares ingleses e italianos acontecida na Feira:

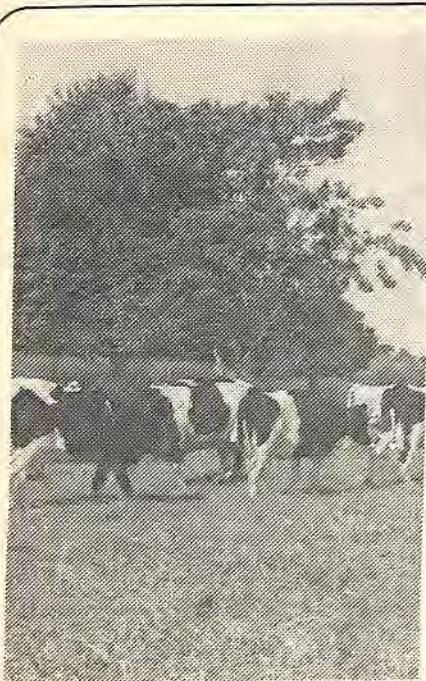
— Não acho que a importação seja necessária e vou lutar, como diretor da Associação de Criadores de Chianinos, para que seja desestimulada. E a aparência dos chianinos italianos e ingleses é bem inferior à dos nossos exemplares.

Segundo Carlos e Sylvania, as importações poderão ser substituídas por meio de um programa de inseminação artificial bastante amplo, como comenta o industrial:

— Acho que um touro brasileiro poderá contribuir mais para o aumento do rebanho do que a importação de vacas.

**A RECEITA
DO NOSSO
PROGRESSO
É O RESPEITO
PELO
CONSUMIDOR.**





VERMINOSE BOVINA, UM PROBLEMA DOS CAMPOS DE LAGES

César Itaquí Ramos
Médico Veterinário
José Carlos Ramos
Engenheiro Agrônomo

A verminose de um modo geral, não se caracteriza como uma doença aguda e por isso muitas vezes passa despercebida aos olhos do produtor, que desconhece a dimensão do problema que ela causa ao rebanho. Mas sem dúvida é ela, aliada à carência alimentar do período do inverno, um dos principais problemas da pecuária da Região dos Campos de Lages, ocasionando retardamento no crescimento e diminuição da resistência dos animais às próprias verminoses, abrindo caminho a outras doenças, sejam contagiosas ou carenciais, e não raro resultando em morte.

Um levantamento executado pela ACARESC mostrou que 22% dos problemas sanitários da bovinocultura Catarinense são devidos a doenças parasitárias, das quais 65% são verminoses gastrintestinais e pulmonares.

O clima da região propicia o desenvolvimento de várias espécies de vermes durante o ano todo. No verão, porém, as condições de alimentação oferecidas pelas pastagens nativas não permitem uma visualização da sintomatologia das parasitoses gastrintestinais, resumindo-se apenas na diminuição da velocidade de crescimento dos animais jovens. No inverno, entretanto, quando as pastagens nativas apresentam um baixo valor nutritivo, as parasitoses e a falta de alimentação ocasionam, nos animais, perdas de peso que chegam a atingir 15 a 25% de seu peso. Sabe-se que perdas além de 10% do peso vivo dos animais acarretam grandes atrasos no seu desenvolvimento, influenciando negativamente na performance de ganho de peso nos machos e na produção de leite e na fertilidade das fêmeas. Essas perdas não são recuperadas pelo ganho de peso compensatório.

Preocupados com este problema, pesquisadores da EMPASC estão desenvolvendo um trabalho com tratamentos anti-

helmínticos de largo espectro em diferentes esquemas. Os efeitos estão sendo surpreendentes e animadores.

Esse estudo está sendo conduzido em uma fazenda da região, com 52 animais jovens, da desmama aos 18 meses de idade.

Esses animais foram distribuídos ao acaso em quatro grupos e submetidos a diferentes esquemas de tratamentos.

O primeiro grupo (A) foi desverminado a intervalos de 45 dias durante o ano todo. O segundo grupo (B) foi desverminado a cada 45 dias mas somente durante o período de inverno (maio a setembro) não sendo desverminado durante o verão. O terceiro grupo (C) foi desverminado apenas três vezes durante o ano, com intervalo de 4 meses e coincidindo com a vacinação contra febre aftosa (este esquema vem sendo adotado por alguns criadores da região). O quarto grupo (D) não recebeu nenhum tratamento, servindo como testemunha do experimento. O princípio ativo utilizado para medicações, foi *Levamisole* a 7,5% na dosagem de 3,75 mg/Kg de peso vivo.

Os resultados até agora alcançados têm demonstrado que o tratamento que está oferecendo maior eficiência é o de desverminação durante todo o ano a intervalos de 45 em 45 dias. Esses animais, durante o inverno, perderam apenas 6,8 kg, enquanto que os do grupo (C), desverminados junto com a vacinação anti-aftosa perderam no mesmo período 16,9 kg e o grupo (D), não desverminados perderam 26,2 kg, chegando a 14,8% do seu peso vivo. Além disso, os animais do grupo (D) tiveram que ser suplementados com pastagem cultivada de inverno, sem a qual a mortalidade seria elevada.

Os animais do grupo (B), que no inverno receberam idêntico tratamento aos do grupo (A), tiveram perdas de peso também semelhantes a esse grupo.

QUADRO 1

Peso inicial e final, ganho anual e diário e estimativa de idade de terminação de novilhos em quatro diferentes esquemas de tratamentos antihelmínticos.

TRATAMENTOS	Peso Inicial 14/05/77 7 a 8 meses	Peso final 12/05/78 19 a 20 m.	Ganho de Peso em 365 dias	Ganho de Peso Grama/dia	Idade de Terminação 400 kg (Projeção)
A	176.5 kg	281.9 kg	105.4 kg	291g/dia	2 anos e 8 meses
B	173.9 kg	253.7 kg	79.8 kg	220g/dia	3 anos e 5 meses
C	176.9 kg	250.3 kg	73.4 kg	202g/dia	3 anos e 8 meses
D	176.8 kg	232.3 kg	55.4 kg	153g/dia	4 anos e 7 meses

- A = Medicados de 45 x 45 dias após o desmame ao ano (8 medicações)
 B = Medicados de 45 x 45 dias após o desmame na época fria do ano (4 medicações)
 C = Medicados apenas nas épocas de vacinações da Febre Aftosa (3 medicações)
 D = Testemunhas — sem medicações antihelmínticas
 Princípio ativo: Levamisole 7,5% na dosagem de 3,75 mg/Kg de peso vivo.

Durante o período favorável do ano — primavera, verão e parte do outono — todos os animais tiveram ganhos de peso. Mas os animais do grupo (A) apresentaram melhor performance que os demais, ganhando 105,4 kg no período de um ano (da desmama ao sobreano: maio/77 a maio/78). Os lotes B e C se equivaleram, ganhando 79,8 kg e 73,4 kg respectivamente. O lote D obteve um ganho de peso de apenas 55,4 kg no mesmo período.

Baseando-se nos ganhos de peso vivo no período de um ano, pode-se fazer uma estimativa da idade de abate dos novilhos, estabelecendo-se como peso de terminação 400 kg. Os resultados são surpreendentes e vão desde 32 meses para o grupo A, 41 e 44 meses para o grupo B e C respectivamente, até 55 meses para o grupo D. Isto representa uma redução de 1 a 2 anos de idade de abate dos animais (veja-se Quadro 1).

Considerando-se a diferença de ganho de peso dos lotes tratados para o lote testemunha como sendo devida ao efeito do tratamento antihelmíntico, e se levando em conta que o custo da dose média de vermífugo aplicada foi de Cr\$ 3,00, e que o preço do boi vivo é de Cr\$ 8,00/kg, obtém-se um aumento de receita da ordem de Cr\$ 376,00 por novilhão tratado no esquema A; Cr\$ 183,00 no esquema B; e Cr\$ 135,00 no esquema C. Isto signi-

fica que um produtor com 100 novilhos tratados de 45 em 45 dias durante um ano inteiro (esquema A), teria um aumento de receita de Cr\$ 37.600,00 gastando Cr\$ 2.400,00 em medicamento.

A relação custo: benefício foi da ordem de 1:15 em todos os tratamentos, o

que caracteriza a desverminação como prática de criação altamente econômica. (Veja-se Quadro 2).

Os trabalhos estão sendo continuados e repetidos, e se esses resultados se confirmarem nos próximos anos, serão a base das recomendações da pesquisa.

QUADRO 2

Avaliação econômica do efeito dos tratamentos antihelmínticos sobre o ganho de peso de novilhos dos 8 aos 20 meses de idade (Por animal/ano)

TESTEMUNHAS	Número de doses antihelmínticas	Custo tratamentos Cr\$ *	Ganho de peso (kg)	Ganho de peso adicional devido a medicação (kg)	Receita adicional devido a medicação Cr\$ **	Relação custo benefício
Medic. 45 x 45 dias ano todo	08	24,00	105,40	50,00	376,00	15,66
Medic. 45 x 45 dias no inverno	04	12,00	79,80	24,40	183,00	15,25
Medic. na vacina Aftosa	03	9,00	73,40	18,00	135,00	15,00
Testemunhas	0	0,00	55,40	—	—	—

* Preço do antihelmíntico (Cr\$ 0,30 o ml; dose média utilizada 10 ml/animal)

** Receita adicional devida a medicação = ganho de peso adicional devido à medicação x preço do boi vivo (Cr\$ 8,00/kg) — custo de tratamentos.



**BOM NO PESO
E
BOM NA RAÇA
SÓ
NELORE
MARCA
TAÇA**

6 touros importados e
12 touros P.O. servem:
600 fêmeas Nelore
- com tradição
desde 1918 - e
130 fêmeas P.O.
e importadas



GODAR

Nascido em 1959, em ANDHRA PRADESH — INDIA.
Importado — Servindo na Fazenda Indiana desde 1963.
Os pais deste reprodutor ficaram na Índia.
GODAR é pai de diversos campeões.

Sêmen
à venda
na
SEMBRA
Barretos

FAZENDA INDIANA LTDA. - DURVAL GARCIA DE MENEZES E FILHOS

REBANHO FUNDADO EM 1918

ANTIGA ESTRADA RIO-SÃO PAULO, KM 31 — CAMPO GRANDE — RIO DE JANEIRO

Correspondência: Durval Garcia de Menezes

Av. Heitor Beltrão, 29 — Tijuca — Rio de Janeiro — Tels. 248-3125 — 228-7678 e 264-0585

GADO BOVINO: NOVA TÉCNICA PARA COMBATER O CÂNCER NOS OLHOS

Por Norbert Yasharoff



A Escola de Medicina Veterinária do México, com o patrocínio da ERDA, colaborou na avaliação do tratamento técnico do câncer nos animais. Descobriram que determinados tipos de câncer podem ser tratados com êxito por meio do aquecimento do tecido canceroso a uma temperatura acima da temperatura normal do corpo. As células cancerosas são mais sensíveis à ação do calor do que as células normais, e, por isso, são preferencialmente destruídas.

Para o tratamento do gado em fazendas distantes e de difícil acesso, os cientistas criaram um instrumento eletrotérmico portátil, que contém todo o equipamento necessário a seu funcionamento. Um cabo liga o aparelho a uma pequena caixa com uma bateria de 12 volts. O aparelho pode ser também ligado ao acendedor de cigarros de uma camioneta.

Durante o tratamento o animal é imobilizado por um aparelho que permite manter a sua cabeça em posição firme. Depois de anestesiado, e ter o próprio olho imobilizado, uma corrente elétrica de alta frequência é aplicada através do tecido canceroso. Este processo aquece o tumor a uma temperatura de 50 graus centígrados, que é mantida por 30 segundos. Graças ao uso da corrente de alta frequência, não há sensação de choque elétrico e o animal sente apenas uma pequena dor.

Nas primeiras séries de testes os técnicos do Laboratório Científico de Los Alamos aplicaram o tratamento em cerca de 200 animais, no Novo México. A média de cura aparente excede 90 por cento dos casos, em tumores que variam de 2 milímetros a 2 centímetros de diâmetro.

Não se registrou nestes mesmos animais nenhum caso de reincidência do mal, durante o período de controle, que varia de dois meses a um ano.

Por enquanto, apenas algumas unidades de demonstração do aparelho podem ser encontradas no Laboratório Científico de Los Alamos (LASL). Estas unidades são emprestadas a técnicos para testes no campo. Brevemente, porém, o aparelho estará à disposição dos fazendeiros e veterinários, uma vez que vários grupos da indústria privada demonstraram interesse em fabricá-lo.

O câncer nos olhos do gado, responsável pela perda de cerca de 20 milhões de dólares em gado, anualmente, nos Estados Unidos, está sendo combatido e curado com o uso de uma avançada técnica de aquecimento, aperfeiçoada por cientistas da Administração de Pesquisa e Desenvolvimento de Energia dos EUA, (ERDA).

Técnicos do Laboratório Científico de Los Alamos, no Novo México, inventaram um pequeno instrumento eletrônico portátil, que pode ser usado na fazenda ou no posto veterinário, destinado a combater a doença, também conhecida por "cancer eye" (termo empregado para definir tanto os casos de tumores malignos

como os de tumores benignos nos olhos e pálpebras dos animais).

Aproximadamente 80 por cento de tais tumores são malignos e grande parte dos demais torna-se maligna com o tempo. Embora a doença ocorra em quase todas as raças, ela é mais comum na raça Hereford.

As técnicas usadas atualmente por veterinários no tratamento da doença requerem, além de treinamento especial e habilidade, um tipo de equipamento difícil de ser transportado. O tratamento comum consiste em uma cirurgia que remove o tumor e, nos casos graves, o olho inteiro — processo dispendioso, que diminui consideravelmente o valor do animal.

SÊMEN E REPRODUTORES É COM A:



MARCHIGIANA



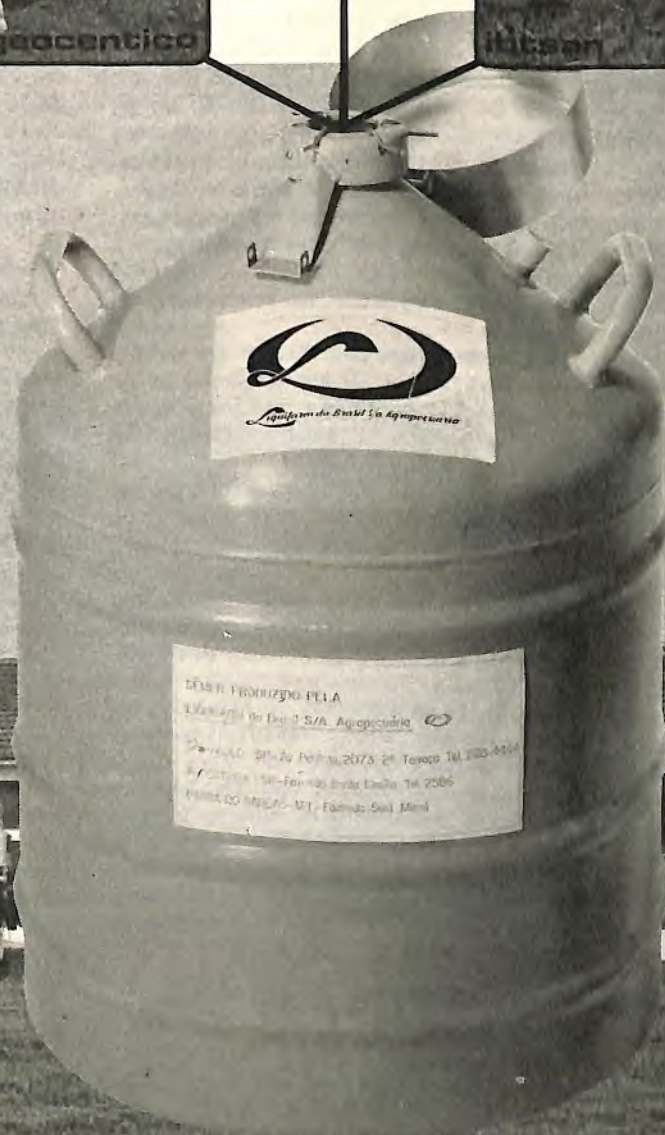
Liquifarm do Brasil S/A

Agropecuária
GRUPO LIQUIGÁS

CHIANINA



NELORE



Liquifarm do Brasil S/A Agropecuária

GRUPO LIQUIGÁS
AV. PAULISTA, 2073 - 2.º TERRAÇO - TEL.: 288-4444 - SÃO PAULO - SP
Fazenda Santa Cecília - Tel.: (0186) 23-4738 - Araçatuba - SP
Fazenda Suiá Missú - São Felix do Araguaia - MT
ou com os representantes da TORTUGA Cia. Zootécnica Agrária.

DIPROVET
Rua Euclides da Cunha, 309
Tel.: 23-9922
PORTO ALEGRE - RS

RIOSEMEN
Rua 1.ª de Março, 21 - 5.º Andar
Tel.: 231-1664
RIO DE JANEIRO - RJ

CIANB
Rua Ademar de Barros, 548
Tels.: 2666 e 2692
ITUVERAVA - SP

INPAR
Rua 7 de Setembro, 297
Tel.: 2805
CORUMBA - MT

CIANB
Av. Santos Dumont, 1520
Tel.: 2-2760
GOIANIA - GO

RECRIA
Rua Aguapeí, 1800
Tel.: (0186) 23-8047
ARAÇATUBA - SP



Sede do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, em Campo Grande (MT).

CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE GADO DE CORTE

A carne bovina constitui um produto de grande importância na dieta humana e na economia mundial. Sua produção é considerada meta prioritária tanto dos países desenvolvidos como dos em desenvolvimento.

O Brasil participa quantitativamente com o quarto rebanho bovino do mundo. A pecuária bovina de corte, pelo valor econômico de seus produtos, representa uma das mais importantes atividades do setor agropecuário da economia brasileira. É uma atividade que se apresenta como de maior potencialidade para a produção de carne a baixo custo, tanto para o abastecimento interno, como para competir no mercado externo. Apesar da expressão numérica e das diferentes condições ecológicas de sua extensão territorial, destaca-se ainda, entre outros países do mundo, em índices de baixa produtividade.

Em virtude desses aspectos, a bovinocultura de corte foi eleita como uma das atividades a ser implementadas pelas diretrizes do II PND, o que justificou a criação pela EMBRAPA de um Centro Nacional de Pesquisa, especializado em pecuária de corte (CNPGC) com a finalidade prefeita de promover os estudos necessários ao estabelecimento de tecnologias visando o desenvolvimento e mais economicidade da produção nacional nesse setor.

O Centro

A sede do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC), está localizada no Município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no km 4 da Rodovia BR-262 (Campo Grande—Aquidauana). Dista da Capital do Estado (Cuiabá) 709 km, da cidade de São Paulo 1.050

km, e de Brasília 1.353 km. A temperatura média anual é de 23,° C.; precipitação média anual de 1.396 mm; longitude de 54.° 40' W; latitude de 20.° 28' S; altitude média de 560 metros. Esta base física dispõe de 3.081 hectares em terrenos de cerrado, campo, matas e pastagens. As edificações existentes, residências, pavilhões, oficinas, etc. que pertenceram a extinta Diretoria de Remonta do Exército, foram adaptadas às finalidades do centro.

A outra base operacional do centro está localizada a 20 km da Sede, numa área de 1.612 hectares e que foi a Fazenda Experimental do extinto IPEAO (Ministério da Agricultura).

As duas bases físicas mencionadas são bem representativas de grande parte da área do Brasil Central mais adequada à Bovinocultura.

O centro tem como objetivo principal solucionar os problemas considerados como pontos de estrangulamento dos Sistemas de Produção em uso e elaborar novos sistemas. Esses Sistemas de Produção estão sendo enfocados a três níveis tecnológicos: a) para ocupação de áreas novas com base nos recursos naturais; b) para áreas que já dispõem de alguma infraestrutura e mais próximas dos mercados; e, c) para áreas altamente valorizadas que justificam o uso de insumos modernos em quantidade suficiente para obtenção de elevados índices de produtividade.

Metas

As metas fixadas pelo CNPGC consistem no desenvolvimento de tecnologias que contribuam para: aumentar a produção de carne em 205%, ou seja, de 1.600.000 para 5.000.000 de toneladas; incrementar a produção de carne por hectare/ano em 100% (de 20 para 40

kg/ha); e aumentar o crescimento da população bovina em 27% (de 86 milhões em 1975 para 109 milhões) num período de 10 anos.

Vários fatores de caráter tecnológico e sócio-econômico têm limitado um maior desenvolvimento da bovinocultura de corte, entre os quais se destacam:

- Inadequada alimentação do rebanho nos períodos críticos de produção.
- Conhecimento insuficiente da ecologia e do valor nutritivo das forrageiras.
- Limitada tecnologia sobre métodos econômicos e racionais de formação, melhoramento e manejo de pastagens.
- Desconhecimento sobre controle de plantas invasoras, pragas e doenças das pastagens.
- Falta de identificação das deficiências nutricionistas de macro e micro-elementos.
- Desinformações sobre sistemas econômicos de manejo do rebanho.
- Pouca atenção para o melhoramento visando a produção de carne.
- Desconhecimentos sobre sistemas de controle de doenças infecciosas, parasitárias e da reprodução animal.
- Baixa rentabilidade dos diversos sistemas de produção em uso.
- Processos inadequados de comercialização de gado em pé, da carne e seus subprodutos.
- Despreparo dos administradores das empresas rurais com relação a produção bovina.
- Extensão e heterogeneidade das condições ecológicas e sócio-econômicas nas áreas de produção de bovinos de corte no País.

Para atingir as metas acima citadas, torna-se necessário ao CNPGC desenvolver Sistemas de Produção capazes de modificar, simultaneamente, os seguintes índices de produção:

ÍNDICES	ATUAIS	METAS
Taxa Natalidade	40 a 50%	65 a 70%
Taxa Mortalidade	07 a 08%	04 a 05%
Idade da 1. ^a cria	3,5 a 4,5 anos	2,5 a 3,5
Idade do abate	4,5 a 5,5, anos	2,5 a 3,5
Peso da carcaça	192 kg	210 kg
Rendimento da carcaça	48 a 52%	54 a 56%
Taxa de abate	12%	22%
N. ^o de animais para obter 1 tonelada de carne	43 reses	24 reses

grama é dinâmico e sofrerá revisões anuais tendo em vista os resultados atingidos, a política governamental para o Setor Agropecuário, bem como procurar soluções dos problemas que forem surgindo na conjuntura econômica.

Sistematizou-se o programa em áreas, linhas e subprojetos de pesquisa, como seguem:

a. Alimentação dos rebanhos: 1) Forrageiras; 2) Pastagens; 3) Sistemas de alimentação; e 4) Suplementação Mineral;
b. Melhoramento e Manejo Animal: 1) Melhoramento Genético; 2) Manejo de Reprodutores; e 3) Manejo para aumentar a produtividade;

c. Sanidade: 1) Ocorrências sanitárias de importância econômica; 2) Controle sanitário do rebanho; e 3) Avaliação de testes de diagnóstico;

d. Economia da Produção: 1) Análise econômica de Sistemas de Produção; e 2) Comercialização de bovinos e seus produtos.

O centro ainda vai atuar nas áreas de pesquisa em Alimentação de Rebanhos; Melhoramento e Manejo Animal; Sanidade e Economia da Produção Bovina, envolvendo 20 subprojetos, a saber:

- Ecologia de Pastagens Nativas
- Manejo e Melhoramento de Campo Nativo
- Melhoramento de Pastagens Cultivadas
- Fertilidade do Solo e Nutrição de Forrageiras
- Avaliação Preliminar e Seleção de Forrageiras
- Produtividade de Pastagens Cultivadas

• Pastejo Diferido para o Período de Seca

• Conservação de Forragens
• Suplementação Mineral de Animais
• Utilização de Subprodutos da Agricultura

• Ecologia e Controle de Pragas das Pastagens

• Recursos Genéticos para Produção de Carne

• Parâmetros Genéticos em Raças Bovinas

• Eficiência Reprodutiva de Fêmeas de Cria

• Natalidade e Criação de Bezerros
• Epidemiologia das Doenças da Reprodução

• Epidemiologia das Doenças em Bezerros

• Epidemiologia e Controle de Parasitas

• Banco Ativo de Germoplasma de Forrageiras

• Sistemas Físicos de Produção

Estrutura

O CNPGC, em sua estrutura básica reflete a filosofia de trabalho concentrada por produto com enfoque multidisciplinar.

A Equipe Técnica Multidisciplinar se constitui de 34 técnicos, assim distribuídos: em Forrageiras e Pastagens — 10; em Solo — 2; em Nutrição de Ruminantes — 4; em Manejo Animal — 3; em Melhoramento Genético — 4; em Fisiologia Animal — 1; em Sanidade Animal — 6; em Economia — 1; em Estatística — 1; em Subprodutos — 2.

O programa de pesquisa do CNPGC se baseia em 5 pontos principais:

a) gerar tecnologia que permita melhorar ou estabelecer Sistemas de Produção economicamente viáveis às diversas regiões do País;

b) desenvolver, a nível nacional, a capacidade de planejar, executar e avaliar a pesquisa com a bovinocultura de corte;

c) cooperar na programação e execução das atividades dos sistemas integrados de pesquisas de âmbito estadual;

d) participar de atividades de treinamento em serviço e colaborar nas atividades de pesquisa em convênio com as outras entidades;

e) participar intensivamente no programa de difusão de tecnologia, em cooperação com órgãos de extensão e com os produtores.

Ao se estabelecer o programa de pesquisas do centro para produzir resultados a curto, médio e a longo prazo, foram considerados os fatores limitantes do processo produtivo da bovinocultura. O pro-



A pecuária bovina de corte, pelo valor econômico de seus produtos, representa uma das mais importantes atividades do setor agropecuário da economia brasileira.



ITALVA MELHORA A SELEÇÃO DE GUZERÁ

A partir de 1979 os criadores de gado Guzerá leiteiro e os produtores de leite do Estado do Rio terão a possibilidade de adquirir, em leilões anuais, na Fazenda Experimental de Italva, touros de alta linhagem para dar rusticidade e maior velocidade em ganho de peso aos seus rebanhos. A informação é do Secretário de Agricultura, José Resende Peres, ao presidir a solenidade de abertura da 30.^a Exposição Agropecuária do Sul Fluminense, em Barra do Piraí.

Disse José Resende Peres que o Governo Faria Lima, entre as medidas que adotou para modernizar e ampliar as atividades da Fazenda Experimental de Italva, fundou um plantel da raça Guzerá com animais doados por vários dos mais importantes criadores do País. O plantel, atualmente com cerca de 60 cabeças e matrizes inseminadas com sêmen de touros de alta qualidade, foi agora ampliado com a compra, pelo Estado, de 25 matrizes e um touro da famosa linhagem JA, iniciada no final do século passado, em Cantagalo, pelo criador João de Abreu Júnior.

Patrimônio

Para o Secretário de Agricultura, a compra dos animais da linhagem JA constitui importante medida para a preservação de um patrimônio da pecuária fluminense, já que as matrizes estavam reservadas para um criador da Venezuela e sua exportação deixaria o Brasil sem um dos seus melhores plantéis da raça Guzerá. O touro adquirido para a Fazenda Experimental de Italva, "Trigueiro JA", é filho da campeã mundial "Potinga JA", que produziu, em 365 dias, 5.672 quilos de leite, e só não vendido a produtor de outro Estado porque se encontrava numa

central de inseminação quando a maior parte do plantel JA foi negociada.

Peres, agradeceu aos produtores de leite reunidos em Barra do Piraí a resposta dada aos estímulos do Governo Faria Lima ao setor, com o aumento expressivo da produção leiteira do Estado. Disse que a resposta dos produtores pode ser medida pela atuação da Cooperativa de Resende, que teve triplicado o seu recebimento de leite desde o início do Governo da Fusão; ou pela duplicação do recebimento de leite na Cooperativa de Itaocara; ou, ainda, pela Cooperativa de Itaperuna, que em 1974 recebia cerca de 40 mil litros de leite por dia e recebeu, no início de 1978, uma média diária de 192 mil litros.

Leite e café

Resaltou que num Estado como o do Rio de Janeiro, que tem 2/3 de sua área acidentados, tornando inviável a mecanização da sua agricultura, a solução está no leite e no café. Paralelamente ao aumento da produção leiteira, o Estado, com o apoio do IBC, plantou cerca de 10 milhões de covas de cafeeiros no último ano agrícola e acaba de pedir ao Governo federal financiamento para o plantio, no atual ano agrícola, de mais três milhões de covas.

Ainda com relação à compra do plantel Guzerá JA, para a Fazenda Experimental de Italva, o Secretário José Resende Peres agradeceu a compreensão da Sra. Eunice Abreu, viúva do proprietário do rebanho, criador João Carlos Burguês de Abreu, que prosseguiu as negociações com o Estado após a morte do marido e permitiu, assim, que continuasse em solo fluminense parte de um importante patrimônio agropecuário do País.

Qualquer unidade de comercialização da Makro Atacadista representa a soma de quarenta e oito atacadistas tradicionais reunidos sob um mesmo teto.

São 35 mil itens de mercadorias colocados à venda num mesmo local - entre alimentos e não-alimentos. Para o produtor - tanto industrial, como agropecuário - a Makro é um ponto de venda dos mais importantes, pelos motivos seguintes:

a) menor custo de distribuição, pois os produtos são entregues num só local, onde não adquiridos pelos clientes Makro - o comércio varejista em geral e os compradores institucionais.

Quem entrega seus produtos na Makro, na realidade entrega 151.000 pontos de venda;

b) produtos sempre em exposição nas prateleiras; a Makro não tem estoque alto para especular com preços. O estoque, controlado por computador, está sempre no nível ideal da demanda de cada produto;

c) o "Jornal Makro de Ofertas", distribuído quinzenalmente a todo portador de Passaporte Makro, contendo ofertas especiais da quinzena.

Um veículo dirigido exatamente para o público específico, constituindo-se hoje provavelmente na maior mala direta do país. São 151 mil comerciantes varejistas e compradores institucionais. A Makro Atacadista é uma nova filosofia de abastecimento. É o elo racional de ligação entre o produtor e o comerciante.

Um ponto de venda racional.



o superatacado
makro
caixa postal 30414 - S. Paulo

A produção animal apoia-se basicamente em três alternativas de exploração dos recursos genéticos existentes no mundo: utilização da raça para melhor adaptação, formação de novas raças e utilização de cruzamentos sistêmicos.

A formação de uma nova raça de bovinos de corte adaptada às condições brasileiras foi planejada e executada pelo zootecnista A. Teixeira Vianna na *Fazenda Canchim* em São Carlos, Estado de São Paulo. Através de cruzamentos alternativos entre Charolês e Zebu foi obtido o 5/8 Charolês — 3/8 Zebu que, mediante acasalamento entre si, deu origem ao bimestiço denominada *Canchim*. Uma alternativa que produz resultados a curto prazo é a utilização de cruzamentos permanentes que proporcionam uma significativa melhoria das características de produção, tais como: porcentagem de parição, de desmama, sobrevivência de bezerros, habilidade materna e ritmo de crescimento. Em ambientes desfavoráveis o nível de aumento na produção total pode chegar a 30/50 por cento para cruzamentos entre raças européias e zebuínas, tendo assim uma grande importância econômica. As raças derivadas do Zebu quando cruzadas com Zebu também apresentam níveis de melhoria relativamente altos, com a vantagem da utilização de touros em monta natural. A vantagem total dos cruzamentos resulta, principalmente da utilização de matrizes cruzadas devido a sua habilidade materna e eficiência reprodutiva.

O *Canchim* devido à sua elevada rusticidade e velocidade de crescimento pode ser criado como raça pura ou ser utilizado em cruzamentos com fêmeas azebuadas, produzindo *Novilhos precoces* e excelentes matrizes cruzadas. A redução da idade de abate de bovinos de corte, com melhoria da qualidade da carne, é uma meta que pode ser atingida mediante a utilização de cruzamentos com o *Canchim*. Por outro lado, as fêmeas obtidas possuem elevada habilidade materna e longevidade, fatores estes positivos para a criação dos bezerros. Os reprodutores *Canchim* podem ser utilizados em monta natural, o que representa uma grande vantagem para regiões onde é difícil o uso de inseminação artificial.

Visando atender os criadores que têm interesse em melhorar seu rebanho produtor de carne, a *Fazenda Canchim*, base física da UEPAE de São Carlos, órgão da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, realiza anualmente leilões em que são oferecidos reprodutores e matrizes da raça *Canchim*. Os animais colocados à venda são rigorosamente selecionados por técnicos da EMBRAPA visando oferecer reprodutores em perfeitas condições.

O CANCHIM E SUA UTILIZAÇÃO EM CRUZAMENTOS

Touro da raça Canchim.



EM 1978

O GRUPO KLABIN

continua sua marcha de 79 anos de vida,
através da ampliação e melhoria de suas
unidades fabris, operando em todo o País
nos setores de

*celulose e papel
embalagens de papelão ondulado
azulejos e pisos cerâmicos
mineração e beneficiamento
de minerais não metálicos
fibras textéis sintéticas
reflorestamento
atividades agropecuárias*

SÃO PAULO

Rua Formosa, 367 – 5.º andar
Telefone: 239-5644
Caixa Postal 524

RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 81 – 13.º ao 16.º andares
Telefone: 221-2787
Caixa Postal 1622



Feiras e exposições de gado são realizadas em todas as comunidades canadenses com rebanhos significativos. Têm início em junho e culminam com grandes exposições internacionais como a Feira de Inverno Real de Agropecuária (Royal Agricultural Winter Fair) em Toronto (9 a 18 de novembro) e a Exposição Agropecuária do Oeste Canadense (Canadian Western Agribition) em Regina (24 de novembro a 1.º de dezembro).

MAIS DE 50 PAÍSES SE BENEFICIAM DA TECNOLOGIA DE ISEMINAÇÃO ARTIFICIAL DO CANADÁ



CANADIAN COLOSSAL, um touro canadense Aberdeen-Angus conhecido como "Rei dos Procriadores", que antes de sua morte em 1964, contribuiu de maneira significativa para a revitalização da indústria de carne nos Estados Unidos. O gado de corte canadense, principalmente os Aberdeen-Angus, Hereford, Shorthorn e Charolês contribuíram para uma produção mais eficiente de carne em todas as partes do mundo. Foram premiados em exposições de gado no Brasil, Argentina e muitos outros países.

O gado leiteiro desempenha função importante na agropecuária canadense. De acordo com o censo de 1971, 31 por cento das fazendas canadenses declararam rendas provenientes do setor de laticínios. Em 1977 o setor foi responsável por 14 por cento de toda a receita agrícola. Embora nos últimos anos o rebanho nacional do Canadá de gado leiteiro tenha sofrido um pequeno decréscimo — no início de 1978 a quantidade de vacas com dois ou mais anos de idade era de cerca de dois milhões de cabeças — a eficiência do rebanho melhorou. Por exemplo, a produção anual de leite por vaca cresceu regularmente de 2.970 kg (6.536 lb.) em 1965, para 4.020 kg (8.643 lb.) em 1977. A produção total de leite em 1977 foi de 7.751,8 toneladas (17,07 bilhões de libras).

As propriedades agrícolas familiares localizadas principalmente nas províncias de Ontário, Quebec e Columbia Britânica dominam a indústria doméstica de laticínios. Os rebanhos de gado leiteiro geralmente variam de 30 a 80 vacas, permitindo aos fazendeiros canadenses alcançar elevadas taxas de produção através de horas-homem relativamente baixas por cabeça.

As modernas fazendas leiteiras são operadas por técnicos agrícolas capacitados que utilizam as mais avançadas técnicas empresariais, de marketing e de administração de rebanhos. Equipamento automatizado, como maquinaria de alta capacidade de ordenha e alimentação, bem como instalações de armazenamento a granel auxiliam a reduzir e controlar os custos.

A contínua pesquisa feita em laboratórios do governo, indústrias e universidades, assim como as técnicas de criação cuidadosamente controladas e os regulamentos sanitários escrupulosos têm auxiliado o desenvolvimento de raças exclusivas canadenses de gado leiteiro e o estabelecimento do renome mundial do Canadá como um produtor e exportador confiável de animais de qualidade e elevado desempenho.

A raça *Holstein-Friesian* canadense, por exemplo, é encontrada atualmente em mais de 68 países e está obtendo sucesso tanto nos climas tropicais como nos climas frios. As raças *Ayrshire* e *Jersey* canadenses e outras, também são exportadas para quase todas as partes do mundo.

Os *Holstein* canadenses começaram a atrair a atenção dos criadores brasileiros em 1960. Entre 1972 e 1975, cerca de 40 por cento das necessidades de "qualidade" dos criadores brasileiros de *Holstein-Friesian* tiveram origem no Canadá.

Em 1975 um criador brasileiro comprou "Romandale Royal Red" no Canadá. Este era o único descendente vivo de "ABC Reflection Sovereign", um animal considerado por alguns como o melhor touro *Holstein-Friesian* do mundo. Desde

então, "Romandale Royal Red" tem feito importantes contribuições para o programa de inseminação artificial do Brasil. Sua filha "Espiga Royal Red de Santa Inês" ganhou o Campeonato Nacional Brasileiro em 1975 e obteve outros prêmios em várias exposições de gado no Brasil.

Os *Holstein-Friesian* canadenses estão também atuando com destaque na política desenvolvida pelo governo brasileiro de controle de qualidade do rebanho de gado leiteiro do país, com objetivo de incentivar os governos estaduais no estabelecimento de centros de criação. O Estado do Paraná comprou 2.000 *Holstein* puros de um exportador canadense; o Estado de Goiás está comprando outros 300, e os Estados da Bahia e Pernambuco estão considerando compras similares.

Touro da raça Charolês canadense. As importações de Charolês de raça para o Canadá tiveram início há poucos anos atrás. Está sendo desenvolvida uma raça canadense de tamanho grande, membros compridos e bem proporcionada que pode se adaptar rapidamente a diferentes condições climáticas, caracterizando-se também por sua capacidade de cruzamento. A Associação de Charolês Canadense (Canadian Charolais Association) opera um moderno registro feito por computadores, um programa de testes de desempenho, bem como coordena as atividades de criação de seus 3.200 membros em sua nova sede perto do Aeroporto Internacional em Calgary, Alberta.



SELWOOD BETT'S COMMANDER, um touro Ayrshire de criação canadense que contribuiu enormemente para o aumento da produção de Ayrshires no Canadá e em todo o mundo. Na história dos registros do setor de laticínios nenhum outro touro de qualquer raça, com tantas descendentes testadas elevou em tal quantidade a produção de leite dos rebanhos. Fortes, capazes e altamente produtivas as vacas Ayrshire canadenses são conhecidas por sua longevidade, excelentes e firmes úberes e pela notável beleza, vigor e qualidade.





MISS BONNIE MATILDA E.T. novilha de transferência de embrião de propriedade da empresa *Via Pax International Ltd.*, que vem realizando operações de transferência de embriões em mais de 300 vacas doadoras e produziu mais de 900 prenhes em seu centro em Woodbridge, Ontario. Utiliza quase que exclusivamente a técnica não-cirúrgica de recuperação do embrião. A *Via Pax* foi a pioneira no desenvolvimento do armazenamento a curto prazo e na exportação de embriões Holstein. Foi também a primeira a adotar a tecnologia de embriões congelados.

O valor das importações brasileiras de gado leiteiro canadense elevou-se de 427.000 dólares canadenses em 1971 para 1.300.000 dólares canadenses em 1977.

GADO DE CORTE

A população de gado de corte no Canadá com dois ou mais anos de idade, no início de 1978, era de 3.9 milhões de cabeças — mais de quatro vezes o número existente em 1950 que era de 961.000 cabeças. Em 1964 os fazendeiros receberam 257 milhões de dólares canadenses pelas vendas de gado e novilhos, representando 15 por cento da receita agrícola total. Em 1977, as vendas de gado e novilhos representaram 20,5 por cento do total da receita agrícola.

Uma das características deste constante crescimento da indústria de gado de corte foi o desenvolvimento no país de um animal relativamente grande, de rápido crescimento, trabalhador, forrageador eficiente e de fácil trato-confinado. A obtenção destas qualidades foi necessária devido a pressões econômicas e a necessidade de uma produção eficiente dentro de uma ampla variedade de condições climáticas.

O Canadá possui cerca de 20.235.000 de hectares (50 milhões de acres) de extensão de pastagens no Oeste — cerca de 80 por cento do total estão sujeitos a maiores variações climáticas e necessitam pastar em terrenos mais amplos e acidentados do que os rebanhos do Leste do país.

Somente as raças com potencial genético para um bom desempenho foram selecionadas e propagadas dentre as impor-

tações originais para o Canadá de gado Hereford, Aberdeen Angus e Shorthorn. Nos últimos anos reprodutores de muitas outras raças têm sido importados e estudados, dentre estes as raças *Charolês* e *Simental* comprovaram ser as mais populares.

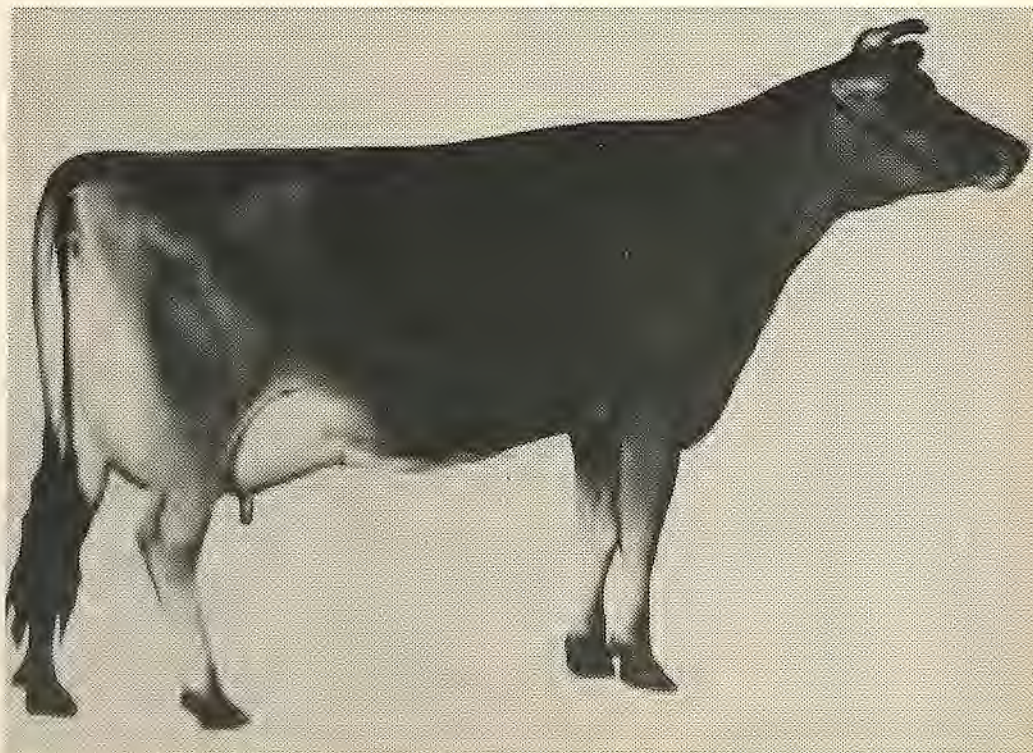
O gado de corte canadense atualmente está sendo exportado para todo o mundo a fim de ajudar no desenvolvimento de empresas de produção de carnes. Compra-

dores de muitos países incluindo o Brasil, Argentina, Chile, México, Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Japão, Grã-Bretanha, África do Sul e Tchecoslováquia têm comprado gado canadense para o desenvolvimento de rebanhos de raça e para cruzamentos.

O Registro Nacional do Canadá do Programa de Desempenho (Canada's National Record of Performance Program) presta assistência para o aperfeiçoamento genético do gado de corte para uma melhor performance econômica. O Programa abrange três níveis de testes: teste doméstico; teste de touros; e teste de procriação.

Amplios programas de pesquisas e cruzamento de raças bem como controles rígidos de prevenção de doenças também ajudam a assegurar o mérito genético e a garantir a saúde dos animais criados no país.

BRAENETH MASTER'S LETA, uma vaca Jersey canadense, grande campeã da Exposição central de Ontário em 1975. As Jerseys canadenses são eficientes transformadoras de forragem em alimento humano. O elevado conteúdo de gordura láctea e de sólidos não-gordurosos de seu leite torna esta raça ideal para a fabricação de produtos laticínios bem como para misturas com leites de menor valor. As Jerseys canadenses também suportam bem invernos rigorosos enquanto que nos climas tropicais e semi-tropicais sua cor parda escura ou cinzenta repele o calor. O Clube de Gado Jersey Canadense (Canadian Jersey Cattle Club) que incentiva, desenvolve e regulamenta a criação do gado de raça Jersey no Canadá foi um dos participantes canadenses da Expointer 78



Quatro associações canadenses envolvidas na criação de gado de corte para exportação estiveram representadas na Expointer 78 de Porto Alegre, em julho último: — a Associação Canadense de Gado Charolês (Canadian Charolais Association) a Associação de Todas as Criações de Alberta Canada (Alberta Canada All Breeds Association), a Associação de Gado Saskatchewan (Saskatchewan Livestock Association) e a Associação de Raças de Gado de Corte de Ontário (Associated Beef Breeds of Ontario).

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Durante os últimos 25 anos, o Canadá auxiliou a desenvolver e aperfeiçoar técnicas conhecidas internacionalmente para a inseminação artificial de vacas, utilizando o sêmen de novilhos de alta linhagem, selecionados através de uma avaliação durante cinco anos, sistema esse que classifica com exatidão um touro de acordo com a produção de leite de suas filhas quando estas atingem a maturidade.

A primeira unidade de inseminação artificial do Canadá foi inaugurada em 1941. Em 1976 cerca de 1 milhão de vacas de leite — mais de 50 por cento da população total de vacas leiteiras — e 152.000 para corte — aproximadamente 50 por cento do rebanho nacional — foram geradas artificialmente.

As companhias canadenses representam um papel de liderança na nova tecnologia de transferência de embriões. Em sua maioria, métodos não cirúrgicos são usados agora para coletar o óvulo fertilizado da vaca doadora. As remessas para o exterior são feitas na forma de óvulos fertilizados/congelados.

Mais de 50 países se beneficiaram da tecnologia de inseminação artificial do Canadá e de suas capacidades de produção de gado leiteiro e de corte, geneticamente superior e isento de doenças.

Os sêmen de touros canadenses com pedigree são hermeticamente fechados e armazenados em centenas de milhares de ampolas em nitrogênio líquido a 320° F

(- 195° 5 C). Acondicionados em recipientes especiais, que evitam sua deterioração, são fornecidos aos clientes de todo o mundo, dentre os quais o Brasil, que aumentou as importações de sêmen canadense para gado leiteiro de US\$ 4.000 em 1971, para US\$ 107.000 em 1974 e US\$ 686.000 em 1976.

Embora o valor tenha caído para US\$ 112.000 em 1977, não deixa de ser marcante que as exportações tenham crescido numa época em que se manifestou uma tendência geral de diminuição da importação do produto pelo Brasil.

O valor das importações feitas pelo Brasil de sêmen canadense para gado de corte sofreu um pequeno aumento nos últimos dois anos — de US\$ 14.000 em 1976 para US\$ 22.000 em 1977.

Dois consórcios canadenses especializados na exportação de sêmen congelado estiveram presentes à Expointer 78: — a *Semex Canada*, uma associação formada por 10 organizações, que controla mais de 1.500 touros em seus centros de inseminação artificial, e a *Semaltex Semen Exporters Canada Ltda.*

TRANSPORTE E VENDA DE GADO

No período de 40 anos, a Hays Farms International Ltd., de Oakville, Ontário tornou-se um exportador e vendedor líder de gado de alta qualidade, e um dos principais organizadores e participantes de exposições de gado em todo o mundo. Atualmente exporta alguns milhares de cabeças de gado por ano para

aproximadamente 50 países, incluindo gado de grande valor, que regularmente têm se tornado campeões de produção e de exposições.

A companhia começou suas exportações na década de 1930 enviando exemplares *Holstein-Friesian* canadenses para o México e Grã-Bretanha. Reassumindo os negócios após a guerra, a Hays Farms exportou *Holstein* canadenses para o Chile e Argentina e, em seguida, para o Equador, Cuba, Europa e China. Foi em 1946 que a companhia enviou pela primeira vez gado por via aérea a seu destino.

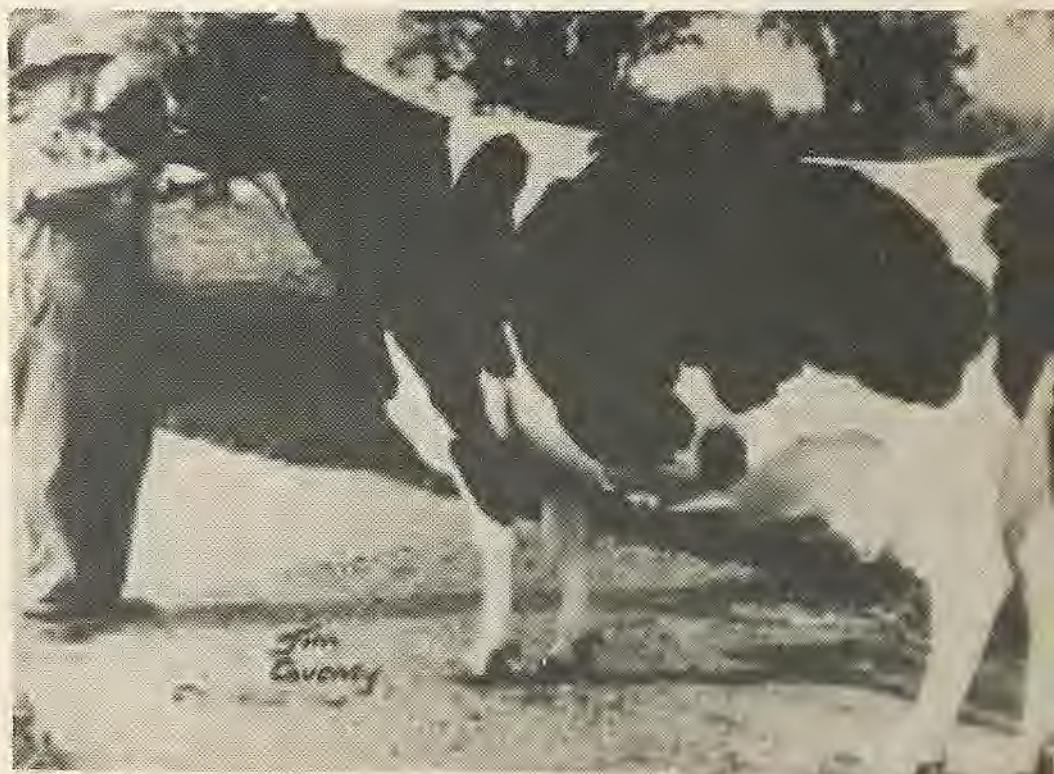
Por volta de 1950, a maioria dos países da América do Sul, Central e do Caribe já era compradora de gado canadense através da Hays Farms. A Europa também se tornou um cliente importante. A Hays estava então embarcando não somente os *Holstein* canadenses, mas também outras raças de gado leiteiro e de corte, assim como rebanhos suíno e caprino.

Na década de sessenta conquistou importantes mercados na Itália, Japão, África e Oriente Médio.

O Brasil também se tornou um importante mercado para a Hays Farms nos últimos anos. Aqui, a companhia tem um agente exclusivo — o Dr. Luiz Horácio U. C. de Mello que opera sob o nome comercial "Otimista" em São Paulo.

A Hays Farms já enviou cerca de 2.000 cabeças de gado canadense para o Brasil, a maioria *Holstein*, além de *Aberdeen-Angus*, *Ayrshire*, *Guernsey* e *Hereford*. A vaca "Condon Texal Bess", grande campeã da Exposição Nacional em Guaratinguetá em 1975, foi trazida pela Hays Farms.

INGHOLM RAG APPLE PRESIDENT
aos nove anos de idade. Esta vaca *Holstein-Friesian* canadense foi campeã mundial de produção de gordura láctea em 305 dias. Famosas por seus excelentes úberes e seu grande tamanho, as *Holsteins* canadenses têm maior capacidade para produzir intensamente durante longo tempo em qualquer tipo de clima. Foram exportadas para mais de 68 países. A Associação de *Holstein-Friesian* do Canadá (*Holstein-Friesian Association of Canada*) congrega mais de 13.000 criadores da raça e registra anualmente mais de 10.000 animais, realizando um amplo programa de classificação de tipos e operando também um serviço de pedigree oficial.



FAZENDA CAPELA DE SÃO JUDAS TADEU



Proprietário: Engenheiro Agrônomo JOÃO BUCHAUL

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES GIR LEITEIRO

Entre as Estações de Rio Dourado e Professor Souza
Casimiro de Abreu — Estado do Rio de Janeiro

Endereço para correspondência:
Avenida Atlântica, 3940 — apto. 702 — Copacabana — Tel. 247—8890



BAMBOLE — Campeão em diversas exposições fluminenses e mineiras

GIR LEITEIRO

O acasalamento de vacas mestiças com touros da raça GIR produz maior número de bezerros, possibilita maior lactação, o bezerro se contenta com menos leite e não há problemas de parto.

Além disso, todo criador experiente sabe que "campeiro não tira leite de vaca brava".

CONSULTE-NOS PARA UM BOM NEGÓCIO

RAÇA BOVINA ADAPTÁVEL DAS MONTANHAS GALESAS

Por Peter Johnson

Diretor da revista "Livestock International", de Londres



Touro charlês de seis anos, que conquistou para a sua raça o troféu de supremo campeão de gado de corte, pela terceira vez consecutiva, no "Royal Show" deste ano, na Inglaterra (Foto BNS).

No "Royal Show", principal exposição de agropecuária da Grã-Bretanha, uma das raças britânicas mais antigas e uma das mais recentes no país competiram nas finais do campeonato reservado para gado bovino cruzado. Foram elas a Welsh Black (galesa preta) e a Charolês esta última importada pela primeira vez em 1961 e já considerada como raça nativa.

A galesa negra teve que se conformar com o segundo lugar, circunstância que, não obstante, põe em destaque a consideração que em tempos relativamente recentes se concede a esta raça, tanto na Grã-Bretanha como no estrangeiro.

Esta forte raça de montanha remonta à época pré-romana e aparece mencionada nos primeiros textos da literatura galesa.

Duas variedades

Chega a se constituir num caso singular entre o gado de montanha pelo fato que, em certo tempo, foi considerado como animal de dupla finalidade. Mas no final do século XIX já havia duas espécies perfeitamente diferenciadas: a pequena do norte do País de Gales, ou tipo Anglesey, mais apropriada para a produção de carne que de leite, e a maior, do sul de Gales, ou tipo Castlemartin, cujos criadores concentraram-se em explorar suas características como gado leiteiro.

Em 1873, foi iniciada pela primeira vez uma ação concentrada para melhorar a raça criando-se a Welsh Black Cattle Society (Sociedade de Gado Galês Preto), entidade que pouco depois cindiu-se em duas, uma para o Norte e outra para o Sul de Gales, até que, definitivamente, ambas voltaram a se unir em 1904, constituindo a sociedade que existe atualmente.

Desde então, a política da sociedade foi cruzar o sangue entre as espécies do Norte e Sul de Gales. Em anos recentes, os criadores que tiveram êxito ao tentar essas cruzas obtiveram as mais valiosas recompensas em termos de rendimento e preço.

A galesa preta já é considerada como uma raça especial para o corte e, em particular, como uma das melhores vacas de amamentação da Grã-Bretanha. É econômica, muito resistente, adaptável a climas extremos e boa mãe.

Pêlo preto

Em comparação com outras espécies de montanha, é de tamanho relativamente grande. Um exemplar normal de vaca pesa 480 quilos ao final da temporada de pastagem. Seu pêlo é negro, embora as vezes apresente manchas claras na linha da barriga, por trás do umbigo. A intensidade da cor oscila entre preto desbotado e negro profundo.

O pêlo é denso, suave, bastante comprido e, no inverno, seu aspecto é rugoso e de matiz avermelhado. Este fino pêlo protetor persiste até acabar os rigores do inverno. A espécie dá-se muito bem com as temperaturas abaixo de zero no Canadá, assim como nos trópicos — Jamaica e Uganda, por exemplo —, onde seu pêlo torna-se lustroso.

A dupla função que costumava ter esta raça se reflete no peso aos 200 dias, que é excepcionalmente grande em relação ao de outras idades, o que vem a ser indicação da excelente capacidade das mães lactantes.

Em rebanhos de terras altas e médias, vacas mestiças e puras cruzadas com touros galeses pretos produziram novilhos cujo peso na desmama foi superior ao médio correspondente às raças e cruzas registradas em tais ambientes.

Superior ao peso médio

Os pecuaristas dedicados a tal criação usam regularmente os touros grandes como reprodutores de manadas para melhorar ainda mais a relação de peso e idade e, ao mesmo tempo, para conservar a firmeza que é própria da raça.

No que se refere às características de carcaça, esta raça proporciona um corpo de carne abundante que é geralmente magra. Os resultados do "Royal Show" de Smithfield em Londres ilustram a capacidade da raça para produzir aos 12 ou 15 meses novilhos prontos para o matadouro. Costumam pesar entre 197 e 246 quilos, o que representa um ganho diário de peso de 5,5 quilos aproximadamente.

As provas de rendimento dos touros galeses pretos começaram em 1971 e já são parte em caráter regular do programa de provas que se efetua nas instalações que a citada Comissão tem em Holme Lacey, na região ocidental da Inglaterra. Entre os seis e 13 meses de idade, os touros se alimentam à vontade com uma forragem composta de pasto desidratado e bolas de cevada. Avalia-se o grau de assimilação da forragem, na profundidade da gordura do lombo — que é examinada ultra-sonicamente — e pela altura da cernelha. Um júri composto de técnicos examina todos os touros ao final do período experimental e os classifica de acordo com os resultados obtidos.

Mãe ideal

A vaca galesa preta é uma mãe abnegada que chega a sacrificar-se quando os pastos escasseiam para que seu novilho tome leite suficiente. O rendimento médio de leite oscila entre 3 mil 200 e 4 mil 100 litros por período de lactância. De igual importância é a linha da lactância, que segue um sentido antes

suave do que pronunciado, o que garante que o leite fique disponível quando o novilho atingiu um estado em que pode fazer uso máximo da forragem.

Antes da II Guerra Mundial, em muitas granjas do País de Gales, produzia-se manteiga para venda e, devido a essa circunstância, escolhiam vacas que dessem leite gordo. O conteúdo de manteiga, como termo médio, não chega a ser inferior a 4 por cento.

Outros dos atributos da raça são especialmente importantes em uma vaca amamentadora, a saber, a longevidade e a docilidade. A primeira é excepcional. Considera-se que as fêmeas se encontram em excelente estado entre os 10 e 15 anos de idade, e é bastante frequente encontrar vacas de cria de 15 a 20 anos, o que contribui para aumentar os lucros que se obtenham com a venda das fêmeas de cria que sobram.

"Supervaca"

A Sociedade de Gado Galês Preto é a segunda entidade britânica em ordem de importância que cuida de uma raça leiteira e de corte. Anualmente são registradas 6 mil e 500 vacas e 500 touros.

Esta raça é agora muito comum na Escócia e podem-se ver exemplares da mesma em leilões de espécies diversas que se organizam em Perth, no mês de outubro.

No que diz respeito ao estrangeiro, em 1971 foi fundada a Sociedade Canadense de Gado Galês Preto, a primeira criada fora do País de Gales. Ao cabo de três anos já contava com 84 sócios. Em 1973 exportaram pela primeira vez exemplares dessa raça para a Nova Zelândia, e em anos mais recentes também a Jamaica, Uganda e Ilhas Falklands se beneficiaram com a importância desta raça excepcionalmente boa para a reprodução.



Cooperativa: realização de todos no esforço de cada um.

“O Governo... busca incessantemente apoiar e estimular o Sistema Cooperativista, sem concessões nem paternalismo, visando amparar produtores e consumidores e propiciar tranquilidade social...”

Transcrito da Justificativa da Campanha Nacional
de Difusão do Cooperativismo - 1978

Copersucar: o cooperativismo posto em prática.

Rigorosa prioridade ao homem.

Do mais humilde dos colhedores de cana, aos técnicos de renome internacional, a Copersucar e suas cooperadas incorporam um exército de mais de 120.000 pessoas em empregos diretos.

Só para que se tenha uma idéia da grandeza do trabalho que estas pessoas realizam nas 73 usinas e destilarias basta citar que seu volume de produção só é superado por cinco países.

O sistema cooperativista, adotado pela Copersucar, permite o desenvolvimento da capacidade destes recursos humanos, através da realização de cursos, pesquisas, intercâmbios com o exterior.

Outra possibilidade gerada pelo cooperativismo é a promoção de uma política de segurança agro-industrial, objetivando a preservação do elemento humano. Esta política se materializa através de inspeções de segurança, treinamento, divulgação, análise e estatística de acidentes, prevenção, proteção e combate contra incêndios, especificações e controle de material e equipamento de segurança agro-industrial, desenvolvimento de técnicas e processos mais seguros tanto para as atividades no

campo quanto na indústria.

Também a educação e a saúde são setores em que o cooperativismo permite alocar recursos, auxiliando e complementando a ação dos órgãos oficiais. Só em nível primário existem dezenas de escolas, total ou parcialmente mantidas pelas empresas que integram a Copersucar.

A Copersucar também foi pioneira em alertar o Governo para a necessidade de uma legislação social previdenciária específica para o homem do campo, inspirando mesmo a criação do FUNRURAL. No setor habitacional, não se cansa a Copersucar de reivindicar publicamente um programa de habitação rural.

Talvez o maior benefício que a ação cooperativista da Copersucar traga, através da criação de empregos estáveis e de condições humanas de vida, é a fixação da mão-de-obra no campo, permitindo a interiorização do desenvolvimento e aliviando os grandes centros urbanos.

O Governo está apoiando o cooperativismo, como a melhor solução para os problemas dos homens do campo. A Copersucar está aí para provar na prática a eficiência desta teoria.

Colaboração da

 **COPERSUCAR**

à Campanha Nacional de Difusão do Cooperativismo - 1978



MOSAICO COOPERATIVISTA

O macaco está certo: sô queríamos entender

O presidente da Copersucar — Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo, Jorge Wolney Atalla, declarou que o cooperativismo brasileiro corre o risco de perder as bases sólidas em que se assenta se tiverem sucesso as gestões e pressões "daqueles que querem fazer cooperativas para uso doméstico ou familiar".

É inacreditável — afirmou — que o interesse particular de uns poucos usineiros possa servir de ariete para abrir rachaduras graves em todo o edifício do cooperativismo brasileiro, erguido pela clarividência e dedicação de muitos, e ao longo de tantos anos de incertezas.

Segundo Atalla, as cooperativas de produtores de açúcar, existentes no Nordeste e no Centro-Sul do país, já provaram a sua eficiência, não só através de um abastecimento perfeito e permanente do mercado nacional, como também pelos êxitos obtidos, em anos recentes, quando o Brasil pôde extrair as maiores vantagens econômicas decorrentes da conjuntura favorável do mercado internacional.

"Graças ao espírito progressista das cooperativas existentes, o Brasil tornou-se hoje um dos centros mundiais da tecnologia da agroindústria do açúcar e do álcool, dois produtos dos quais é o maior produtor."

E o presidente da Copersucar acrescentou:

— "Se a questão é dar oportunidade a um pequeno grupo de sete usineiros, para que possam usufruir dos benefícios do cooperativismo, as autoridades governamentais e cooperativistas sabem que as portas das nossas entidades estão abertas, aqui no Centro-Sul, onde já existem três tradicionais cooperativas, havendo, portanto, inclusive, a possibilidade de opção.

A Copersucar tem 74 usinas associadas, responsáveis pela metade de todo o açúcar e quase dois terços de todo o álcool que o país produz. Isto prova algumas coisas, a primeira das quais é a consagração da sua política de apoio e serviço às associadas. A outra é que seu trabalho de assistência técnico-econômica, no sentido de melhoria da produtividade das usinas associadas, vem sendo muito bem sucedido.

Estamos, pois, cumprindo nossos compromissos nas duas frentes em que atuamos: perante nossas associadas, que são a maioria absoluta das usinas do Estado de São Paulo e perante a comunidade e o Governo — porque o açúcar está distribuído em abundância no mercado, ao alcance dos milhões de consumidores brasileiros, e a um preço que ainda é menos da metade do preço internacional."

Função social

Focalizando a questão do número mínimo de associados que a lei exige para a formação das cooperativas, Jorge Atalla explicou que "o número mínimo de vinte é porque as cooperativas têm como fim precípua serem entidades sociais, para benefício de muitos. Para atender aos interesses de cinco ou sete pessoas — acrescentou — existem as sociedades anônimas que são até mais eficientes quando se trata de individualizar vantagens e benefícios. A *minicooperativa*, como está sendo pretendida, é uma maneira de servir de bandeja, para cinco ou sete empresas ou usineiros, aqueles benefícios da lei destinados democraticamente, e com a visão social, a um grande número."

Como se vê, a colocação do problema é perfeita. Menos para o Superintendente

da OCB — Organização das Cooperativas Brasileiras, José de Campos Mello, que dias após (três dias) ao pronunciamento de Atalla, disse à imprensa que "o INCRA deveria estudar a conveniência, ou não, de oficiar à Junta Comercial ou ao cartório de registro de pessoas jurídicas de São Paulo, onde a Copersucar teve arquivado seus primitivos estatutos, informando-os que, de acordo com a legislação atual, não tem a Cooperativa condições nem autorização para funcionar como tal." Na sua opinião, o Governo deveria enfrentar o problema, dando-lhe solução adequada "fora, no entanto, da forma cooperativa, sob pena de distorção do sistema".

Campos Mello afirmou que a OCB jamais concordou e não terá condições de concordar com a modificação da legislação atual (Lei 5.764, de 1971), referindo-se a notícias recentes de que o Governo federal encaminhará ao Congresso Nacional anteprojeto-de-lei para permitir que a Copersucar e outras entidades semelhantes possam funcionar legalmente com registro no INCRA.

Será que todo o esforço de Cirne Lima, Pires de Almeida, Toledo Piza, Antoninho Rodrigues, Tertuliano Bofill, João Gilberto, Alckmin, Valdick Moura, e tantos outros, terá sido em vão, quando há cerca de dez anos se deram as mãos para pacificar, unir, sanear e fortalecer o movimento cooperativista brasileiro? Sinceramente, só queríamos entender o que, na realidade, está por trás de tudo isso.

O CENTENÁRIO DO CONGRESSO AGRÍCOLA DE RECIFE

Uma retrospectiva histórica
de autoria do
engenheiro agrônomo
Amaro Cavalcanti.

Na próxima edição de
A LAVOURA

Técnicos debatem no Rio problemas da suinocultura

Técnicas de criação racional, defesa sanitária, erradicação da peste suína africana e maior rentabilidade do setor são alguns temas do I Congresso Brasileiro de Problemas da Suinocultura, que será realizado no Rio entre os dias 6 e 9 de novembro próximo, com a participação de especialistas brasileiros e de países da América do Sul e Europa.

O congresso é promovido pela Secretaria de Agricultura e Sociedade de Medicina e Veterinária do Estado do Rio de Janeiro e conta com o apoio da Sociedade Nacional de Agricultura, tendo como principal objetivo traçar diretrizes para o futuro da suinocultura brasileira em todos os seus aspectos. Os resultados do encontro serão utilizados pelo Ministério da Agricultura como subsídios para a integração dos países latino-americanos nos procedimentos técnicos exigidos para o desenvolvimento do setor.

TEMÁRIO

O temário do I Congresso Brasileiro de Problemas da Suinocultura abrange três itens básicos. O primeiro se refere à criação de suínos e inclui palestras e debates

sobre técnicas de manejo, raças e cruzamentos, nutrição e conversão, instalações físicas e legislação. O segundo item focalizará as doenças infecciosas e parasitárias, como bacterioses, viroses, parasitoses e peste suína africana, além da legislação específica e a utilização adequada da imunologia, soros e vacinas. Deste item consta ainda um seminário no qual serão discutidos assuntos ligados à epidemiologia, vigilância sanitária, agente etiológico, anatomopatologia e imunologia.

No terceiro e último item os participantes do encontro tratarão do suíno na economia, nos mercados interno e externo, com destaque para a carne e suas características de demanda, sub-produtos, tecnologia e inspeção veterinária, crédito rural como agente disciplinador de técnicas zoo-sanitárias e legislação aplicada à comercialização interna e externa. Os interessados em participar do congresso devem procurar o escritório da comissão executiva do encontro, à Alameda São Boaventura 770, Fonseca, Niterói, ou a sede da Sociedade de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro, à Avenida Presidente Vargas, 446, sala 1.004, no Rio.

Na comercialização, um dos maiores entraves à expansão do cooperativismo

O cooperativismo, em que pese a qualidade e o montante respeitável de sua produção, nem sempre coloca bem seus produtos no mercado, e há casos em que cooperativas dispõem de estoques paralisados, sem qualquer expectativa de comercialização.

A afirmação é de Sérgio Augusto de Vasconcellos, diretor-executivo da OCEMG — Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais, justificando a ênfase dada ao assunto pelos quase mil participantes do II Congresso Estadual de Cooperativismo, realizado em Araxá, no período de 27 a 30 de setembro.

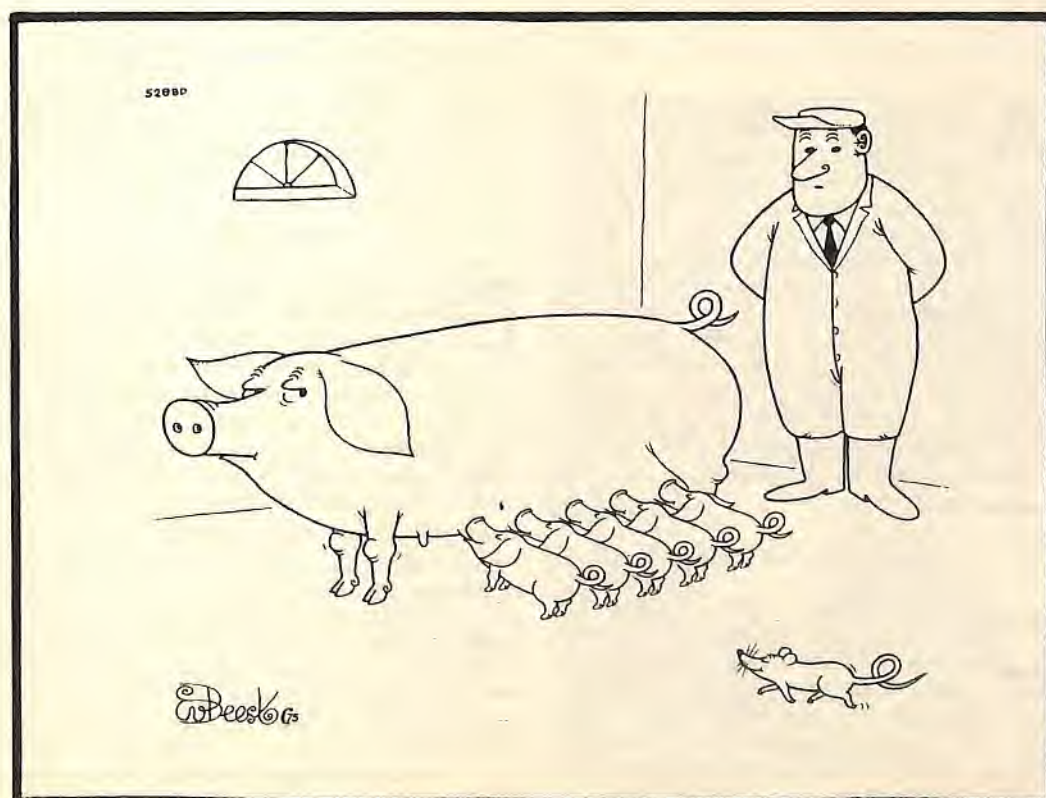
Segundo Sérgio Vasconcellos, é na comercialização (deficiente) que se localiza o principal entrave à expansão do setor, colocando as cooperativas em posição de nítida desvantagem com empresas do porte das multinacionais, "que hierarquizam a comercialização a ponto de fazer desse aspecto seu maior trunfo."

O diretor-executivo da OCEMG acredita que "uma organização cooperativista sem uma estrutura que absorva — de forma racional e competitiva — a comercialização, estará sempre em posição de inferioridade, trabalhando isolada e empiricamente, sem qualquer chance de concorrer com possibilidades de êxito no mercado". Ele é de opinião que "tem de haver uma integração vertical das cooperativas quanto à distribuição e colocação dos produtos afins junto ao consumidor, como única forma de enfrentar as contingências mercadológicas e a concorrência séria que vem sendo exercida pelas multinacionais".

Força viva

Para Sérgio Vasconcellos "o cooperativismo deve ser entendido como uma força viva, atuante, com grande responsabilidade perante o futuro da nação brasileira, não mais se admitindo o seu alijamento dos centros de decisão política, social e econômica".

Quanto às conclusões do Congresso, Sérgio diz que elas surgirão no momento oportuno, "já que se faz necessária a ma-



nifestação do setor no sentido do reconhecimento do cooperativismo como instrumento hábil, capaz e eficiente no encaminhamento e solução dos problemas que o novo Governo terá de enfrentar no terreno da produção, consumo e crédito, com vistas ao desenvolvimento harmônico do país."

O diretor-executivo da OCEMG está convicto de que o cooperativismo "gere uma *democracia econômica* em toda plenitude, propugnando sempre pela valorização do homem, resguardando-o do risco constante de ser subjugado pelo capital."

Comissões técnicas

Além da comercialização, o II Congresso Estadual de Cooperativismo teve também caráter reivindicatório, oferecendo às cooperativas a alternativa de debater sua problemática por setores especializados, através das comissões técnicas de consumo, crédito, eletrificação rural, habitação, prestação de serviços e produção.

A participação de debatedores e conferencistas do porte de Rubem Ilgenfritz da Silva, diretor-presidente da Cotrijuf, Wal-mor Franke, renomado especialista em Direito Tributário e uma das maiores autoridades brasileiras em legislação cooperativista, e Paulo Vianna, diretor-executivo da Comissão de Financiamento da Produção, deu ao Congresso de Araxá uma ressonância de "forum" nacional.

Importação de leite em pó gera protesto de cooperativa

O presidente da Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais, José Pereira Campos, acusou a Cobec — Companhia Brasileira de Entrepósitos e Comércio (empresa estatal) de haver obtido lucro superior a 100 por cento, recentemente, com a compra de leite em pó no exterior para revenda no Brasil.

Pereira Campos criticou igualmente a intervenção do Estado no mercado de leite, e também a ação do Conselho Interministerial de Preços, que tabela os produtos a nível de indústria e "deixa a especulação livre daí para a frente."

O presidente da CCPR criticou por outro lado o "tabelamento impiedoso do leite nos últimos 30 anos" que, segundo ele, está impedindo um desenvolvimento da pecuária de leite no país. Afirmou que "a ação governamental está fazendo cair a qualidade do leite consumido pela população brasileira, mas não atinge da mesma forma o produto industrializado e comercializado pelas multinacionais."

Além da Cobec, Campos analisa ainda a atuação da Cobal — Companhia Brasileira de Alimentos, afirmando que "esta empresa (estatal) compra leite em pó na base de 400 dólares a tonelada no mercado externo e revende o produto a 30 cruzeiros o quilo". Importa baratíssimo e vende caro, disse.

"Ainda mais — acrescentou — a Cobal, que não é produtora, é compradora e importadora, empacota leite no Rio de Janeiro, leite em pó importado, joga nas suas lojas à metade do preço da produção brasileira. É uma flagrante concorrência desleal à empresa nacional."

Nova "Linha de leite" ajuda cooperativa a escoar produção

A Emater-Rio, empresa estadual de assistência técnica e extensão rural, e a Cooperativa Agropecuária Regional de Rio Bonito, inauguraram uma nova "linha de leite" — percurso realizado por veículo da cooperativa recolhendo o leite — que propiciará o desenvolvimento da produção dos municípios de Niterói, São Gonçalo e Maricá.

Segundo o médico-veterinário José Edmundo dos Santos, chefe do escritório da Emater-Rio que atende àqueles municípios, a "linha de leite" é uma antiga reivindicação dos produtores da região, que assim poderão escoar mais facilmente sua produção.

Comercialização do leite

O leite é vendido aos consumidores após a pasteurização, que devido aos custos só pode ser realizada por uma cooperativa. Esta recolhe o leite de seus associados através de um caminhão que percorre um caminho fixo, que é a "linha de leite". Como Maricá, São Gonçalo e Niterói não dispunham de "linha",

seus produtores não tinham condições de escoar com maior rapidez a produção, não havendo, portanto, desenvolvimento da atividade.

A Cooperativa Agropecuária Regional de Rio Bonito é uma das mais ativas do Estado. Concentra a produção de onze municípios, tendo produzido em 1977, cerca de 16 milhões de litros de leite. Para o presidente da cooperativa, Afonso Augusto Saraiva, a região abrangida pela entidade que dirige teve de 1976 para 1977, um aumento superior a um milhão e duzentos mil litros de leite "graças ao apoio que os produtores vêm recebendo da Emater-Rio."

Cafeicultura fluminense tem financiamento para mais 2 milhões de covas

Os cafeicultores fluminenses receberão novos financiamentos para o plantio de mais dois milhões de covas de cafeeiros, quota aberta ao Estado do Rio de Janeiro no Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais 1978/1979.

A comunicação foi feita ao Secretário de Agricultura, José Resende Peres, pelo presidente do IBC, Camillo Calazans. O financiamento será de Cr\$ 15,00 por cova, para pagamento em prazo de 6 anos, sendo 3 de carência, e juros que variam de 9 a 15%, conforme o volume de financiamento.

Renovação

Desde a implantação dos Planos de Renovação da Cafeicultura Nacional, o Estado do Rio de Janeiro vê ressurgir a sua cafeicultura. Até junho último, 13 milhões de novos cafeeiros foram implantados no território fluminense, com utilização de nova tecnologia, assistência técnica do IBC e apoio da Secretaria de Agricultura do Estado.

Até o ano passado, o montante de recursos aplicados na execução dos Planos de Renovação no Estado do Rio se elevava a Cr\$ 42,3 milhões de cruzeiros. O financiamento no Ano Agrícola 77/78 foi de Cr\$ 12,00 por cova, sendo agora elevado em Cr\$ 3,00 por cova, visando ao plantio para o Ano Agrícola 78/79. O BANERJ e o Banco do Brasil continuarão como agentes dos recursos repassados pelo Banco Central.

Como este deve ser o último dos financiamentos liberados pelo IBC para a cafeicultura do Estado do Rio de Janeiro uma vez que o Plano de Renovação está praticamente encerrado — o Secretário José

Resende Peres está apelando aos cafeicultores fluminenses no sentido de que procurem os Escritórios do IBC, em Valença, Nova Friburgo e Natividade. Peres ressalta que o Estado não está sujeito às geadas e

possui 2 terços de sua área montanhosas — inadequadas para a agricultura mecanizada — sendo o café a melhor solução para se aumentar a renda por área e para se fixar mão-de-obra no meio rural.

Produtores de arroz recebem prêmios por produtividade

Os produtores de arroz do Estado do Rio, que desde o ano passado assinalavam a média de produtividade de 3.724 quilos/hectare, maior que o dobro da média nacional, superaram largamente estes índices nos resultados do VIII Concurso Estadual de Produtividade do Arroz, promovido pela Emater-Rio.

Os altos índices de produtividade na lavoura fluminense do arroz, foram saudados pelo Secretário José Resende Peres, ao presidir a solenidade de entrega dos prêmios aos vencedores, "como uma conquista da renovação agrícola promovida no Estado pelo Governo Faria Lima e uma resposta dos produtores aos estímulos recebidos". Ele pediu aos homens do campo que continuem a generalizar o sucesso. O campeão do concurso foi o fazendeiro de Bom Jesus do Itabapoana, Rubens Borges de Moraes, com 9.624,4 kg/ha, que recebeu um microtrator, oferecido pelo Banerj.

Crescimento

O Secretário de Agricultura ressaltou, que os 30 primeiros colocados dão a medida do mérito e da eficiência dos rizicultores fluminenses: eles estabeleceram a média de 7.390 quilos por hectare, mais de 4 vezes a média do país, que é da ordem de 1.700 kg/ha.

O presidente da Emater-Rio, Walmick Mendes Bezerra, ressaltou também o fato de que um dos participantes do concurso, o produtor Roberto Constâncio, do município de Miracema, obteve um resultado espetacular, levando em conta apenas o índice de produção: 10 mil quilos por hectare. Os campeões estaduais passaram pela etapa municipal do concurso, que reuniu representantes de Bom Jesus do Itabapoana, Miracema, São Fidélis, Itaocara, Santo Antônio de Pádua, Natividade, Laje do Muriaé, Cambuci, Itaperuna, Casemiro de Abreu, Porciúncula e Campos.

A cultura do arroz no território fluminense tem acusado redução da área plantada, o que está sendo, porém contrabalançado, com vantagem, pelo aumento constante da produtividade, especialmente no Norte do Estado, região responsável por cerca de 90 por cento da safra rizícola fluminense.



Peres disse que a elevação da produtividade do arroz é resultado da assistência técnica, conjugada com a pesquisa



Os doze primeiros colocados exibem os troféus recebidos.



Mirante

AFTOSA PREOCUPA — Representantes de 12 associações de classe da indústria de produtos de origem animal de todo o país, pediram ao Ministro da Agricultura a reativação do Programa de Combate à Febre Aftosa, que se encontra paralisado há algum tempo. Na ocasião Paulinelli foi informado que a Holanda já está recusando a importação de animais e carnes dos Estados de Goiás e Mato Grosso, que têm problemas com a doença, e que isso pode significar uma paralisação do comércio de carnes com o Mercado Comum Europeu.

—oo0oo—

SOJA SE FRUSTRA — A frustração da safra de soja deste ano obrigará as indústrias do setor a paralisarem sua produção no mês de dezembro, devido à falta de grãos para o esmagamento. A revelação foi feita pelo prefeito de Santa Rosa, Antônio Carlos Borges, durante entrevista coletiva à imprensa de Porto Alegre, na Associação de classe, no lançamento da IV Fenasoja — Feira Nacional da Soja, que se realizará de 31 de março a 8 de abril do próximo ano, em sua cidade.

—oo0oo—

FEIJÃO NÃO VAI FALTAR — Dirigentes de cooperativas e produtores do Sudoeste paranaense garantem que a propalada crise de abastecimento no mercado carioca é mais uma das tantas fabricadas por comerciantes inescrupulosos que escondem o estoque numa manobra para provocar o aumento do preço do feijão. Por sua vez, Adilson Rocha Ribeiro, do setor de feijão e milho do Departamento de Economia Rural da Secretaria de Agricultura do Paraná, assevera que não faltará feijão preto para o carioca, já que as estimativas de produção são muito boas, conforme constatado junto às regiões produtoras do Estado.

—oo0oo—

CAFÉ REAGE BEM — Segundo o IBC, o Brasil exportou em setembro 1 milhão 215 mil e 31 sacas de café, o que proporcionará uma receita de US\$ 203.566. Foram vendidas 1 milhão 39 mil 293 sacas de café verde e 175 mil 738 de solúvel. Em comparação com o mês de agosto, houve um acréscimo de 133,3 por cento

no volume exportado. Comparado com setembro do ano passado, os acréscimos são de 2.287 por cento e de 1.026 por cento no volume e na receita, respectivamente, que alcançaram na ocasião 50.900 sacas para uma receita de US\$ 18.074.

—oo0oo—

ZEBU SE EXPANDE — Os criadores brasileiros de zebu que desejarem estabelecer contatos no exterior para a venda de reprodutores, matrizes ou sêmen, terão uma excelente oportunidade para isso, de 28 de novembro a 3 de dezembro, em Medellín, na Colômbia, durante a realização da assembléia da Confederação Mundial dos Criadores de Zebu — *Comzebu*. Simultaneamente com a reunião estarão acontecendo o 2.º Congresso Colombiano dos Criadores de Zebu e a Exposição Nacional de Gado Zebu versão 1978. Para o secretário-geral da *Comzebu*, Arnaldo Rosa Prata, esses eventos marcam o início de uma nova fase da comercialização e do intercâmbio tecnológico no campo da pecuária zebuína, a nível internacional.

—oo0oo—

ABIMAQ PLEITEIA — A Associação Brasileira da Indústria de Máquinas — *Abimaq* enviou à Presidência da República documento sugerindo modificações na constituição do Conselho Monetário Nacional, a partir do próximo Governo, visando à inclusão do Ministro da Agricultura no CMN, com direito a voto. A *Abimaq* argumenta que sendo o Conselho o órgão que traça a política e fixa os valores destinados à área específica do crédito agrícola, e sendo o Ministro da Agricultura o principal responsável por sua supervisão, não se justifica que ele se mantenha afastado das deliberações do CMN. A *Abimaq* considera imprescindível que o titular da Agricultura participe e vote, para poder responder pelo setor junto aos empresários. É o princípio da responsabilidade com autoridade. Nem mais, nem menos.

—oo0oo—

REVISÃO NECESSÁRIA — O Presidente da República criou um grupo de trabalho interministerial, com a finalidade de estudar e propor alterações no seguro contra acidentes de trabalho rural e no sistema previdenciário para os trabalhado-

res do campo. Ao que consta, deverá ser modificada a legislação atual, que considerava empregadores os agricultores que tenham filhos maiores de 18 anos como ajudantes, mesmo que não possuam renda própria.

—oo0oo—

PLANTA E ADUBA — Capacitada a utilizar 40 litros de sementes por linha de planta e 700 quilos de adubo, a *plantadeira-adubadeira* JM-2000, da *Jumil*, tem um rendimento médio de 19 hectares/dia no plantio de soja, milho, amendoim, arroz e algodão. Pode ser equipada com até oito linhas, sendo que seu peso, com seis linhas, é de aproximadamente 1 mil e 500 quilos. O principal equipamento que compõe a JM-2000 são os sulcadores com disco duplo, que permitem a abertura de um sulco mesmo em terrenos pesados, terras novas ou mal preparadas. Distribui o adubo e a semente em sulcos adequados e a roda compactora proporciona um perfeito contato entre a terra e a semente, garantindo a uniformidade da germinação. A JM-2000 tem 1 metro e 40 centímetros de altura e 4 metros de largura (com seis linhas).

—oo0oo—

EUFORIA NO TRIGO — O início da colheita do trigo na região das Missões, no Rio Grande do Sul, está deixando os produtores eufóricos devido a rentabilidade já constatada por hectare e a boa qualidade dos grãos. O presidente da Cooperativa Tritícola Regional de Santo Ângelo, Jandir Araújo disse que sua região colherá três vezes mais trigo do que no ano passado.

—oo0oo—

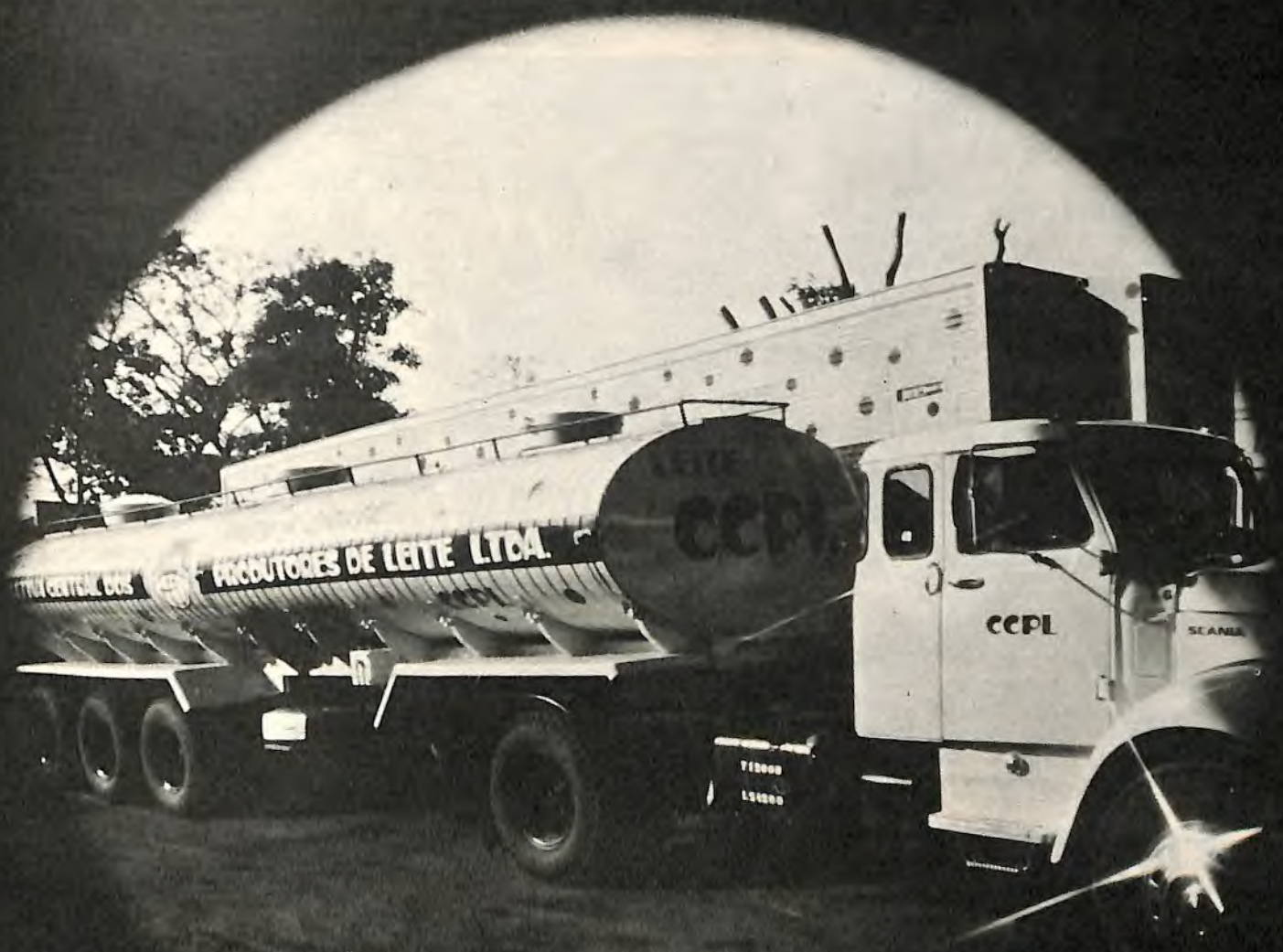
CONFISCO INVISÍVEL — "Há um confisco invisível e indireto sobre as exportações do setor primário em consequência da política cambial cheia de contradições". Essa foi a denúncia do presidente do Banco de Desenvolvimento do Paraná, Luiz Antônio Fayet, feita em uma reunião com os empresários de seu Estado, defendendo uma revisão da política agrícola. Defendeu, ainda, o reajustamento do dólar em Cr\$ 25, justificando que na conversão os exportadores brasileiros têm altos prejuízos.

—oo0oo—

CEBOLA MALDITA — Os produtores de cebola do Vale do São Francisco ameaçam queimar mil e duzentas toneladas de cebola que estão estocadas na Ceasa de Belém de São Francisco, sertão pernambucano, porque o preço de venda — Cr\$ 2,00 o quilo — não cobre os gastos feitos com a colheita. Para cada quilo colhido, o plantadores dizem haver gasto Cr\$ 3,50. Em São Paulo a situação se assemelha. Enquanto isso, Argentina, Chile e outros países amigos abocanham o pedaço do leão.

r.a.g.f.

"ESTAMOS AÍ NA LUTA..."



Antes do sol, a CCPL já está desperta, ganhando estradas. . . Levando à cidade e ao interior a sua parcela de progresso, de empenho sério e decidido no processo de desenvolvimento da nossa terra.

São 30.000 homens dedicados a produzir alimentos da mais alta qualidade. Cada vez mais, saborosos e nutritivos. São 30.000 homens em constante vigília para que o brasileiro se alimente melhor, em excelentes condições de pureza e higiene. . . E a cada dia, crescemos e fazemos crescer as possibilidades do Brasil, ampliando nossas fábricas, acompanhando os novos rumos da tecnologia, pesquisando. . . ampliando. . . desenvolvendo.

CCPL — 30.000 homens que acreditam no cooperativismo, no dia a dia das fazendas, das estradas, das fábricas. . . tornando a comunidade rural mais próspera e o povo das cidades, mais bem alimentado e feliz.



CCPL



COOP. CENTRAL DOS PROD. DE LEITE LTDA



AVICULTURA EM FOCO

r.a.g.f.



O presidente da Associação Mundial de Ciência Avícola, Lauriston von Schmidt, recebe das mãos do presidente da SNA, Luiz Simões Lopes, o medalhão de bronze comemorativo dos 80 anos da entidade.

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA NO CONGRESSO MUNDIAL DE AVICULTURA

Pela primeira vez um congresso de avicultura, de âmbito internacional, teve como sede um país da América do Sul, cabendo ao Brasil este privilégio. Durante cinco dias — de 17 a 21 de setembro — o Rio de Janeiro foi a capital mundial da avicultura, recebendo e hospedando representantes de 65 países, num total que ultrapassou a casa dos 4 mil. entre congressistas, expositores e assistentes.

A Associação Mundial de Ciência Avícola — Seção Brasileira conseguiu organi-

zar um programa que satisfizes plenamente a quantos tiveram a oportunidade de participar do XVI Congresso Mundial de Avicultura, quer pelo conteúdo técnico-científico das proposições e teses apresentadas, quer pelo sentido prático — de interesse imediato — na abordagem dos vários aspectos ligados à produção e comercialização dos produtos avícolas.

Paralelamente ao congresso, e com o mesmo brilho deste, realizou a exposição de equipamentos, produtos e serviços, reunindo as principais empresas e entida-

des profissionais — nacionais e estrangeiras — voltadas para a avicultura.

HOMENAGEM DA SNA

A sessão de abertura do XVI Congresso Mundial de Avicultura foi presidida pelo Ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli, e contou com a presença do Governador do Estado do Rio

de Janeiro, Floriano Faria Lima, e do Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Robert M. Sayre, culminando com a recepção oferecida aos congressistas e expositores pela SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA.

A delegação da SNA foi chefiada pelo presidente Luiz Simões Lopes, e integrada pelos vice-presidentes Gilberto Conforto e Otto Lyra Schrader, e os diretores Rufino D'Almeida Guerra Filho, de A LAVOURA, Carlos Infante Vieira, da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" e Octavio

Mello Alvarenga. Contou, ainda, com o concurso do assessor Carlos Alberto Pinto Soares. O "stand" com painéis e publicações da SNA esteve a cargo dos funcionários Jacira Rocha de Araujo, Antonio José da Silva e Nezio Martins Adegas.

No encerramento do congresso o presidente Luiz Simões Lopes ofereceu à Associação Mundial de Ciência Avícola o medalhão de bronze comemorativo dos 80 anos da SNA, homenageando também o presidente da entidade, Lauriston von Schmidt.



Mais de 1.500 pessoas visitaram o "stand" da Sociedade Nacional de Agricultura.



O vice-presidente do XVI Congresso Mundial de Avicultura, Ricardo Bebiano Costa (de blusão), agradeceu ao presidente da SNA, Luiz Simões Lopes, a colaboração da Sociedade Nacional de Agricultura ao evento, sob as vistas de Carlos Infante Vieira, Carlos Alberto Soares e Rufino Guerra Filho.



O "stand" da SNA exibiu painéis alusivos às atividades da Escola de Horticultura Wenceslão Bello e revista A LAVOURA. Na foto, os diretores Rufino D'Almeida Guerra Filho (coordenador), Almiro Gonçalves de Castro e Carlos Infante Vieira, acompanhados do chefe da secretaria, Geraldo Oliveira Lira.



O Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, presidiu a sessão de abertura do XVI Congresso Mundial de Avicultura, presentes o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Floriano Faria Lima, e o Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Robert M. Sayre.



THUYA AVÍCOLA SIMÕES

MEDICAÇÃO PREVENTIVA e CURATIVA DAS PIPOCAS (OU CAROÇOS) DOS PINTOS, GALINHAS, PERUS, MARRECOs, PATOS, POMBOS, PAS-SAROS E AVES EM GERAL.

Para o Interior enviamos pelo reembolso postal, e também a venda à Rua do Matoso, 33 - Rio - RJ e Praça João Mendes, 31 - S. Paulo

A MODERNA INDÚSTRIA AVÍCOLA DA GRÃ-BRETANHA

Por Michael Parker (*)



Um pato premiado Cherry Valley de penas brancas (Foto BNS).

Os patos "Cherry Valley", considerados os que mais crescem no mundo, foram uma das grandes atrações do XVI Congresso Mundial de Avicultura. Eles atingem 3,09 quilos em apenas 47 dias, conseguindo uma produtividade que poucos criadores podem igualar. Além disso, têm 26 por cento mais de carne de peito do que a média dessas aves, dizem os criadores.

Outras atrações, como galinhas (de corte e poedeiras) e perus, juntamente com os mais recentes tipos de equipamento para o avicultor, fizeram parte da mostra inglesa. A linha de gaiolas das firmas Salmat, Swift e Q-Mark International inclui modelos automáticos com correias transportadoras para os ovos, carros para abastecer as calhas de ração, dispositivos de remoção dos excrementos, tudo funcionando com o simples apertar de um botão.

Automação

Esses refinamentos são hoje de uso comum na indústria avícola altamente automatizada da Grã-Bretanha. Cerca de 93 por cento da criação de poedeiras são mantidos em gaiolas, 4 por cento no chão de granjas de ambiente controlado (sistema "deep litter") e 3 por cento a céu aberto.

A eficiência dos métodos intensivos é ilustrada pelos resultados dos diferentes sistemas de criação. As criações de gaiola produzem uma média de 245 ovos por ave ao ano, as de "deep litter" 224 ovos e as aves soltas 192 ovos. A média de todos os sistemas é de 243 ovos por ave ao ano, comparados com 185 em 1960, quando apenas 20 por cento das poedeiras eram mantidas em gaiolas.

As três raças de poedeiras britânicas expostas no Rio pela Ross Breeders produzem 270 ovos por ano e comem entre 110 e 125 gramas de ração por dia. O índice de conversão de alimento é tal que pode transformar de 2,30 a 2,75 quilos de ração em 1 quilo de ovos.

Infelizmente para o avicultor britânico, embora suas criações sejam hoje muito mais eficientes do que antes na produção de ovos, o apetite do consumidor pelo menos caiu nos últimos anos. Quando o consumo de ovos atingiu o seu máximo, em 1967, a população comia uma média individual de 275 por ano; hoje, porém, o número é de 249 e houve uma época em que o consumo por pessoa chegou a ser de 246 por ano.

Com a redução do consumo, junto com a capacidade das aves de porem mais ovos, deu-se a diminuição da criação nacional britânica de poedeiras, que hoje é de 58 milhões, comparados com 68 milhões em 1967.

(*) — Editor de notícias de "Poultry World", de Londres.

Aumenta a criação de corte

Em contraste, a criação de corte aumentou sem parar, à medida que se ampliava o costume de se comer galinha e peru. O número de frangos aumentou de 100 milhões em 1967 para 360 milhões em 1977, enquanto que os perus passaram de 10 milhões para 18 milhões e 500 mil no mesmo período.

O único problema no crescimento das criações de frangos e perus ocorreu em 1973-1974, quando a indústria produziu mais carne do que o público estava preparado para comer, a um preço econômico para os produtores. Desde então passou-se a exercer um controle severo sobre a expansão.

A força da criação atual de frangos e perus está na taxa em que a mesma cresce e transforma ração em carne. O frango de maior sucesso da Grã-Bretanha no momento é o da raça Ross I, que atinge 2 quilos de peso em pé com 56 dias de idade, com um índice de transformação de 2 quilos de ração para um quilo de peso.

A taxa de conversão de alimento dos perus é de 2,4 para 2,5. Uma fêmea atinge um peso de cerca de 4 quilos em 13 semanas e um macho pouco menos de 6 quilos no mesmo tempo. As taxas de conversão de alimentos são de 2,2 para 2,4.

Menos unidade

Há dez anos havia mais de 90 mil produtores de ovos na Inglaterra e no País de Gales, mas à medida que o ritmo da produção aumentou e que as unidades tornaram-se muito mais intensivas, o número de unidades diminuiu.

Atualmente o total aproxima-se de 50 mil, mas a grande mudança está na quantidade de produção concentrada em relativamente poucas unidades. Pouco mais de 50 por cento de todos os ovos consumidos na Inglaterra e no País de Gales em um ano procedem de cerca de 370 criações de 20 mil aves e mais.

A indústria de criação de frangos está concentrada em um número ainda menor de mãos e 80 por cento da produção total britânica é abastecida por cerca de uma dúzia de companhias integradas. Isso significa que as firmas chocam suas próprias galinhas, moem sua própria ração, matam, processam e vendem suas próprias aves.

Cerca de 14 milhões e 500 mil perus por ano vêm de um punhado de firmas que abastece o mercado do produto congelado. Os restantes 3 milhões e 500 mil anuais são produzidos em criações menores, de até 1 mil ou 2 mil aves em unidades administradas por trabalho familiar.

Essas granjas se concentram no produto fresco, com as aves vendidas com cabeça, pé, vísceras e apenas sem as penas do pescoço.

No setor do produto congelado a maioria dos avicultores está vendendo aves cortadas aos pedaços. Em 1977, cerca de 1 milhão e 200 mil perus foram vendidos em pedaços e espera-se aumentar esse número para 1 milhão e 700 mil durante 1978.

Padronização

Os sistemas de abrigos foram padronizados e no setor das poedeiras foram criadas construções com fossos profundos, com as gaiolas ao nível do primeiro piso. A idéia original era levantar as gaiolas para que os excrementos caíssem ao nível do solo, mas muitos granjeiros estão usando o piso baixo para abrigar outros animais, como vacas e porcos. Os excrementos, nesse caso, são levados para o fim do bloco de gaiolas.

As gaiolas foram usadas experimentalmente no setor de frangos, mas o alto custo de capital fez com que os avicultores desistissem da idéia e a maioria das aves de corte continua a ser criada em casas de ambiente controlado. Esses tipos de construções também são usados para perus.



A AVISCO representa hoje um grande potencial na avicultura e pecuária brasileira colaborando efetivamente com aqueles que tem atividades relacionadas com o setor. Por isso oferece aos avicultores e pecuaristas os melhores produtos no genero.

— oJo —

**— PINTOS DE UM DIA PARA CORTE
— RAÇÕES PARA AVES DE POSTURA, FRANGOS DE CORTE, SUÍNOS, VACAS LEITEIRAS, REPRODUÇÃO DE TOUROS, EQUINOS, BEZERROS E COELHOS**

avisco

**RAÇÕES AVISCO — BOA HIGIENE,
BOM MANEJO E BOA INSTALAÇÃO**



AMENDOIM: inimigos da parte aérea

Da produção mundial de amendoim, a América Latina só participa com 8 por cento e no Brasil, os estados de São Paulo e Paraná, são responsáveis por 90 por cento da produção nacional. Na última safra paulista, de 150 mil hectares, foram colhidas 283 mil toneladas.

Em nossa agricultura hoje, é oleaginosa muito importante, pois os novos cultivares, são bem mais ricos em óleo (50%) e proteínas (25%). Em São Paulo, com o adensamento dos plantios, aumentou o número de inimigos naturais e entre eles, estão as lagartas que atacam a folhagem do amendoimzeiro.

Curuquerê dos Capinzais — A mariposa adulta de 4 cm de envergadura, possui asas cinzentas, e reproduz quatro gerações anuais, colocando seus ovos nas folhas, que eclodidos surgem as lagartas verdes, de-escuras com estrias castanhas e cabeça globosa. Quando desenvolvidas atingem quatro cm e ao caminhar medem palmo. O seu ciclo larval é de 25 dias, transformando-se em crisálidas na parte aérea da planta.

Considerada uma das 20 principais pragas do país, e a mais desastrosa lagarta das pastagens, que por ser praga cíclica, em certos surtos, destroem toda a folhagem, deixando apenas as nervuras.

Lagarta Militar ou do cartucho do milho. De hábitos canibais, sendo comum, por esse motivo, encontrar-se apenas uma lagarta por cartucho. No solo, transforma-se em crisálida avermelhada e no verão seu período pupal é de 3 semanas. Sua mariposa de 3,5 cm, tem asas anteriores cinzentas, as lagartas novas apenas rasgam as folhas, depois furam e destroem

totalmente os cartuchos. No amendoimzeiro, atacam em qualquer fase, devorando folhas e hastes.

Lagarta do Pescoço Vermelho — O adulto é uma mariposa de 7 mm, corpo cinza com manchas amarelas, sendo conhecida como lagarta dos ponteiros e suas características são: reduzido desenvolvimento e possui dois segmentos torácicos bem avermelhados. Atacam as brotações enquanto os folíolos estão fechados, perfurando-os. Se a infestação ocorrer no início do cultivo, essa lagarta ao danificar as gemas apicais, reduzirá consideravelmente, o desenvolvimento da planta. A presença é denunciada pelos excrementos nos folíolos.

Lagarta da Teia — Mariposa de 2,5 cm de envergadura, asas anteriores acinzentadas, salpicadas de escamas cinzas e pretas, as asas posteriores são hialinas e suas posturas fazem nas brácteas, folhas e ponteiros.

As pequenas lagartas (1,5 cm), são alaranjadas-claras, muito vorazes, ágeis e quando tocadas se desprendem, ficando penduradas nas teias.

A medida que se desenvolve pela planta, faz no solo um abrigo de teia e terra, de onde só sai para se alimentar. Por vezes, o número de lagartas é tão grande, que as plantas apresentam um emaranhado de teias, visto mesmo à distância.

Controle — Aplica-se inseticida em pulverizações ou polvilhamentos, como: Folidol Em. 60 à 0,1% ou Folidol Pó 1,5% à razão de 25 kg/hectare. Também o inseticida-acaricida sistêmico Folimat 1000, usado à 0,1%, é uma boa opção quando se constata no cultivo, além de lagartas, a presença de um dos Tetraniquídeos do amendoimzeiro: o ácaro verde ou vermelho (Amaury Sampaio, Engenheiro Agrônomo).

DUAL[®] MIX

O fim das ervas daninhas na soja!

*Informe-se nos órgãos de
extensão rural, com o Agrônomo
de sua cooperativa ou no seu
revendedor agrícola.*

Integração comércio produção para equilíbrio do abastecimento

O uso sistemático da denominação *abastecedor* para o conjunto atacadista-varejista-fabricante e produtor agropecuário, foi sugerido pelo ex-Ministro da Agricultura, Renato da Costa Lima, na solenidade de inauguração da sexta unidade de comercialização atacadista da Makro nas proximidades da via Raposo Tavares, no Butantã, São Paulo.

Costa Lima defendeu o uso dessa denominação, a fim "de facilitar a harmonização e o equilíbrio entre todas as partes

Equilíbrio agropecuário

Nunca fizemos outra coisa a não ser lutar pela melhoria da produção agropecuária deste país — estivéssemos em cargos públicos ou nas trincheiras da iniciativa privada. Iniciativa esta que deve assumir sua responsabilidade social, de multiplicadora de riquezas e não de predadora de nossas riquezas essenciais. E temos de confessar de público, infelizmente, que no meu setor de atividade especial — a agropecuária — até agora temos praticado uma atividade predatória, um verdadeiro saque contra o futuro.

Há muitos anos estamos levando a bandeira de melhoria da produtividade através do que chamamos equilíbrio agropecuário, isto é, nenhuma atividade agrícola poderá ser desenvolvida sem que paralelamente seja desenvolvida uma atividade pecuária. E vice-versa. Isto, para devolver à terra a parte orgânica. A pecuária sozinha ou a agricultura sozinha descambam facilmente para atividade predatória de recursos naturais. É preciso desenvolver o equilíbrio, para que a terra receba de volta aquilo que dela retiramos.

E dentro dessa linha de pensamento, achamos que apoiar o produtor do campo, de modo a dar-lhe condições para que desenvolva esse equilíbrio agropecuário, é assegurar-lhe preços remuneradores e uma dinâmica distribuição de seus produtos. O produtor — gostaria de enfatizar — não está à procura de financiamentos e sim de preços que remunerem com justiça o seu trabalho. Trata-se de uma verdadeira cruzada em que devem envolver-se poder público e iniciativa privada. Uma cruzada educativa, eu diria até, pois temos de nos conscientizar de que este país está sendo exaurido em seus solos; estamos vendo muitos sítios vender suas terras movidos pela especulação imobiliária, e cada vez mais as fontes produtoras se afastam dos grandes centros de consumo.

O combate à inflação, o barateamento do custo de vida, o alimento a preço baixo na mesa do consumidor, só serão uma realidade no instante em que tivermos o aumento da produção, da produtividade e uma distribuição eficiente."

Renato da Costa Lima

envolvidas no processo de abastecimento". Frisou que o abastecimento sempre será prejudicado se cada qual (comércio e produção) continuar agindo isoladamente, sem equilíbrio. E para essa área transportou Costa Lima sua experiência de homem ligado à agropecuária: "há muito vimos lutando pelo equilíbrio entre pecuária e agricultura; só pecuária ou só agricultura descambam facilmente para o campo predatório. É preciso haver equilíbrio para que a terra receba de volta aquilo que dela retiramos".

A luta do comércio

Como paraninfo da inauguração, falou o Sr. Nívio Teixeira de Carvalho, presidente do Sindicato dos Varejistas de Gêneros Alimentícios do Es-

tado de São Paulo — hoje uma categoria econômica composta de 30.000 comerciantes. Carvalho ressaltou que a luta da classe de há muito vem sendo pela implantação das "centrais" de compra a serem localizadas nos quatros cantos de São Paulo.

"Assim, ao inaugurarmos essa que é a terceira unidade da Makro em São Paulo, sentimos uma grata e total satisfação de ver se concretizando aquela nossa velha idéia". Explicou ainda o presidente do sindicato que 80 por cento dos varejistas de gêneros alimentícios são constituídos por pontos de venda com metragem de 50 a 60 m² e que, num esforço praticamente individual vêm modernizando seus equipamentos e se transformando em auto-serviço."



Renato Costa Lima (D), por ocasião de sua posse no Conselho Superior da Sociedade Nacional de Agricultura, recebe os cumprimentos do presidente Luiz Simões Lopes.

Para aceleração desse processo evolutivo dispõe já o Sindicato de programa de financiamento e incentivo, com base em recente pesquisa que mandou realizar, denominada "radiografia do varejo".

Presente também à inauguração o Sr. Francisco Gonzales, presidente da Associação Comercial e Industrial do Mercado de São Sebastião, do Rio de Janeiro, que ressaltou o significado do superatacado para a dinamização da área do mercado de São Sebastião, inclusive proporcionando uma nova dinâmica aos próprios comerciantes atacadistas.

O superatacado

A unidade atacadista do Butantã é a sexta da Makro a funcionar no país. As demais estão localizadas na Vila Maria e em São Bernardo do Campo, em São Paulo; no Mercado de São Sebastião e na Barra, no Rio de Janeiro, e em Contagem, Minas Gerais.

Para meados do próximo ano está prevista a inauguração da sétima unidade, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atualmente, nas seis unidades, a Makro passa a dar atendimento a cerca de 180 mil pequenos comerciantes, portadores da credencial especial que lhes dá direito de efetuar compras no superatacado.



A nova unidade no Butantã (SP).



LIVROS E PUBLICAÇÕES

Sylvia Maria da Franca

Resumo com Apreciação

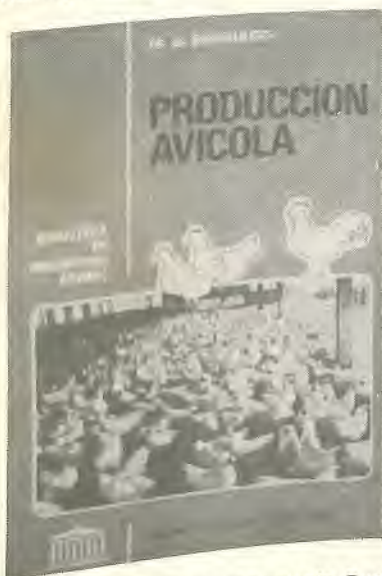


BEHMER, M.L.A. *Como aproveitar bem o leite no sítio ou chácara*. São Paulo, Nobel, 1977. 106 p. il.

Trata do aproveitamento do leite em pequenas indústrias do meio rural, a fim de dependerem menos dos grandes centros de distribuição. Mostra a maneira de tratar o leite desde a ordenha até transporte e distribuição.

Ensina métodos para fabricação rural de queijos e manteiga, bem como as instalações necessárias a cada tipo de industrialização.

Relaciona ainda alguns fornecedores de equipamentos reativos e acessórios utilizados na industrialização do leite.



ENSMINGER, M.E. *Producción avícola*. Buenos Aires, Rio de Janeiro, El Ateneo, 1976. 283 p. il. (Biblioteca de Producción Animal)

Mostra o desenvolvimento da produção avícola, alcançada devida especialmente à ciência e à tecnologia. Esclarece todas as fases da produção avícola, desde a reprodução, a comercialização e processamento, tendo sido dada especial atenção aos aspectos da comercialização das aves e ovos,

assim como a administração dos estabelecimentos agrícolas.

Apresenta no final índice alfabético dos diversos itens e assuntos tratados.



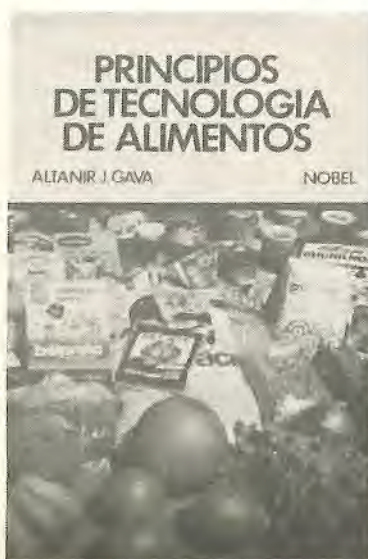
FERRI, M.G. *Plantas produtoras de fibras*. São Paulo, E.P.U., 1976. 43 p. il.

Não se limita a plantas brasileiras, pois na maioria, as espécies cultivadas são originárias de outros países, entretanto procura apresentar dados e informações pertinentes ao Brasil, bem como exemplos brasileiros.

Embora tratando de plantas produtoras de fibras, não se limita a informações de natureza têxtil. Outras informações referentes a certas peculiaridades pertinentes a essas plantas são também apresentadas.

Possui fotos obtidas em diversas partes do Brasil, e algumas tiradas no exterior.

Interessa ao estudante do nível colegial e não ao do curso universitário, porém será útil, às pessoas que não frequentando escola de qualquer tipo, desejem conhecer algo a respeito das principais plantas produtoras de fibras.



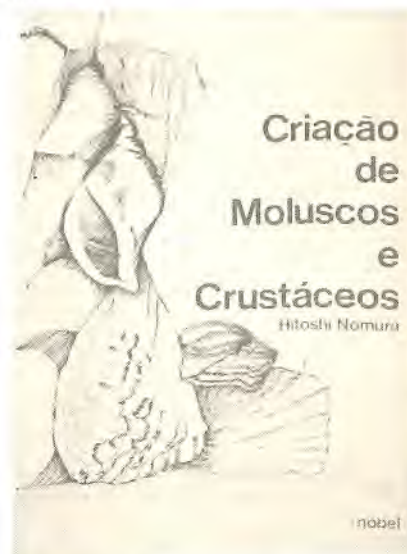
GAVA, A.J. *Princípios de tecnologia de alimentos*. São Paulo, Nobel, 1978. 284 p.

Mostra de maneira simples as complexas relações entre as propriedades de matérias-primas e os métodos de manipulação de grande número de produtos alimentícios.

Esclarece a importância da tecnologia de alimentos, princípios de nutrição, matéria-prima, causas de alterações dos alimentos com ênfase na microbiologia, limpeza e sanitização na indústria alimentícia, bem como descrição dos vários tipos de embalagens.

Trata dos vários métodos de conservação de alimentos baseados no uso do calor (apertização, secagem e concentração), do frio (refrigeração e congelamento), do açúcar, fermentação, aditivos, radiações e outros métodos.

Reúne informação técnica nacional e internacional de grande utilidade para estudantes e profissionais da área de ciência e tecnologia de alimentos.



HITOSHI, N. *Criação de moluscos e crustáceos*. São Paulo, Nobel, 1978. 102 p. il.

Trata da criação de moluscos (ostras, mexilhões e sururus) e crustáceos (camarões de água doce e marinhos, siris e caranguejos) em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Mostra a produção de pérolas no Japão, captura de polvos, lulas, vieiras e caranguejo-rei, e o envenenamento causado pela ingestão de moluscos contaminados.

Apresenta a situação da cultura desses animais no mundo, mostrando os métodos e as espécies criadas, assim como os resultados alcançados e, em seguida o que vem sendo realizado no Brasil.

Os ensinamentos contidos, estimulam a criação de moluscos e crustáceos no Brasil, àqueles que dispõem de boa vontade e suficiente recurso financeiro.



HOFFMANN, R. et alii. *Administração da empresa agrícola*. 2. ed. rev. São Paulo, Pioneira, 1978. 325 p.

Trata dos principais problemas de administração e das técnicas de planejamento da empresa agrícola.

Mostra os elementos necessários que poderão orientar e melhorar a organização da empresa, utilizando os modernos métodos de planejamento, a partir dos recursos disponíveis em terra, mão-de-obra e capital na administração da empresa agrícola.

Objetiva a administração com vistas ao uso mais eficaz dos recursos para obtenção de resultados compensadores.

Responde a curiosidade do leitor com um conjunto de exercício com respostas no fim de cada capítulo.



IANNI, O. *A luta pela terra*; história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1978. 235 p. (Coleção Sociologia brasileira, v.8)

Mostra os principais problemas criados pela expansão do capitalismo na Amazônia.

Abrange os diversos períodos desde o monoextrativismo da borracha que prevaleceu até 1912, até a moderna empresa agropecuária predominante na época atual.

Esclarece como se formaram e desenvolveram na região as classes sociais e que envolvem as diversas fases porque passou a posse da terra desde expropriação dos indígenas e a exploração dos peões até o presente.



PEREIRA, M.F. *Construções rurais*. São Paulo, Nobel, 1978. 231 p.

Trata das construções rurais destinadas não somente à habitação mas também a instalações destinadas aos diversos tipos de criações: aves, suínos, coelhos, abelhas, eqüinos, bovinos, etc.

Abrange ainda a construções diversas, a outras atividades agrícolas e pecuárias como: ripado para plantas, galpões, silos e paióis, estrumeiras e celas de fermentação, incubatórios, abatedouros, etc.

Apresenta, em anexo, projeto de abastecimento de água, fossas sépticas e relação de madeiras necessárias aos diversos projetos que são apresentados.



VOISIN, A. *A tetania do pasto*; mal aplicado, pode o adubo mineral ou orgânico ser mortal para o animal? Trad. de Norma Barcellos Pinheiros Machado. São Paulo, Mestre Jou, 1978. 375 p.

Mostra a gravidade da doença enfocada sob todos os seus aspectos: os sintomas da enfermidade e as perdas que ocasiona, as causas e mecanismos de seu desenvolvimento, as regras para sua supressão, a solução do problema pela medicina preventiva e a cura quando já manifestada.

Baseia-se em dados concretos e estatísticos, seu estilo é familiar, cheio de imagens, claro e expressivo, tornando acessível tanto a agricultores quanto a técnica no assunto.

Apresenta no final, uma vasta bibliografia, um índice analítico de autores, de quadros e de figuras.



VOISIN, A. & LECOMTE, A. *A vaca e seu pasto*; manual de produtividade do pasto. Pref. R.E. Houdet. 3.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1978. 104 p.

Abrange orientação sobre como preservar o pasto, área exigida para cada animal, pastagem racional, suplementação de alimentos, adubação dos pastos, importância na sub-divisão dos pastos e tempo de ocupação de cada parcela.

Interessa tanto ao pequeno criador como ao abastado pecuarista, analisando normas científicas sobre o complexo da alimentação forrageira, bem como nova tecnologia na cultura da erva do pastoreio.

Apresenta outros temas de máxima importância para agrônomos, pecuaristas e zootecnistas.

Possui no final, índice das figuras e índice das fotos.

ENDEREÇOS DAS EDITORAS DAS PUBLICAÇÕES EM REFERÊNCIA NESTA EDIÇÃO:

- Editora Vozes
Rua Frei Luis, 100
Caixa Postal, 23
Petrópolis - RJ
- E.P.U. - Editora Pedagógica Ltda.
Praça Dom José Gaspar, 106 - 3.º andar
Caixa Postal, 7509
São Paulo - SP
- Livraria El Ateneo
Rua da Alfândega, 111 - A - Grupo 301
Rio de Janeiro - RJ
- Livraria Mestre Jou
Rua Senador Dantas, 19 - sala 205/206
Rio de Janeiro - RJ
- Livraria Mestre Jou
Rua Guaipá, 518
São Paulo - SP
- Livraria Nobel S.A.
Rua Maria Antonia, 108
Caixa Postal, 2373
São Paulo - SP
- Livraria Pioneira
Praça Dirceu de Lima, 313/314
São Paulo - SP

PREZADO LEITOR:

Colabore para o maior enriquecimento da Biblioteca da Sociedade Nacional de Agricultura, ofertando-nos livros ou folhetos que tratem de assuntos agrônômicos e técnicas agrícolas, os quais serão divulgados nesta seção.

Agradecemos antecipadamente àqueles que atenderem a nossa solicitação.

A Biblioteca da Sociedade Nacional de Agricultura é Depositária da FAO, franqueada ao público no horário das 8:00 horas às 17:00 horas.

Nós nos orgulhamos
das grandes realizações da **CCPL**

FÁBRICA JOSÉ ARAÚJO-FAJA **FÁBRICA EDUARDO DUVIVIER-FAED**

é que também participamos delas

Levando nossos trabalhos a se desenvolverem em ritmo acelerado, atendendo ao cronograma de construção, podemos hoje dizer, que participamos com a CCPL, nestas grandes realizações, que são a **FAJA** em Juiz de Fora-MG, considerada a maior fábrica de queijos do Brasil e que produz ainda leite em pó e outros derivados e a **FAED** em São Gonçalo-RJ, a mais moderna Usina de Laticínios da América do Sul. Para planejamento, projeto, construção, ampliação e reforma de obras industriais relativas a laticínios, frigoríficos, mercados, etc, consulte-nos sem compromisso:

FÁBRICA JOSÉ ARAÚJO



FÁBRICA EDUARDO DUVIVIER

COSAL

CONSTRUTORA SANTO ANTONIO LTDA



MATRIZ
Rua da Conceição, 137 - sobreloja 107 - Tel.: 718-3184

Niterói-RJ

FILIAL

Rua dos Andradas, 675 - Juiz de Fora - MG

O Estado do Rio de Janeiro é caracteristicamente importador de arroz, apesar de ocupar 41.000 hectares ⁽¹⁾ de seu espaço agrícola com a Rizicultura.

O seu maior centro consumidor, segundo do país, situa-se na Região Metropolitana (Região 1), e possui 8.600.900 almas ⁽²⁾, que demandam o produto oriundo do Rio Grande do Sul, Goiás, Maranhão, Santa Catarina e outras unidades da Federação.

Em 1976 o consumo de arroz da Região Metropolitana Fluminense, atingiu a casa das 294.331 toneladas ⁽³⁾, representando uma demanda anual média "per capita" de 200.031 toneladas a mais de arroz que as 94.300 toneladas de produção estimada para o corrente ano ⁽¹⁾.

Em 1980, portanto, espera-se, com a taxa de consumo médio "per capita" acima, uma demanda de 334.699 toneladas pelos 9.780.800 habitantes ⁽²⁾ que residirão no principal espaço urbano do Estado.

O atendimento desta demanda, mantendo-se o modesto rendimento médio de 2.300 kg/ha ⁽¹⁾, exigirá uma ocupação pela lavoura rizícola de 145 mil 521 hectares, mais que o triplo da área que ela ocupa atualmente no Estado. O incremento deste rendimento médio para os 6.500 kg/ha, que estabelecemos anteriormente como rendimento físico mínimo aceitável ⁽⁴⁾, diminuiria para 51.492 hectares a exigência de área a ser ocupada pela Rizicultura para atender a demanda interna fluminense.

O simples manejo de números, como vemos, dá para resolver os problemas da lavoura arrozeira do Estado, tornando-a mais eficaz no atendimento da demanda interna de seu produto. Na realidade, o uso de tais cifras como metas a serem atingidas, deve ser acompanhado do uso de uma série de medidas que as tornem viáveis e auxiliem no desenvolvimento de nosso subsetor agrícola.

O atual quadro vem sendo, porém, mantido, apesar dos esforços dispendidos pelo Governo federal, através a Comissão de Financiamento da Produção, no sentido de aumentar a rentabilidade da cultura, melhorar os rendimentos, enfim, proporcionar maiores retornos aos nossos agricultores.

O próprio preço mínimo estabeleceu para o produto, durante a safra 1977/78, a cifra de Cr\$ 2,84/kg ⁽⁵⁾. Se considerarmos o preço pago pelo consumidor de Cr\$ 8,00 por quilo dos produtos de qualidade inferior, teremos um diferencial de Cr\$ 5,16, o que representa uma valorização de 281%. A nosso ver esse é um preço bastante alto que paga o consumidor e o produtor pelo beneficiamento, estocagem, transporte e embalagem do arroz.

(*) Especialista em Desenvolvimento Agrícola e Comercialização Agropecuária.

O ARROZ NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Antônio Edno Amorim Magalhães (*)
Engenheiro Agrônomo
(Especial para A LAVOURA)



Nós nos orgulhamos
das grandes realizações da **CCPL**

FÁBRICA JOSÉ ARAÚJO-FAJA **FÁBRICA EDUARDO DUVIVIER-FAED**

é que também participamos delas

Levando nossos trabalhos a se desenvolverem em ritmo acelerado, atendendo ao cronograma de construção, podemos hoje dizer, que participamos com a CCPL, nestas grandes realizações, que são a **FAJA** em Juiz de Fora-MG, considerada a maior fábrica de queijos do Brasil e que produz ainda leite em pó e outros derivados e a **FAED** em São Gonçalo-RJ, a mais moderna Usina de Laticínios da América do Sul. Para planejamento, projeto, construção, ampliação e reforma de obras industriais relativas a laticínios, frigoríficos, mercados, etc, consulte-nos sem compromisso:

FÁBRICA JOSÉ ARAÚJO



FÁBRICA EDUARDO DUVIVIER

COSAL

CONSTRUTORA SANTO ANTONIO LTDA



MATRIZ
Rua da Conceição, 137 - sobreloja 107 - Tel.: 718-3184
Niterói-RJ

FILIAL
Rua dos Andradas, 675 - Juiz de Fora - MG

O Estado do Rio de Janeiro é caracteristicamente importador de arroz, apesar de ocupar 41.000 hectares ⁽¹⁾ de seu espaço agrícola com a Rizicultura.

O seu maior centro consumidor, segundo do país, situa-se na Região Metropolitana (Região 1), e possui 8.600.900 almas ⁽²⁾, que demandam o produto oriundo do Rio Grande do Sul, Goiás, Maranhão, Santa Catarina e outras unidades da Federação.

Em 1976 o consumo de arroz da Região Metropolitana Fluminense, atingiu a casa das 294.331 toneladas ⁽³⁾, representando uma demanda anual média "per capita" de 200.031 toneladas a mais de arroz que as 94.300 toneladas de produção estimada para o corrente ano ⁽¹⁾.

Em 1980, portanto, espera-se, com a taxa de consumo médio "per capita" acima, uma demanda de 334.699 toneladas pelos 9.780.800 habitantes ⁽²⁾ que residirão no principal espaço urbano do Estado.

O atendimento desta demanda, mantendo-se o modesto rendimento médio de 2.300 kg/ha ⁽¹⁾, exigirá uma ocupação pela lavoura rizícola de 145 mil 521 hectares, mais que o triplo da área que ela ocupa atualmente no Estado. O incremento deste rendimento médio para os 6.500 kg/ha, que estabelecemos anteriormente como rendimento físico mínimo aceitável ⁽⁴⁾, diminuiria para 51.492 hectares a exigência de área a ser ocupada pela Rizicultura para atender a demanda interna fluminense.

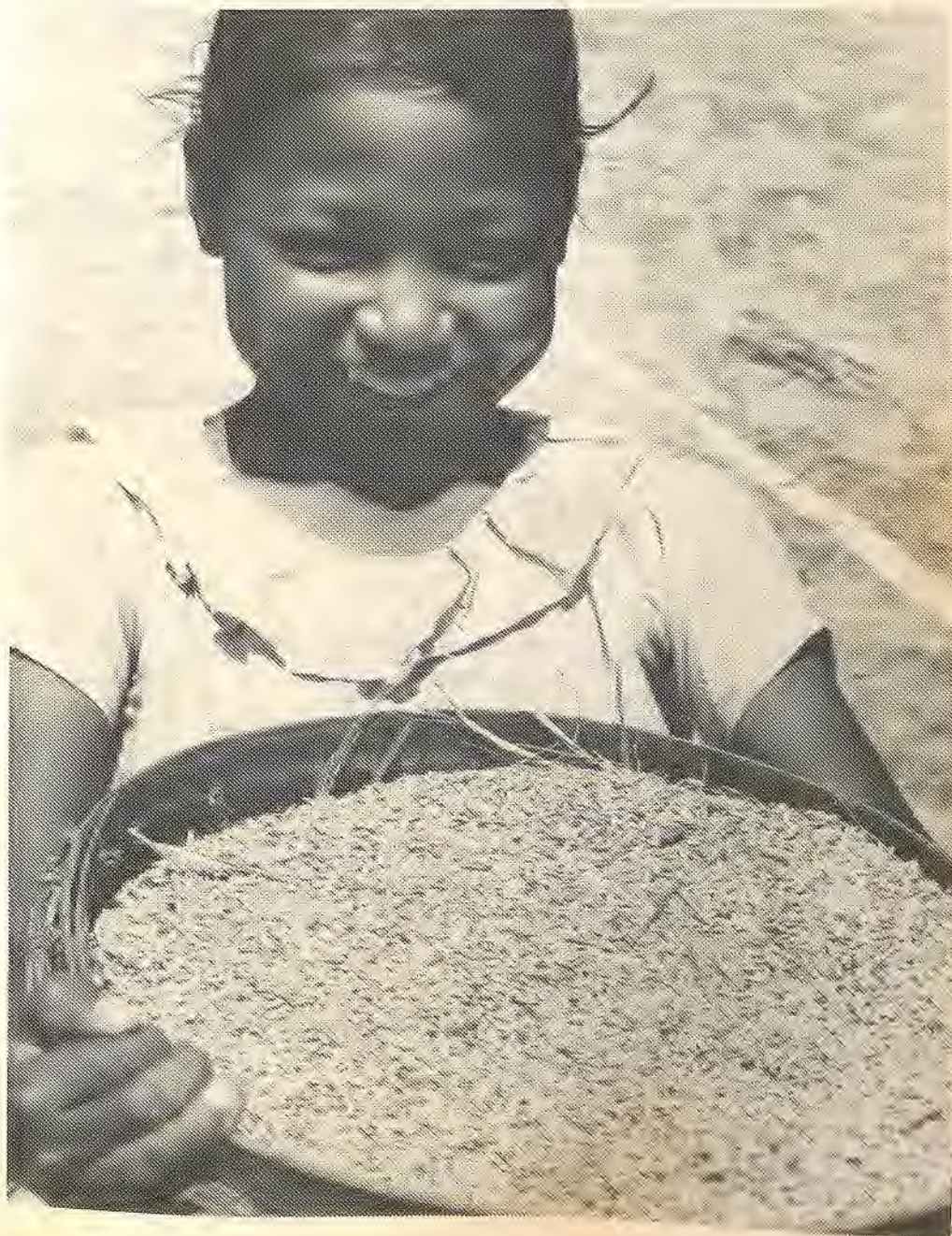
O simples manejo de números, como vemos, dá para resolver os problemas da lavoura arrozeira do Estado, tornando-a mais eficaz no atendimento da demanda interna de seu produto. Na realidade, o uso de tais cifras como metas a serem atingidas, deve ser acompanhado do uso de uma série de medidas que as tornem viáveis e auxiliem no desenvolvimento de nosso subsector agrícola.

O atual quadro vem sendo, porém, mantido, apesar dos esforços dispendidos pelo Governo federal, através a Comissão de Financiamento da Produção, no sentido de aumentar a rentabilidade da cultura, melhorar os rendimentos, enfim, proporcionar maiores retornos aos nossos agricultores.

O próprio preço mínimo estabeleceu para o produto, durante a safra 1977/78, a cifra de Cr\$ 2,84/kg ⁽⁵⁾. Se considerarmos o preço pago pelo consumidor de Cr\$ 8,00 por quilo dos produtos de qualidade inferior, teremos um diferencial de Cr\$ 5,16, o que representa uma valorização de 281%. A nosso ver esse é um preço bastante alto que paga o consumidor e o produtor pelo beneficiamento, estocagem, transporte e embalagem do arroz.

O ARROZ NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Antônio Edno Amorim Magalhães (*)
Engenheiro Agrônomo
(Especial para A LAVOURA)



(*) Especialista em Desenvolvimento Agrícola e Comercialização Agropecuária.

Se, considerados os lucros de cada interviniente, ao preço de Cr\$ 2,84 incorporarmos Cr\$ 0,08 de beneficiamento, Cr\$ 1,00 de estocagem, Cr\$ 0,08 de transporte e Cr\$ 1,00 de embalagem, teremos um preço final de Cr\$ 5,00 para o quilo do produto, ou inversamente, um preço ao produtor de Cr\$ 5,84 por quilo.

Ao montarmos, segundo o Sistema de Produção n.º 1 da EMBRAPA (6), o quadro de custos da cultura por hectare, teremos uma despesa monetária direta de Cr\$ 10.200,00 para a produção de 4 toneladas, que a Cr\$ 2,90/kg (preços de maio de 1978) (1), nos dará uma receita bruta de Cr\$ 11.600,00. Isto sem computar os custos da terra, impostos e taxas, despesas indiretas diversas, amortizações de máquinas, implementos, equipamentos e ferramentas, juros pagos e despesas de administração. Da mesma forma e com o Sistema de Produção n.º 2 teríamos despesas da ordem de Cr\$ 9.432,00 e receita bruta de Cr\$ 10.875,00, para os 3750 kg preconizados pela Empresa.

Com uma rentabilidade (?) de tal ordem, torna-se difícil ao agricultor melhorar seus rendimentos, produzir para o mercado, vez que os grãos que ele colhe

não correspondem à idiossincrasias do consumidor metropolitano, melhorar enfim o seu empreendimento, adequando-o não só às exigências atuais dos compradores finais, como também às suas próprias necessidades de lucro.

Eliminar as amarras da rizicultura, entretanto, não se resolve tão somente com a liberação dos preços finais do arroz, que só atendem aos desejos de maiores lucros dos intermediários do processo de comercialização, mas sim com um maior controle do caminho que ele percorre entre a porteira da fazenda e a mesa do consumidor.

Fontes de Referência

- (1) Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — FIBGE, 1976.
- (2) Estimativa da População Residente por Municípios 1971-80 — SIPE/FIDERJ.
- (3) Estudo Nacional da Despesa Familiar — FIBGE, 1976.
- (4) "Agropower" ou "Agridpowerless"? — A LAVOURA, 1978.

(5) O preço definido pela CFP para o saco de 50 kg de arroz, no Estado do Rio de Janeiro, safra 1977/78, foi de Cr\$ 142,00.

(6) Sistemas de Produção para o Arroz em Várzeas Úmidas EMBRAPA, 1975.

SO E CALVO QUEM QUER !



Use Pílogenio para as doenças do cabelo, do couro cabeludo e da barba, uso a sempre.



PILOGENIO

AS PESSOAS IDOSAS OU NÃO

encontram o medicamento eficaz para os males da bexiga, rins, próstata e uretra.



UROFORMINA

Granulado, efervescente, de agradável sabor.
PRODUTOS GIFFONI

MOINHO F LUMINENSE S. A.
INDÚSTRIAS GERAIS

RUA SACADURA CABRAL Nº 280/290 TELEFONE: 223-8016
CAIXA POSTAL 1.350 RIO DE JANEIRO — RJ

FABRICANTE E DISTRIBUIDOR DOS PRODUTOS:

RAÇÕES BALANCEADAS
para Aves, Bovinos e Suínos

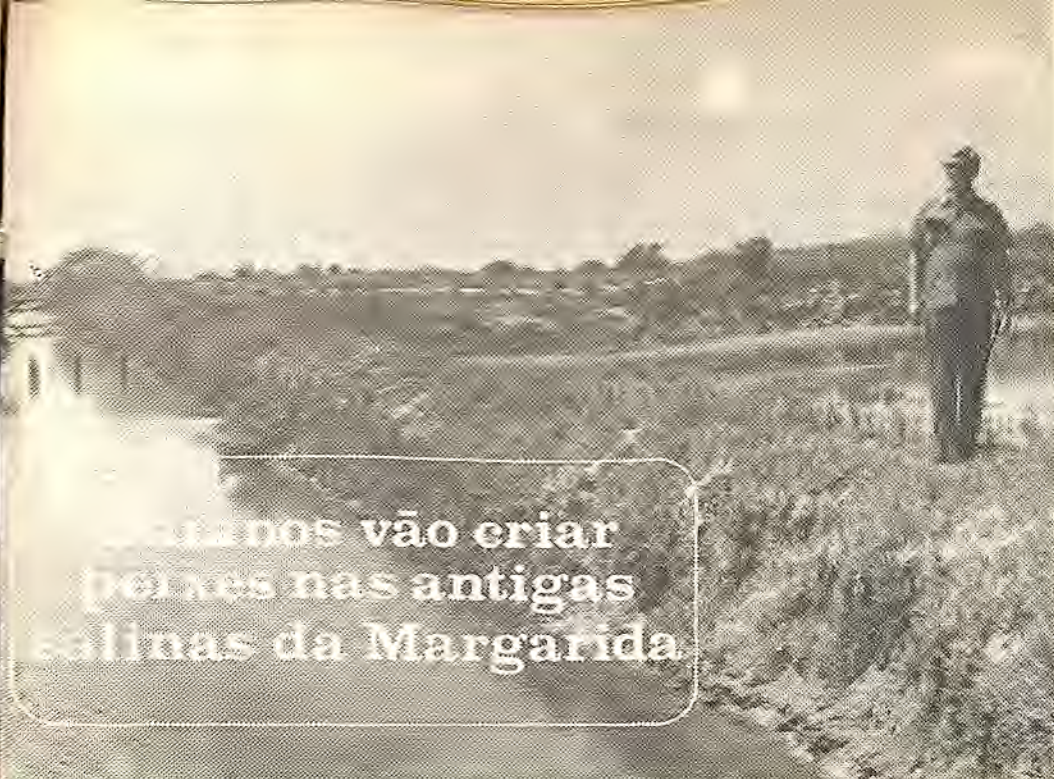
AVEVITA
GADOVITA
SUINOVITA

FARINHAS INDUSTRIAIS
especiais para panificação,
biscoitos e
massas alimentícias

LOIRINHA
SUPREMA
RECORD C

FARINHAS DOMÉSTICAS
especiais para
uso caseiro

BOA SORTE
FAVORITA



O especialista britânico James Shelbourne nas salinas da Margarida.

A produção de aquacultura no mundo em 1975 foi estimada em mais de seis milhões de toneladas, cabendo à China a terça parte deste total. Praticamente ausente desta estatística, o Brasil, o quinto país mais extenso do mundo, com uma fabulosa irrigação hidrográfica e um litoral marítimo relativamente pouco piscoso, resolveu voltar seus olhos para esta atividade econômica, fonte generosa de proteínas, de empregos, de desenvolvimento. Reunindo o *know how* nativo, ampliando as trocas de experiências bilaterais e mobilizando a cooperação técnica internacional, o Governo deslanchou, através de vários organismos oficiais, uma investida destinada a colocar, a médio prazo, a aquacultura brasileira no mapa. Há pesquisas na Amazônia, peixamentos na região do São Francisco, experimentos avançados em São Paulo, iniciativas de Secretarias de Agricultura em várias unidades da Federação, levantamentos em Universidades e há uma experiência particularmente interessante no estado da Bahia, no litoral, em frente a Salvador e do outro lado da ilha de Itaparica.

Salinas da Margarida é o nome do local. Sede de um projeto da FAO para aquacultura, é um lugar até então desconhecido pela maioria dos baianos, um vilarejo "onde havia antigamente umas salinas", designado pelo Código de Endereçamento Postal como 44.450 — Bahia. Salinas da Margarida é tudo isto, por certo, e seu nome vem de fato de salinas que ainda existem, embora estejam fora de operação. Tem uma igreja, um punhado de casas, faz da pesca artesanal sua atividade básica e recebe incursões turísticas esporádicas, ultimamente aumentadas em virtude de rumores de loteamentos rurais na região. Mas as Salinas da Margarida são também a semente de um possível grande desenvolvimento para esta zona bonita do

Recôncavo Baiano. Um projeto bem sucedido de criação de peixes poderá aqui, com investimentos relativamente modestos e prazos seguramente curtos, contribuir decisivamente de forma direta ou indireta, para melhorar a dieta alimentar, o nível econômico e o padrão social de um contingente humano de cerca de nove milhões de pessoas.

A Superintendência do Desenvolvimento da Pesca tem há muito tempo seus olhos postos nestas salinas abandonadas. Sendo a mais informada e capacitada agência governamental para assuntos de pesca, a SUDEPE percebeu o potencial das Salinas e partiu para a montagem de um esquema que lhe permitisse materializar em grande, o que era inicialmente uma idéia de poucos. Depois de entrar em entendimentos com entidades oficiais e privadas, proprietárias ou concessionárias da área — entre as quais a Companhia Química do Recôncavo e um grande grupo econômico particular —, solicitou a colaboração técnica da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, para um estudo de viabilidade e o estabelecimento de uma unidade piloto.

Em razão da urgência atribuída ao projeto, face ao seu dimensionamento inicial e em virtude das características do mesmo, a FAO contribuiu para ele dentro do quadro de seu Programa de Cooperação Técnica. O TCP foi concebido e criado pelo atual Diretor-Geral da FAO com o objetivo básico de permitir à Organização atender a solicitações urgentes e em pequena ou média escala, formuladas pelos Governos dos países em desenvolvimento, com ênfase na solução de problemas relacionados com a produção de alimentos e com a capacitação de pessoal.

A extensão total das Salinas é de 364 hectares, e a área dos tanques, original-

mente destinados à produção de sal a partir da água do mar, é de 1.129.400 m², variando estes tanques, individualmente, entre 5 e 6 mil metros quadrados. O grande trabalho a ser realizado reside, em última análise, na conversão dos tanques destinados a salinas, em tanques destinados a criação de peixes. O especialista da FAO enviado à Bahia para ocupar-se do projeto juntamente com os peritos brasileiros, é o biólogo britânico James E. Shelbourne, que de 1972 a 1976 residiu em Salvador trabalhando como técnico do Governo Britânico em um projeto de cultura de ostras. É um profissional com formação acadêmica de alto nível, somada a uma experiência de muitos anos de trabalho de campo. Shelbourne vê as Salinas da Margarida como um grande desafio, porém um desafio que deve ser enfrentado e pode ser vencido.

Para o técnico da FAO, antes de terem atacados seus problemas nitidamente técnicos, experimentos desta natureza exigem dois posicionamentos subjetivos iniciais, fundamentais para o bom sucesso do empreendimento. O primeiro, já alcançado neste projeto, é o da decisão política das autoridades governamentais, no sentido de fazer o que deve ser feito sem protelações e hesitações, pois sem esta decisão não poderão ser ajustadas as exigências legais, vencidos os interesses alheios ao projeto e transpostas as barreiras burocráticas. E em segundo lugar está a correta colocação filosófica das atividades de aquacultura, por parte dos técnicos que vão montar o esquema e dos particulares que irão operá-lo, quanto ao fato de que "aquacultura, antes e mais do que ser pesca, é agricultura, no sentido nitidamente operacional". Em aquacultura o peixe não é perseguido para ser pescado; ele é semeado para depois ser colhido.

Shelbourne e seus companheiros e técnicos de contrapartida têm um longo trabalho pela frente. O estabelecimento de seu projeto piloto pode vir a exigir ações novas, oriundas de fatos novos, como por exemplo a possibilidade de aproveitar-se um rio local para, fazendo um contraponto com as marés, regular o nível e a salinidade dos tanques. O projeto prevê a vinda de consultores da FAO de especialidades afins à de James Shelbourne e da equipe da SUDEPE, para complementar os estudos indispensáveis. Pode ocorrer ainda que este projeto exploratório do TCP venha a transformar-se em um programa de maior envergadura. O fato é que há um lugar para ele no contexto do esforço desenvolvimentista baiano. Apesar de existirem no estado 28.000 pescadores, no ano de 1974 a produção pesqueira total foi de menos de 25.000 toneladas, o que obrigou o estado a importar, no mesmo ano, quase outro tanto de peixe congelado, salgado e enlatado no sul do país.

O projeto de aquacultura das Salinas da Margarida é o primeiro projeto de larga escala deste tipo a ser instalado no Brasil.

AVEZ DA AGRICULTURA

José Anastácio Vieira
(Ex-Diretor do MA)

Com um total de Cr\$ 250 bilhões, o produto agrícola brasileiro já é o sétimo maior do mundo e, em 1977 — um bom ano agrícola — nosso País foi o segundo nas exportações agropecuárias. Cerca de 2/3 das vendas brasileiras para o exterior são constituídas de produtos agrícolas ou seus derivados.

Apesar de toda essa importância, não temos no Brasil uma política agropecuária global e adequada, desviando-se, às vezes, até para orientações divergentes. A maior disparidade é no tocante à agricultura de exportação e à de subsistência, a primeira com tratamento especial, enquanto a segunda quase desamparada e mesmo prejudicada, sobretudo nos períodos de maior inflação. Acontece, também, que recursos dirigidos ao setor rural são desviados para o mercado financeiro ou utilizados para a compra de terras, que encareceram bastante. Estas distorções dificultam o desenvolvimento e a melhoria da produção dos campos.

No ano passado, a agricultura cresceu quase 10%, índice somente superado duas vezes nos últimos trinta anos, criando um clima de euforia e de esquecimento dos graves problemas agropecuários. Convém lembrar, entretanto, que esse crescimento foi mais devido à recuperação cafeeira (mais 171%). Já para o corrente ano, a produção agropecuária deverá cair 2 a 3% em relação à de 1977, em parte como consequência da estiagem prolongada nos Estados do Sul e Sudeste.

Porém para diversos técnicos, a queda é motivada também pelos baixos preços mínimos de gêneros de primeira necessidade. Outros julgam que combater a inflação é mais importante e, por isso, não concordam com aumentos mais expressivos. Um meio termo daria certo e os cortes nos gastos poderiam ser em outros setores.

Fato desanimador representará a menor produção de milho, soja e arroz, em contraposição aos aumentos previstos para o café, cacau, feijão e amendoim.

Mas, não se referem apenas aos preços os problemas agropecuários. Embora já alcançando cifras elevadas (Cr\$ 200 bilhões), segundo publicações especializadas, o crédito rural somente beneficia 1/5 dos produtores e, ainda assim, de forma altamente concentrada,

pois apenas 3% deles recebem 43% dos recursos. E são poucos os cultivos beneficiados — soja, café, cana, algodão e trigo. À exceção do trigo, os outros quatro destinam-se às exportações e representam mais de 33% do valor bruto da produção agrícola do País, absorvendo quase 59% do total do crédito rural concedido. Enquanto isso, o feijão, a mandioca e o milho, de maior consumo interno, e que totalizam mais de 32% da produção nacional, foram beneficiados com menos de 13% do total do crédito.

As pesquisas, o ensino, a assistência técnica são outros setores que precisam ser muito intensificados, para o aumento imprescindível da produtividade agrícola, principalmente em proveito direto do abastecimento popular, com a eliminação do excesso de intermediarismo e das práticas especulativas.

Repetindo o que vimos afirmando ao longo de mais de vinte anos, inclusive em vários livros publicados, precisamos realizar em prol da agricultura um esforço articulado sem precedentes, tão grande ou maior do que o empreendimento no setor energético. Alimentação abundante e a

prazos razoáveis, para o povo, deve ser a maior meta de qualquer Governo, aliás, sempre prometida e jamais cumprida.

É verdade que, em face da crescente urbanização, o prestígio político da agricultura vem diminuindo, mas a necessidade de alimentar do povo tem aumentado sensivelmente.

Produtividade

Ao próximo Governo cabe a enorme e inadiável responsabilidade de estudar e executar, com decisiva firmeza, o Projeto Agrícola que o Brasil reclama e que há de ser o alicerce do nosso desenvolvimento não só econômico, mas também social e político.

Não devemos — mais uma vez — nos acomodar em face dos excelentes resultados colhidos em 1977, um bom ano-agrícola, principalmente devido à recuperação cafeeira. Se há certos avanços expressivos, existem atrasos e distorções graves, sobretudo em termos regionais, na agricultura de subsistência, no crédito rural concentrado, na comercialização e nas deficiências da infra-estrutura.

Levantamentos efetuados pela Fundação Getúlio Vargas (Grupo de Informação Agrícola do IBRE) mostram o comportamento de alguns produtos do ponto de vista de sua produtividade, no período 1947-75. Observa-se que são bem fracas as taxas de incremento, em termos nacionais, ocorrendo até retrocesso.

Quanto ao arroz, por exemplo, a produtividade média (quilos por hectare) do Brasil, no período 67-75, foi de 1.481 quilos, enquanto a do Rio G. do Sul (quase metade da produção do País) alcançou 3.498 quilos. No período 57-66, a média



nacional fora de 1.581 quilos, maior, portanto, do que a do decênio posterior.

Com referência ao *feijão*, média do Brasil — 627 K, do Rio G. do Sul (8,8% da produção total) — 838 K; *milho*, Brasil — 1.422 K, Santa Catarina (7,7% do País) — 1.926 K; *café* (em coco), Brasil — 26 K, S. Paulo (44,5%) — 30 K; *trigo*, Brasil — 863 K, S. Paulo (1,4%) — 1.044 K; *cacau* Brasil 458 K, contra 343 K no decênio anterior; *algodão* (em caroço), Brasil — 503 K, Paraná (24%) — 1.362 K; *soja*, Brasil, 1.331 K, Paraná (26%) — 1.550 K; e *cana-de-açúcar*, Brasil, 46.276 K, contra 42.886 no decênio anterior. Como se verifica, é inferior o desempenho das culturas de mercado interno, em contraste com as que predominantemente se destinam às exportações. Por isso, muitos técnicos criticam a atual política agrícola e com razão.

Se compararmos a produtividade de algumas culturas no Brasil, Estados Unidos e Austrália, as diferenças contra nós são ainda mais sensíveis. No milho, por exemplo, Brasil, 1.524 K; E.U.A., 5.521 K; Austrália, 2.367 K; arroz, respectivamente, 1.479 K, 5.009 K e 6.253 K; soja, Brasil, 1.536 K; E.U.A., 1.780 K; cana-de-açúcar, respectivamente, 47.817 K, 81.463 K e 80.737 K; trigo, 923 K, 2.123 K e 1.163 K.

Há, pois, um longo caminho a percorrer para levar nossa agricultura ao verdadeiro desenvolvimento, pois os aumentos ocorridos foram obtidos à custa de novas áreas, às vezes até impróprias para determinados cultivos.

Sabemos todos que a evolução agrícola não é obra apenas de Governos, num País ainda de elevado grau de analfabetismo nos meios rurais, de fraca assistência técnica e financeira, de carência de estradas de ferro e caminhos vicinais, de excessiva e onerosa intermediação entre produtores e consumidores, de latifúndios improdutivos e minifúndios anti-econômicos, bem assim de outras deficiências relevantes.

Todavia, a inexistência de uma autêntica política agrícola, global e adequada aos quadros nacionais e regionais, é falha ou erro administrativo que precisa ser sanado ou corrigido, sem mais delongas. Talvez tenha havido várias políticas ao mesmo tempo e, às vezes, contraditórias: tabelamentos, confiscos parciais, quotas e outras intervenções.

Mas, a falha maior é o desamparo das culturas de subsistência para a população. Deixou-se perpetuar a prática generalizada da consorciação com culturas "mais nobres", gerando desinteresse pelos insusmodernos, desde a semente selecionada até a defesa sanitária. Na pecuária de leite e de corte, os tabelamentos rígidos, não compensados por programas de desenvolvimento, cujos horizontes não se estendiam por espaço de tempo suficientemente longo para os demorados investimentos pecuários, conforme ressaltam técnicos da FGV e de outras instituições, bem assim as entidades ruralistas e estudiosos dos problemas do campo. O que se espera do novo Governo, com decidido apoio dos Estados e Municípios, é o maior esforço — tenaz e bem dirigido — em favor da agropecuária nacional.

O CENTENÁRIO DO CONGRESSO AGRÍCOLA DE RECIFE

- Uma lição de sabedoria e de antevisão do futuro.
- Proposições para um programa de desenvolvimento agrícola tão atuais como se fossem de agora.
- A separação da atividade agrícola da industrial na agroindústria açucareira.
- Uma retrospectiva histórica de autoria do engenheiro-agrônomo Amaro Cavalcanti.
- Na próxima edição de A LAVOURA.

ASTENIA SEXUAL

Voronoff revolucionou a Medicina demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e de vigor sexual. Chamamos a atenção da classe médica para a fórmula de TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais.

NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS
OU PELO REEMBOLSO — CAIXA
POSTAL 24.039 — TIJUCA-RIO

Tosse?
X A R O P E
MUSSAMBÊ
eficaz e seguro

MUDAS DE COQUEIRO ANÃO E ÁRVORES ORNAMENTAIS



Ganhe muito, plantando na sua propriedade o coqueiro anão-VERDE VERDADEIRO
Grande produtividade e muito sabor.



Grande variedade de mudas de árvores ornamentais, destacando-se
AMENDOEIRA
MUNGUBEIRA
ARECA BANGUA

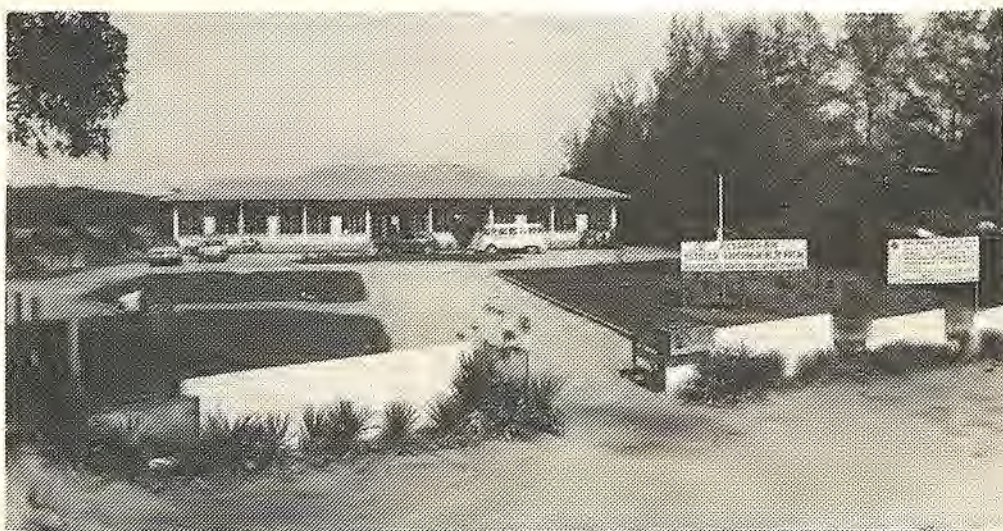
Informações com
Dr. A. de SOUZA PIRES
Rua Aurélio de Figueiredo,
114 — Tel. 394-0896
Campo Grande
Rio de Janeiro — RJ
20.000

Notícias & Informações do Brasil

RIO DE JANEIRO

A ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE MACAÉ

O Estado do Rio de Janeiro encontra-se em posição geográfica privilegiada para a exploração agropecuária, não só pela diversificação ecológica, como também pela proximidade dos grandes centros de consumo, boa infraestrutura para transporte rodoviário e ampla rede de comunicação que possibilita uma efetiva transmissão de informações. Contudo, excluindo-se o tomate, cuja produtividade apresenta um índice satisfatório, há necessidade do desenvolvimento de práticas de cultivo e criação para os demais produtos, pelos baixos rendimentos, que de modo geral, apresentam. Entre os aceleradores do crescimento da economia



agropecuária, desponta a atividade de pesquisa, a cargo da PESAGRO-RIO, criada com o intuito de oferecer essa contribui-

ção. Na foto, a sede nova da Estação Experimental de Macaé, que desenvolve pesquisas com abacaxi, banana e citros.

SÃO PAULO

UM NOVO TRATOR

O novo trator agrícola Massey-Ferguson MF 296, tem um desempenho considerado excelente pelos técnicos do Ministério da Agricultura, segundo seu fabricante. Ele produz 1,10 hectare/hora operando uma grade aradora (foto) de 1.875 kg, com largura de corte de 2,18 metros. O MF 296 possui novo motor Perkins Diesel de 114 CV, nova caixa de marchas com 8 velocidades, sistema hidráulico Ferguson, nova embreagem, nova direção hidrostática, novos freios a banho de óleo e nova suspensão dianteira. Para maior flutuação em terrenos irrigados, pode ser equipado com rodagem dupla traseira, o que aumenta o seu poder de tração.



FINANCIAMENTO PARA AVIÕES AGRÍCOLAS

O Banco Central aprovou um "pacote" de esquemas de financiamento que irá beneficiar o mercado utilizador de aviões da linha agrícola e da linha de aviões leves (4 a 10 lugares) da indústria aeronáutica brasileira, que nos últimos meses vinha se ressentindo bastante da falta de melhores condições de crédito no setor.

Todos os aviões da chamada "Aviação Geral", englobando os 7 tipos fabricados pela EMBRAER, incluindo o IPANEMA, serão financiados pelas Instituições Financeiras Integrantes do Sistema Nacional de

Crédito Rural. Desta forma, todos os agentes financeiros do Banco Central do Brasil (Bancos Comerciais) passam agora a financiar esses aviões com 4 a 5 anos para pagamento, mediante prestações semestrais ou anuais a juros que variam de 17 a 21% a.a.

Destaca a Divisão de Vendas Nacionais da EMBRAER que se trata de condições acima de qualquer expectativa e até agora inexistentes no que diz respeito a aviões fabricados no Brasil, desde que a produção em série da linha EMBRAER/PIPER foi iniciada em 1975.

Também o nosso Banco do Brasil, através de sua carteira agrícola vai financiar diretamente os aviões, nas condições favoráveis acima já expostas.

Há, uma outra alternativa para os que não se enquadrem nos esquemas anteriores ou seja, não têm condições de operar na carteira agrícola dos bancos comerciais e na do Banco do Brasil. Esses poderão desfrutar de um esquema especial de financiamento com prazo máximo de 48 meses, em condições extremamente favoráveis, cuja operação já está sendo realizada pela rede de revendedores EMBRAER espalhada por todo o país.



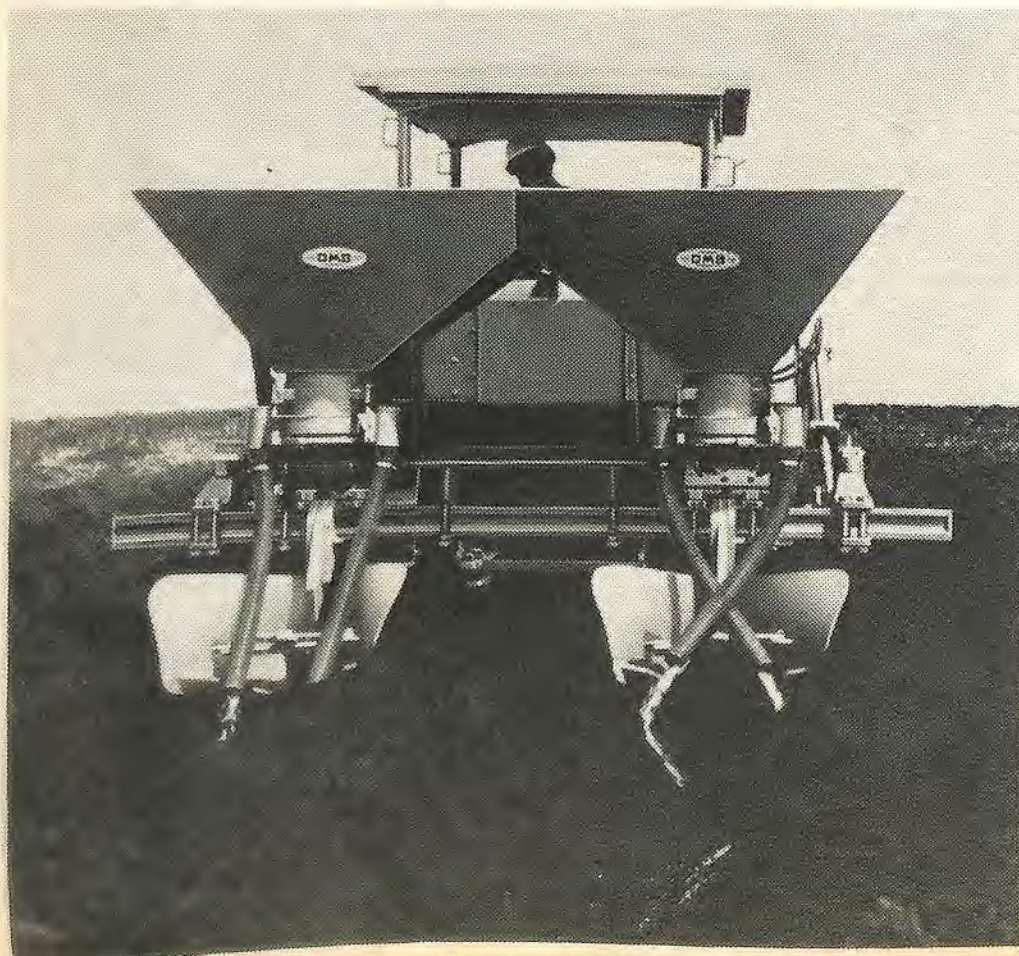
CAVALO ÁRABE: UM BOM INVESTIMENTO



Um crescimento da ordem de 100 por cento ao ano de criadores catalogados pela Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe dá uma boa idéia do desenvolvimento dessa raça no país. Apesar de difundido em todo o mundo, o cavalo árabe apresenta seu maior rebanho nos Estados Unidos, que também é seu maior exportador. No Brasil, a criação vem tomando vulto de alguns anos para cá, principalmente no centro-sul, para os mais diversos fins, destacando-se, todavia, sua utilização na lida de gado e no melhoramento de outras raças.

Além disso é um investimento seguro, pois seus preços ainda são bem acessíveis em relação a outras raças criadas no País. Como se trata de um cavalo melhorador, além de aprimorar o rebanho, apresenta um elevado rendimento para o proprietário, tanto em uma futura venda, como na comercialização dos seus produtos.

O cavalo árabe pode ser considerado de fácil criação, sem gastos elevados e sem maiores preocupações para o criador, por ser um animal rústico e que, em muitos casos, é criado somente em pastos, aclimatando-se em qualquer região.



SULCADOR ADUBADOR

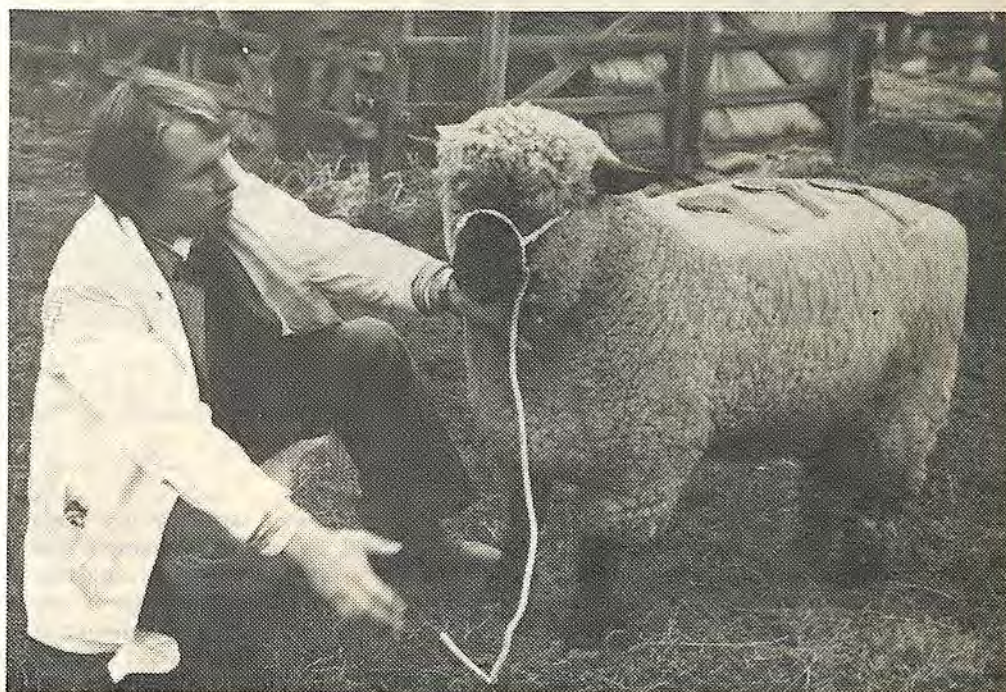
A DMB — Máquinas e Implementos Agrícolas, de Sertãozinho (Cx. Postal 87), acaba de lançar este sulcador-adubador (foto), projetado para 2 linhas de plantio para trator de esteiras de 70 a 90 HP. Dentre as características mais importantes do novo equipamento está a roda de acionamento, cujo suporte é preso na estrutura do trator, possibilitando com isso sua adaptação a qualquer trator de esteira. A roda do pneu é acoplada a um redutor tipo coroa e pinhão, que faz a transferência da rotação. O sistema de acionamento conjunto roda, redutor e cardã é automático, dependendo do hidráulico abaixado e levantado. Quando levantado, a roda "desencosta" da esteira e vice-versa, encostando também automaticamente. A adubadeira é composta de um cilindro, tendo na parte inferior um prato giratório, que funciona como distribuidor. A distribuição do adubo depende não só do sistema adotado, como também do quebrador de pedra que a adubadeira possui no seu interior.

Notícias & Informações Internacionais

INGLATERRA

CARNEIRO DE UMA TOSQUIA

O criador D. K. Timm exibe, orgulhoso, seu carneiro de uma só tosquia, "Oxford Down", campeão da raça no Royal Show deste ano. (Foto BNS)



CAMPEÕES SUPREMOS

Touro charolês de seis anos (direita) e vaca da mesma idade e raça, acompanhados de seu bezerro, desfilam pela arena do Royal Show deste ano como campeões supremos de gado de corte. (Foto BNS)





PLANTIO MECANICO DE ARVORES

Esta máquina de fabricação sueca é capaz de plantar até 8.000 mudas por dia. As sementes são retiradas por sucção de um "container" e levadas para os dois braços, que por sua vez são sincronizados com o escarificador para inserir as sementes na terra. A máquina consiste de um arremessador acoplado a um escarificador e ao plantador propriamente dito. (Foto SIP).

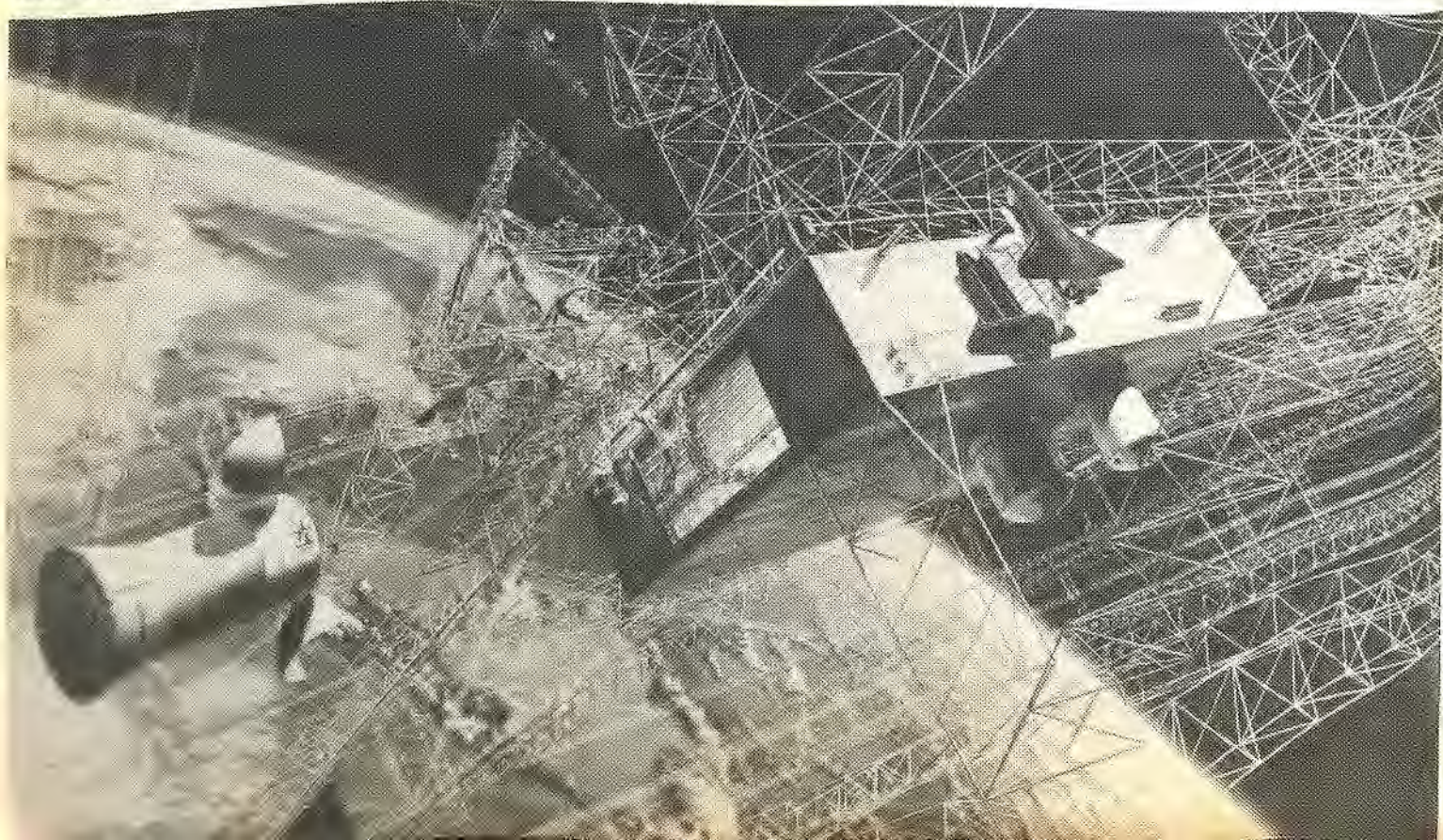
ESTADOS UNIDOS

ELETRICIDADE GERADA NO ESPAÇO

A concepção artística da foto mostra uma usina de energia solar, do tamanho de uma pequena cidade, sendo construída no espaço. Colocado em órbita sincrônica estacionária, a cerca de 36 mil quilômetros de distância da Terra,

esse satélite artificial seria banhado pela luz do Sol 99 por cento do tempo. Ele faria os raios solares gerarem eletricidade, a qual seria transmitida a antenas terrestres. Os técnicos do projeto calculam que umas 45 usinas desse tipo seriam capazes

de igualar a atual capacidade geradora de eletricidade dos Estados Unidos, liberando o carvão, o petróleo e seus derivados para outros usos.





AGROFOTO

O AVANÇO TECNOLÓGICO NA AGROPECUÁRIA

Um dos maiores problemas enfrentados pelo agricultor é o que se refere à melhor utilização de suas terras, ou seja, o melhor aproveitamento de suas riquezas. Em plena era tecnológica, não se justifica mais que o proprietário rural fique limitado aos métodos empíricos, à lavoura tradicional.

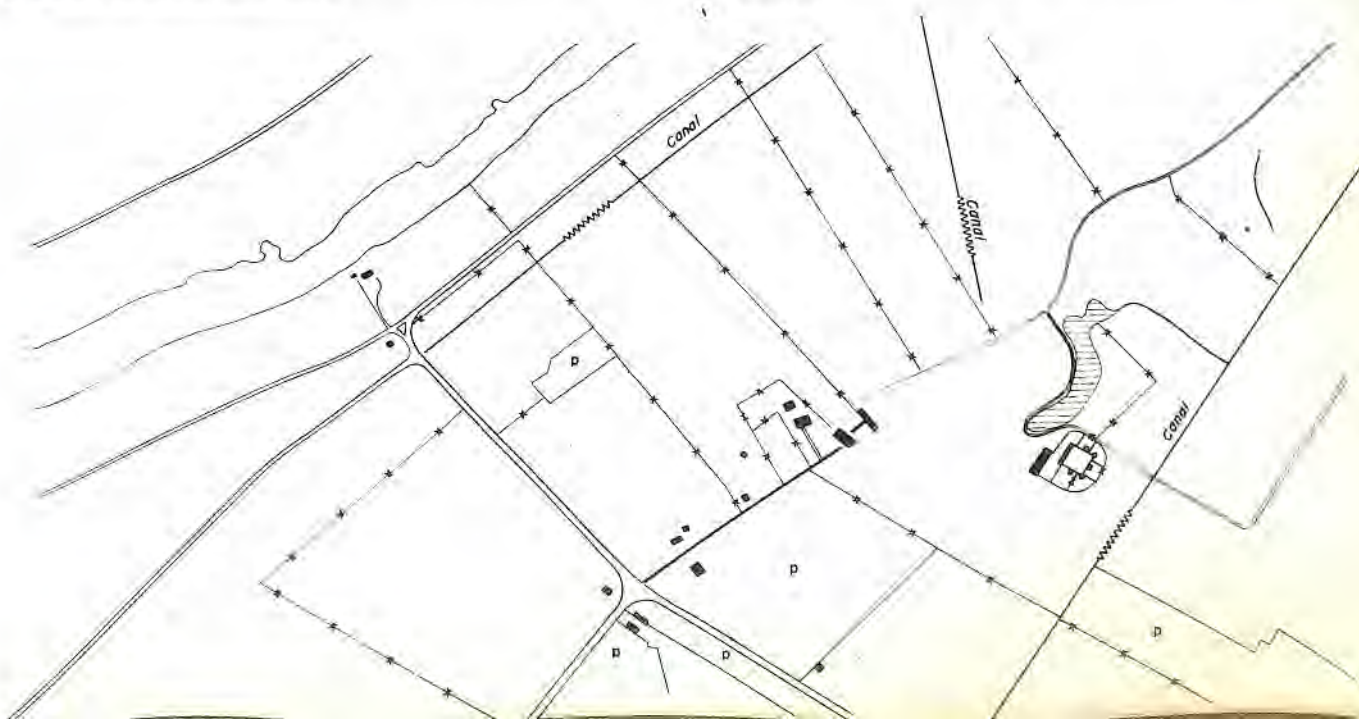
O levantamento completo dos recursos naturais da propriedade é, incontestavelmente, um passo decisivo e a primeira etapa para que venham a ser racionalmente explorados. Neste campo, os serviços oferecidos pelo AGROFOTO — Engenharia Agropecuária Ltda. — são de primordial importância.

A partir de uma tecnologia sofisticada — a interpretação detalhada de fotografias aéreas — a empresa tem condições de oferecer um mapeamento completo do local, que lhe possibilitará o dimensionamento das áreas mecanizáveis e o conhecimento das condições atuais de uso de suas terras.

Paralelamente pode ser fornecido um projeto de controle à erosão e um estudo hidrológico de solos para projetos de irrigação e drenagem, sugerindo as benfeitorias a serem realizadas e os locais ideais para barragens. Isto significa maior produtividade e, conseqüentemente, um aumento considerável nos lucros.

No que se refere à pecuária, a AGROFOTO fornece um mapeamento determinando as zonas propícias para criação e engorda do gado, além do panorama atual de divisão das pastagens, suas medidas e distribuição, o que possibilita ao pecuarista dados de suma importância para seu planejamento de produção.

Estas são apenas algumas das vantagens que a aerofotogrametria pode trazer à agricultura. E, fora de dúvida, um investimento que propicia altos dividendos e excelentes resultados práticos.



O DISCO DA CIDADE E DO CAMPO.

O Disco, uma das maiores redes de supermercados deste país, com um potencial de 45 lojas integrantes e integradas na vida de tantas cidades, em dois grandes estados brasileiros, vem desenvolvendo e cada vez mais ampliando sua retaguarda de abastecimento e hoje representa um grande complexo comércio-industrial.

Começa por sua moderna indústria avícola, instalada em Areal, Município de Três Rios, dotada de todos os recursos e com capacidade para abater 15.000 aves por dia.

Outra relevante iniciativa industrial da empresa foi a implantação da grande Fazenda Disco, localizada em Paraíba do Sul, onde se desenvolve um gigantesco projeto leiteiro. Esse é o Disco da cidade e do campo. Uma organização que permite que se chame suas lojas de verdadeiras casas de fazenda.



O caminho certo.